

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda D'Amato, Hélio Schwartzman,

Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,

Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arjona, Ronaldo Lemos,

Thiago Amparo, Luiz Farias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Faria

DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Narcélio Sândes Amaral (financeira, planejamento e novos negócios), Marcelo Benex (comercial), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupo.folha.com.br

Missão cumprida

Ao mandar 'fuzilar a petralhada', Bolsonaro estimula a violência política e colhe o que plantou

Definindo-se em redes sociais como conservador e cristão e exibindo foto ao lado do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), o policial penal Jorge José da Rocha Guarnhin matou na noite de sábado (9), em Foz do Iguaçu, o militante petista Marcelo de Arruda.

A vítima, que atuava como guarda municipal, comemorava seu aniversário de 50 anos em festa temática do PT, do qual era tesoureiro. Antes de morrer, Arruda feriu seu agressor. Segundo relatos à polícia, Guarnhin havia passado antes de carro pelo local da festa gritando "Aqui é Bolsonaro" e "Lula ladrão".

O chocante assassinato de um petista por um ferrenho bolsonarista cumpre, em certo sentido, missão dada diretamente pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que já incentivou seus simpatizantes a "fuzilar a petralhada". Foi exatamente isso o que aconteceu no sábado.

O presidente sequer disfarçou a hipocrisia ao comentar a morte de Arruda. Depois de escrever em rede social que dispensa o apoio de quem pratica violência contra opositores, emendou: "É esse tipo de gente, peço que por coerência mude de lado e apoie a esquerda, que acumula um histórico invejável de episódios violentos".

Bolsonaro qualifica o assassinato como "uma briga de duas pessoas lá em Foz do Iguaçu" e disse que "ninguém fala que o Adélio é filiado ao PSOL", como se os dois epi-

sódios fossem equivalentes.

Adélio Bispo, autor da facada no presidente na campanha de 2018, de fato foi filiado ao partido de esquerda. Todavia, segundo as investigações, foi considerado inimputável por sofrer de uma doença mental e concebeu, planejou e executou sozinho o atentado.

Desde que assumiu, Bolsonaro abusou de linguagem vulgar e violenta e acumulou episódios de desprezo incivilizado contra adversários políticos, além de escárnio em relação aos demais brasileiros. Seu inflamado "E daí?", ao comentar as primeiras milhares de mortes na pandemia, revela o que passa, sem filtros, pela cabeça do mandatário.

Partidário de armar a população e se exibindo frequentemente atirando ou fazendo o gesto da "amnhã" com as mãos, Bolsonaro estimula o comportamento violento, sobretudo de seus simpatizantes.

Caberá agora às autoridades investigar as motivações do crime e, daqui para frente, tomar precauções no entorno dos principais candidatos à Presidência. Além do assassinato de Arruda, eventos recentes e perturbadores sugerem um período perigoso à frente.

No mesmo sábado da tragédia, o ex presidente Lula fizera elogios a um militante do PT que quase matou um opositor político durante agressão em 2018. Mais do que nunca, será preciso cuidado extremo com as palavras nessa campanha.

Novo mundo

Colapso de moedas digitais não deve interromper onda de inovações tecnológicas e comerciais na área

Uma das vítimas mais notórias das altas dos juros internacionais são as moedas digitais, cujo valor de mercado colapsou. Do recorde de US\$ 2 trilhões atingidos no final do ano passado, cerca de 10 mil moedas criadas em poucos anos caíram 50% em termos agregados, retornando ao valor do início de 2018.

Como em toda inovação tecnológica, há a euforia que atrai novos entrantes e capital. Segue-se a fase de decepção, que seca o dinheiro novo por algum tempo, propicia uma bem-vinda filtragem e abre espaço para que os sobreviventes capturem os lucros da inovação.

Foi assim nas etapas da revolução industrial e, na virada do milênio, com a popularização da internet. Dos escombros emergiram empresas como Google, Amazon e Facebook, com valor de mercado de centenas de bilhões de dólares.

É provável que a derrocada atual leve ao florescimento dos vitoriosos no mundo das moedas digitais, cuja proposta mais abrangente é a de reduzir o poder de intermediários e abrir espaço para maior inovação, barateamento e democratização das finanças e de transações em geral.

A tecnologia de fundo, baseada em registros descentralizados e na validação de transações, sugere

uma evolução da própria internet, que se transformaria numa plataforma em que o controle de dados e atributos pessoais estaria sob poder dos usuários.

A chamada tokenização (a transformação de ativos indivisíveis) no contexto da validação descentralizada das transações, abriria espaço para novos modelos de negócio.

Na prática, o estágio evolutivo ainda não permite discernir como se dará a realização de tamanha ambição. Não é claro, para começar, que as moedas digitais consigam prover melhor alguns atributos essenciais de um sistema monetário, como segurança, estabilidade, eficiência, baixo custo e inclusão.

É arriscado apostar no mundo digital descentralizado e fragmentado como reserva de valor; e as transações ainda são ineficientes, caras e sem regulação que garanta segurança para o público amplo.

Além disso, os governos não abrirão mão de suas prerrogativas de emissores e garantidores, como demonstra o esforço dos principais bancos centrais do mundo em criar moedas digitais oficiais.

Trata-se, contudo, de um mundo monetário novo e fascinante, cujo potencial de inovação não será desacreditado pelo estresse atual.

Violência política

Hélio Schwartzman

Humanos somos um bando de carolas que transformam tudo em religião. A democracia não é exceção. Não é incomum ver as pessoas associando democracia a desenvolvimento econômico e até à realização das mais elevadas potencialidades humanas. Ela seria o maná político institucionalizado. Eclara que, se definirmos tautologicamente democracia como regimes que promovem o bem, fica fácil ligar todas essas coisas. Mas a questão é mais complexa.

Basta ver que existem sistemas ditatoriais, como o chinês, que estão entregando desenvolvimento econômico e até científico sem nenhuma dose de democracia. De modo análogo, Daniela Campello e Cesar Zucchi mostraram, em "The Volatility Curse" (a maldição da volatilidade), que os ciclos políticos na América Latina têm muito mais a ver com os preços das commodities do que com as eleições conscientes dos eleitores. Ao contrário, a economia praticamente impede uma avaliação objetiva do desempenho dos governantes.

O ponto central é que, mesmo que dispnamos a democracia do blá-blá-blá semirreligioso que a cerca e a separemos de outras instituições que costumam acompanhá-la (mas não necessariamente o fazem), como as liberdades individuais e o respeito a contratos, ficando apenas com o uso de eleições para escolher dirigentes, ela ainda é valiosa. Nessa concepção minimalista, defendida, entre outros, por Adam Przeworski, a democracia serve para prevenir a violência política. É que, de um modo geral, vale mais a pena para o grupo derrotado nas urnas passar um tempo na oposição e esperar uma nova chance de assumir o poder do que tentar impor-se pela força. Perdas momentâneas são preferíveis à possibilidade de eliminação definitiva.

É esse arranjo fundamental que está sob risco no Brasil hoje. Lula errou feio quando elogiou o militante que agrediu um bolsonarista, mas Bolsonaro faz muito pior quando sugere que poderá não entregar o poder em caso de derrota.

he@folha.com.br

De novo, o tumor Bolsonaro

Cristina Serra

A morte a tiros do guarda municipal Marcelo de Arruda, em Foz do Iguaçu, evidencia o quanto a violência associada à campanha eleitoral já está disseminada e tende a piorar. Mas o assassinato do militante petista pelo bolsonarista Jorge José Guarnhin não é o primeiro ato de violência política neste Brasil inoculado pelo vírus da brutalidade.

É preciso recuar no tempo. O março zero do ciclo de barbárie é 14 de março de 2018, como o assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, quando o Rio de Janeiro estava, havia um mês, submetido à intervenção federal na segurança pública, algo inédito desde a Constituição de 1988.

A operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) fora decretada por Michel Temer, diante do que considerou o colapso das polícias no Rio. Temer nomeou como interventor o então comandante Militar do Leste, Braga Netto. Como se sabe, a GLO não resolveu o problema da criminalidade (o que supressa). Bolsonaro foi eleito, Braga Netto tornou-se

seu ministro e agora pode ser o vice na chapa do chefe. Até hoje, não se sabe quem mandou matar Marielle.

Outro momento de paroxismo de violência em 2018 foi a facada em Bolsonaro. Nem o fato de ter sido vítima de um atentado arrefeceu sua retórica do ódio, reiterada ao longo da campanha ("vamos fuzilar a petralhada", "vai tudo voar e pra ponta da praia" etc.) e potencializada por meio de ações concretas de seu governo.

A injeção de armas na sociedade, a multiplicação dos clubes de tiro, o salvo-conduto para munições e as operações policiais que afrontam o STF e promovem banhos de sangue em bairros pobres incorporam a selvageria no cotidiano e nos trazem até aqui.

Em agosto de 2020, escrevi neste espaço que Bolsonaro foi assimilado pelas instituições e pela imprensa como ator político natural da democracia assim como um corpo doente se acostuma a hospedar um tumor. Eis aí onde chegamos. Agora, o tumor está perto, muito perto, de explodir.

A caverna mágica

Alvaro Costa e Silva

Além do orçamento secreto, Arthur Lima criou uma sala idem para atender apurados do centrão. Com sessões de mentirinha, que duram um minuto, a Câmara dos Deputados virou um mocó, um valhaçouto, uma caverna oculta.

Nos últimos dias, correndo para escapar às restrições do período eleitoral, foram liberados R\$ 6,1 bilhões da barra secreta, objeto mágico que ao mesmo tempo sustenta o governo e potencializa a corrupção. Um dos absurdos foi descoberto pelo repórter Breno Pires em Pedreira, cidade do Maranhão com 39 mil habitantes, a prefeitura afirma que fez 540,6 mil extrações dentárias. Quer dizer, arrancaram 14 dentes de cada morador. Com ou sem anestesia?

A derrota de dinheiro garante a aprovação da proposta de emenda à Constituição que entra para a história como a mais apaladada de todas. É a PEC das Eleições, mas também a PEC Kamikaze, da Pedalada Fiscal, a dos Bilhões, a do Vale Tudo, a da Bomba Fiscal, a dos Combusti-

veis, a das Bondades, a do Desespero, a do Medo do Lula. Tenha o nome que tenha, é uma fraude, que trata o eleitor como o otário. A bondade tem prazo de validade até o fim do ano. A maldade de jogar o país no abismo, essa fica para depois.

No Senado a votação foi esmagadora. Não surpreende diante da revelação de que a eleição do presidente da casa, Rodrigo Pacheco, desfalçou a barra em R\$ 3,3 bilhões. Pacheco encontrou a CPI do MEC — que implica a chapa Bolsonaro-Braga Netto — para Deus sabê quando.

Em sua cruzada para superar as facanhas de Eduardo Cunha, Arthur Lima age para assegurar que o depois será como o agora. Move-se para que o STF limpe sua ficha suje, antes mesmo de reeleito para o comando da Câmara, articula uma manobra para manter o controle do orçamento secreto, independentemente do resultado das urnas e de quem será o próximo ocupante do Palácio do Planalto. O abraçadobra há de ser um privilégio só dele.

Disputando o passado

Preto Zezé

Presidente Nacional da Cofa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista. Escreve às vezes

Sou da geração que lutou multilutas e ainda trava outras várias, sempre procurando protagonizar a favela em espaços de decisão e pautando nossa agenda como plataforma de potência, rompendo paradigmas impostos que nos reduzem às tragédias e carências.

Procurando mostrar que avanços devem ser sempre comemorados como forma de inspirar, motivar e construir rituais em torno de conquistas. E, assim, ir habitando o nosso imaginário de sonhos, ambições e possibilidades.

Nos últimos tempos, uma das muitas questões que me estimularam e me enchem de entusiasmo foi o fato de o debate histórico sobre o papel de estátuas e heróis nacionais em locais públicos estar na pauta política, pois carrega muitas reflexões importantes e fundamentais em prol da construção de uma narrativa dos que fizeram o país mas nunca tiveram oportunidade de reconhecimento e destaque.

É em São Paulo, a última a abolir a escravidão, que uma mudança de percurso na construção de um novo imaginário das potências de pessoas negras está em curso como resultado de uma construção coletiva e como incorporação de uma agenda preta pelo poder público municipal.

Na cadeira em que Mário de Andrade sentou, hoje quem ocupa o cargo, escalado pelo prefeito Ricardo Nunes, é a secretária de Cultura Alaine Torres, uma mulher preta, filha da Zona Leste. É ela quem está inaugurando estátuas de pessoas negras por toda a cidade.

São personagens heróicas que, no seu tempo, revolucionaram suas áreas; gente que foi apagada e, ou invisibilizada por um enredo que nega a contribuição de pessoas pretas ao país. Mas essas pessoas, durante os 522 anos de existência deste país, deram enormes contribuições e trabalharam muito por ele.

As personalidades são a escritora Carolina de Jesus, o compositor Itamar Assumpção, a matriarca do samba Madrinha Eunice, o compositor Geraldo Figueiredo e Adhemar Ferreira da Silva, este último, primeiro bicampeão olímpico do país, primeiro atleta sul-americano bicampeão olímpico em eventos individuais, recordista mundial do salto triplo cinco vezes e primeiro atleta a quebrar a barreira dos 16 metros nessa prova.

Sabemos o peso que essas escolhas têm, o valor que significam essas conquistas num país que exalta sempre pessoas oriundas da colônia, nomes ligados à ditadura e personagens sempre ligados ao poder instituído.

A história como a conhecemos atualmente não inclui a nossa participação nem as nossas realizações. É necessário portanto reescrevê-la, fazer suas narrativas, disputar o passado e ocupar o presente, serenando o futuro.



TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofoh.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduziram a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Outubro é logo ali, mas é também lá atrás

Eleição trará chance de revisar o passado e mudar nosso futuro

Murilo Clete

Historiador, pesquisa a memória da ditadura militar pelas lentes das novas direitas brasileiras no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná

Ainda vigoravam os "anos de chumbo" quando começou a ser formada, no Brasil, uma memória social crítica à ditadura.

A medida que os militares iam consolidando sua face autoritária e descartando apoiadores de ocasião, de senha-se, a partir de setores liberais que outrora os apoiaram, um quadro que, apesar de seguir relativamente a ruptura institucional do 31 de março de 1964, condenava o fechamento do regime, a censura e sobretudo a tortura nos quartéis.

Desde a viragem que deu início a um ciclo de vitórias eleitorais de lideranças perseguidas pela ditadura, com Fernando Henrique Cardoso, essa memória crítica ao regime passou a ser incorporada a políticas de Estado. E importantes iniciativas foram gestadas, como a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos; o livro-retatório "Direito à Memória e à Verdade"; o projeto Memórias Reveladas; e, claro, a Comissão Nacional da Verdade.

Como se sabe, a CNV deu tração a um projeto até então tímido de revisionismo ideológico. As ruínas, numa espécie de novo surto anticomunista, voltaram a exibir pedidos de outro golpe militar. E em crise com o pacto social de 1988, o Brasil escolheu para governá-lo justamente um representante daquele projeto que sepultou a democracia em 1964.

Mas não qualquer representante. Jair Bolsonaro pode ser considerado o mais radical pelo tensionador à direita da memória sobre a ditadura. Diferentemente de seus colegas, que em geral adotaram uma postura come-dida diante da ascensão desse aparente consenso crítico, Bolsonaro usou a democracia, como parlamentar, para reclamar que os militares mataram pouco e

zombar de torturados e familiares de desaparecidos.

Quando, em sessão da Câmara em 2016, votou a favor do impeachment e homenagem ao coronel Brilhante Ultra, primeiro militar conhecido pela Justiça brasileira como torturador, Bolsonaro mencionou que Ultra seria "o pai de Dilma Rousseff". Na Presidência, Bolsonaro fez o que pôde para debelar essa memória crítica ao regime: barrou homenagens a vítimas; nomeou negociantistas contumazes em postos estratégicos; gelou projetos enviados de história pública; lutou pela extinção da Comissão de Mortos e Desaparecidos; e, ano após ano, através do Ministério da Defesa, insiste na estapafúrdia tese de que os militares de 1964 salvaram o Brasil do comunismo.

[...]

Vitória de Bolsonaro em 2018 foi sintoma da fragilidade desse consenso crítico à ditadura. Com alguma segurança, é razoável supor que uma nação com sólida cultura democrática e rechaço intransigente ao estado de exceção jamais escolheria um apologista da tortura para dirigir seus rumos

A própria eleição de Bolsonaro já é um sintoma da fragilidade desse consenso crítico à ditadura, que talvez tenha vigorado mais nos círculos acadêmicos do que propriamente na sociedade civil. Com alguma segurança, é razoável supor que uma nação com sólida cultura democrática e rechaço intransigente ao estado de exceção jamais escolheria um apologista da tortura para dirigir seus rumos.

Muito se diz, com razão, sobre a oportunidade que o Brasil terá, em outubro, de revisar a decisão tomada em 2018. Essa também é uma chance de olhar com mais atenção para o passado.

Assim que argumenta que se trata apenas de memória, e que o passado ao museu pertence, basta olhar para o presente. Nunca houve tantos militares da ativa no governo e nunca se ameaçou, com tanta desfaçatez, uma nova escalada golpista. Paranoico, o governo abriu fogo contra quase todos os órgãos de Estado que atuam com alguma independência.

Esse é um governo que também protesta contra as limitações impostas pelo Judiciário às liberdades individuais, mas não perde a oportunidade de acioná-lo para calar críticos dos mais inofensivos, que tem graves problemas com transparência; que culpa os próprios assassinos em uma Amazônia a cada dia mais militarizada; e que chama de "marginal" um brasileiro executado numa câmara de gás.

Se é preciso superar o passado da ditadura, é condição anterior e urgente conhecê-lo. Assim como é para ontem um consenso social consistente de condenação ao autoritarismo militar. Outubro é logo ali, mas é também lá atrás.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/painel-do-leitor leitor@grupofoh.com.br

Cartas gerais: Barão de Limero, 435, São Paulo, CEP 03313-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço.



Charge de Laerte publicada na página A2 da Folha de 3 de outubro de 2017. Laerte

Laerte avisou

Laerte avisou, aqui nesta Folha. Produziu a charge que aponta o dedo para o fascismo nosso de cada dia, que ajudou essa escumalha armada, corrupta e assassina a chegar ao poder. Todos nós seremos afetados, de uma forma ou de outra.

José Marcos Thalenberg

(São Paulo, SP)

Não falta mais

Laerte de saber quando a Folha e outros veículos de comunicação, de qualquer coloração partidária, vão se unir para, em uma só voz, exigir que o presidente pare de incitar a violência contra adversários ideológicos e pare de promover o ódio no país? Se estava faltando um cadáver, agora não falta mais.

Walter Macedo Filho (São Paulo, SP)

Cristão?

"Cristão e conservador" anda pela rua, no meio da noite, procurando confusão, invadindo festa alheia e assassinando o dono da casa? Que tipo de "cristão" (sic) é esse? Nunca leu Romanos 13:9?

Marcos Fernando Dauner (Joinville, SC)

Estamos vendo a tragédia anunciada. Apareceu uma foto do assassino debaixo d'água fazendo o sinal de arminha com as mãos, cobrindo o seu mito. Até quando o senhor Araz vai permitir que esse presidente agressivo continue instigando o ódio e levando armas à população? E só ver a sua declaração referente ao episódio; destila mais ódio em vez de se solidarizar com a família enlutada. E o senhor Lira? Só vê \$\$\$ quando olha para Bolsonaro. O que mais precisa acontecer para que esse ser do mal seja contido?

Cecília Camurri (São Paulo, SP)

É inconcebível e fora de qualquer senso de lógica que uma pessoa sensata e alfabetizada, que se diga temente a Deus, defensora dos ensinamentos de Cristo — do "ama te próximo como a ti mesmo" — e falando em nome de Jesus, defenda, ao mesmo tempo, que todos devam andar com armas de fogo nas mãos!

Bismail B. Moraes (Guarulhos, SP)

Dabolinha de papel atirada na cabeça do Serra, passamos a bombas, ataques aéreos, tiros e intimidações. Maluco não tem safra, tem estrutura e incentivo. Atirar arma, fezes e agrotóxicos em opositores, disparar tiros no petista Marcelino Arruda... Quem não se lembra dos anos de chumbo? Explosões em bancas e em sedes de jornais, na OAB, até chegar ao episódio do Riocentro. Bolsonaro comemorava crescentes clubes de tiro movidos por uma ideologia violenta, de dominação. Assujeitados a esses atos criminosos, seguimos nessa escalada de violência.

Anete Araújo Guedes (Belo Horizonte)

Socorro

Bolsonaro reclama de repercussão de assassinato de petista e cita Adelfo e PSOE (Política, 11/7). Quero lembrar ao presidente que ainda está na Presidência o vídeo em que ele disse que no voto não iria mudar nada, apenas se houvesse uma guerra civil na qual se matariam 30 mil. E disse que era preciso fazer o que o regime militar não fez. Alô, Supremo, alô ONU, alô Tribunal de Haia e sei lá mais quem!

Gilberto Gusmão de Cruz (Maringá, PR)

Mentiroso, hipócrita, covarde. Agora vem querer falar que não tem nada a ver com essa morte. Vive fomentando o ódio, fazendo apologia da morte, incentivando o uso de armas. Fala em "metralhadora a pentalhada" e ainda diz que não tem culpa.

Bianca Moreira (Brasília, DF)

Tem a ver sim. Incitou, incitou e agora tenta sair de fininho. E falar da facada? Pelamora... Flávia Fonseca (São Paulo, SP)

Nunca antes de Bolsonaro havia aparecido um presidente que incentivasse de todas as formas a violência. O símbolo da arminha tornou-se a marca registrada do bolsonarismo. Nas urnas tentos de afastar esse mal em definitivo. Ana Marques (Jundiaí, SP)

Estupro no hospital

"Anestesiado é preso em flagrante por estupro de paciente durante cesariana no RJ" (Coitadão, 11/7). A mulher com a barriga aberta, com as vísceras quase expostas, dopada e sendo estuprada... Isso é pior do que os piores filmes de terror. Josi Gomes (Brasília, DF)

Estou em cho que! Que venha logo o meteorito para acabar com a espécie humana. Essa criação com certeza não veio certo. Patrícia Floriano Pedrosa (Brasília, DF)

Desta vez é impossível o Gremerj sentar em cima do crime e encobrir a verdade. César Medeiros (Niterói, RJ)

Que monstro! Que monstro! Notícia difícil de ler e de comentar. Alguns seres humanos não deveriam ter nascido. Maria Aparecida Araújo Pinto (Campinas, SP)

É tão absurdo e tão incivilizado que se torna quase inacreditável. O que faz com esse naipe de exemplar do espécie humana? Glória Rachel Wajnstein (São Paulo, SP)

Pondê Mais uma vez, o colonista Luiz Felipe Pondê destila o seu veneno sobre a esquerda, colocando Bolsonaro e Lula no mesmo balaio ("Nilismo político prático", 10/7). Não, Pondê, a eleição de Bolsonaro não foi culpa do PT; foi culpa dos eleitores — entre os quais talvez você — que viram em Bolsonaro um meio de o país se livrar do PT e da esquerda. Beatriz Guerra (São Paulo, SP)

O colonista trata com desrespeito o maior partido organizado do Brasil, com penetração em todas as camadas da população, classificando-o como uma gangue. Quer a colocar a ação desse partido no mesmo nível da de Bolsonaro, a quem critica pela sua estupidez, incompetência e oportunismo. Não se trata de farinha do mesmo saco. Lamentável. Sérgio Guedes da Fonseca Neto (Araquá, SP)

Irretocável o texto de Luiz Felipe Pondê desta semana. Parabéns pela lucidez e coragem. Gilberto Assad (São Paulo, SP)

A fome e o oportunismo

Entre o teto de gastos e a vida, ficaremos sempre com a vida

Jean Paul Prates

Senador (PT-RN), 41º da memória. Foi relator do PLP 11/2020, que altera as regras de cobrança do ICMS sobre combustível, e do PL 1.472/2020, que cria uma carteira de compensação para os preços de derivados de petróleo

O Brasil retrocedeu a passos largos neste governo, e agora Bolsonaro acelerou rumo ao precipício em que já foram jogados o bem-estar social e a institucionalidade. As escolhas equivocadas, e por vezes criminosas, nas áreas econômica e social se somam a um cenário externo desfavorável, multiplicando a inflação e o desemprego que aumentam a fome e derubam a renda.

Os dogmas do ministro da Economia, Paulo Guedes, impediram a execução de uma estratégia de mitigação da volatilidade internacional dos preços dos derivados de petróleo, como propôs em projeto aprovado pelo Senado, que cria a conta de estabilização de preços de combustíveis.

Os preços internacionais já sobem há mais de um ano, e o governo se limitou a culpar governadores por cobrar impostos que financiam educação e saúde. Sofrem os destinatários dos serviços públicos, em especial os mais carentes.

A austeridade foi retomada ainda em meio ao recrudescimento da pandemia em 2021, e se determinou que os valores pagos no Auxílio Emergencial correspondiam, no referido ano, a 26% do aplicado em 2020. Agora, às portas das eleições, o governo se propõe a novamente flexibilizar o teto de gastos, com a criação de um estado de emergência artificial.

Alfaias, observa-se que o arcabouço atual engessa a política fiscal, impedindo seu uso para estabilizar a economia e gerando incentivos à sua fle-

xibilização discricionária, com efeito oposto do que se espera de uma regra. Em vez de previsibilidade, a certeza é que qualquer coisa pode acontecer.

A minoria atuou no Senado para suprimir esse tal estado de emergência, mas não obteve os votos necessários. Por outro lado, conquistou a supressão do dispositivo que afastava restrições legais de toda natureza em relação às medidas da PEC.

A esculhambação jurídica atingiu o paroxismo: não fosse nossa atuação, a Constituição diria que as leis não valem para as ações que o governo adotou no estado de emergência. Incluimos ainda a vedação

de uso dos recursos para publicidade e troca de cartões, limitando os valores a pagamento dos benefícios.

É fundamental que o debate prosiga na Câmara, sobretudo em relação ao ilegítimo estado de emergência. Há que se reconhecer a mitigação de danos no Senado, e defendê-lo: o governo não conseguiu aprovar o cheque em branco, e a legislação eleitoral deverá ser cumprida.

Apesar das excessões, no atual momento a decisão posta é de aliviar ou não o quadro social que assola o país. Des de aço, defendemos o Auxílio Emergencial de R\$ 600. O PT foi o criador do Vale Gás. Denunciamos o descontrole na política de combustíveis. Tentamos construir soluções. O governo proteceu e preferiu o apoio eleitoral: passado dezembro, os auxílios somem. Após o voto, quando não for mais necessária a simpatia popular, o governo voltará a tolerar a fome.

O ex-presidente Lula já comparou esses auxílios a um picolé, do qual vai restar apenas o palito nas mãos dos mais pobres. No livro "A Pátria de Chateaur", o dramaturgo Nelson Rodrigues escreveu que "sem sorte não se chupa nem um Chiclete". Você pode engasgar com o palito ou ser atropelado pela carrocinha. No Brasil de Bolsonaro, virou o ano e fica só o azar.

A minoria segue denunciando a intenção de driblar a legislação eleitoral, mas não faltaremos à população carente, que sofre com o caos em curso. Entre o teto de gastos e a vida, ficaremos com a vida.

[...]

A esculhambação jurídica atingiu o paroxismo: não fosse nossa atuação, a Constituição diria que as leis não valem para as ações que o governo adotou no estado de emergência

política

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Não passarão

A campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) decidiu dobrar a aposta e reforçar a estratégia de mobilização mesmo após o assassinato de um militante em Foz de Iguaçu (PR), no sábado (9). A estratégia foi discutida em reunião do conselho político da coligação. A partir desta semana, a ideia é criar o "Sextou com Lula", para estimular a militância toda semana a ocupar estações de metrô, bairros e ruas. Os partidos também decidiram fazer ações em redes sociais todo dia 13, número do PT.

CARA, CRACHÁ Com o aumento do número de seguranças para Lula, funcionários da campanha do petista passaram a usar identificação em eventos e reuniões. O objetivo é que os responsáveis pela proteção do candidato consigam perceber intrusos mais facilmente.

RAÍ-TIM-BUM Poucas horas após a morte de um petista por um bolsonarista em Foz de Iguaçu (PR), o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) comemorou seu aniversário de 38 anos com um bolo decorado com uma arma e projéteis. Uma foto dele com a mulher e a filha de 1 ano ao lado da guloseima foi postada numa rede social.

EXPERT Candidato ao governo de Minas Gerais, Alexandre Kalil (PSD) fechou com o publicitário Juliano Corbellini para sua campanha. Estudioso de marketing político, ele é autor de um livro sobre a "eleição disruptiva" que levou Jair Bolsonaro (PL) à Presidência em 2018.

DISTÂNCIA Lula (PT) manteve-se em silêncio sobre a morte do ex-presidente de Angola José Eduardo dos Santos, na sexta-feira (8). O petista tinha grande proximidade com o angolano, que ficou 38 anos no poder, em um governo marcado por corrupção e desrespeito aos direitos humanos.

CAMISA 10 Lula visitou diversas vezes o país africano e foi importante para abrir portas para empresas brasileiras. Em uma viagem, já como ex-presidente, deu uma camisa da seleção a dos Santos, usou seu avião e foi a evento na fundação do angolano. Também o elencou como testemunha de defesa em uma ação penal.

OLHOS E OUVIDOS Com a meta de ficar entre os mais votados no estado, Guilherme Boulos (PSOL) lança nesta terça (12) o conselho político de sua candidatura a deputado federal. O grupo conta com mais de 40 nomes, entre eles André Singer, Bel Coelho, Christian Dunker, Raquel Rolnik e Jessé Souza.

ESTRATÉGIA Com poucas chances de derrubar no voto a PEC Camilozze, a oposição vai centrar forças em suprimir a expressão "estado de emergência", que permite a criação de benefícios em ano eleitoral. A estratégia é deixar aberto o caminho para questionamento no Supremo.

com Guilherme Neto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elísios | 01202-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-705-0000

Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 31º MES	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 4º AO 12º MES	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MES	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.
MG, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50
		R\$ 17,64 ano

*A vista com entrega de entrega de 12 di. Cargo de distribuição 1,6%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)

253.501 exemplares (maio de 2022)



O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em sessão do Congresso

Imagem de: J. Aguiar/Agência

Congresso repudia violência, e reação de Bolsonaro expõe divergências na campanha

Ala política do governo federal e centrão queriam posicionamento mais firme do presidente após assassinato de militante petista

BRASÍLIA A cúpula do Congresso reagiu nesta segunda-feira (11) com manifestações de repúdio aos atos de violência política no país depois do assassinato do guarda municipal petista Marcelo de Arruda pelo policial penal bolsonarista Jorge José da Rocha Guarani, em Foz de Iguaçu (PR).

A ala política do governo e congressionalistas do centrão chegaram a pedir, sob reserva, um posicionamento mais firme do presidente Jair Bolsonaro (PL) com recados para uma pacificação.

Expondo divergências na campanha, porém, o chefe do Executivo evitou endossar a sugestão e tentou propagar um discurso atrelado a práticas violentas à esquerda.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), jogou para os dois líderes das pesquisas de intenção de voto, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Bolsonaro, a responsabilidade de conter seus militantes.

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), apoiador de Bolsonaro, criticou a violência, "ainda mais decorrente de manifestações políticas" e pregou "tolerância" e "paz".

A reação pública de Bolsonaro e de aliados contrariou parte do entorno do chefe do Executivo sobre o episódio.

Integrantes da campanha tentaram fazer com o que o presidente se antecipasse à vinculação do assassinato à sua militância e se pronunciasse sobre o crime ainda na manhã de domingo (10).

Bolsonaro, porém, comentou o caso no fim do dia e apenas republicou mensagem de 2018 em que diz dispensar "qualquer tipo de apoio de quem pratica violência".

Além disso, em vez de falar sobre o assassinato em si, o chefe do Executivo tentou propagar o discurso de que a violência é uma prática da esquerda, não da direita.

Também seguiu a mesma estratégia de outros casos que respingaram negativamente no governo e procurou rebater jornalistas e influenciadores nas redes sociais.

Seus aliados seguiram a mesma linha e afirmaram que o governo Bolsonaro é responsável pelos menores índices de homicídios nos últimos anos.

Apesar de defenderem declarações de repúdio do mandatário, alguns parlamentares governistas afirmaram que o Executivo não se será prejudicado caso a oposição explo-

re os episódios de violência.

Argumentam que a lógica se assemelha com as denúncias de corrupção contra o MEC (Ministério da Educação), em que é possível rebater com acusações contra o PT.

Afirmam ainda que o próprio Jair Bolsonaro foi vítima de violência política, ao receber facada nas eleições de 2018 — e que esse assunto certamente será recuperado se a esquerda buscar condenar o bolsonarismo pelo clima de animosidade.

Na Câmara, Lira é aliado de Bolsonaro, político que insufla o antipetismo e que já chegou a usar termos como "fuzilar a petralhada" — frito que tem sido lembrado em meio aos desdobramentos do caso. "A campanha eleitoral está apenas começando", escreveu o deputado em nota nesta segunda. "Conclamo a todos pela paz para fazer nossas escolhas políticas e votar nos projetos que acreditamos. Esta é a premissa de uma democracia plena e sólida, como a nossa."

Reação mais contundente veio de Pacheco, que citou nominalmente tanto Bolsonaro como seu principal adversário no pleito, Lula.

As ações recentes de violência política foram ligadas ao bolsonarismo, como o lançamento de uma bomba caseira contra um ato de Lula no Rio e ataques também com extremos contra o veículo do juiz que prendeu Milton Ribeiro.

Lula, porém, foi criticado por ter agradecido o ex-vereador Manoel Eduardo Marinho, conhecido como Maninho do PT, em seu discurso durante ato em Diadema (SP). Maninho se uniu ao réu sob acusação de tentativa de homicídio qualificado contra o empresário Carlos Alberto Bettini, empurrado em 2018.

"Esse companheiro Maninho, por me defender, ele ficou preso sete meses [...], por que resolveu não permitir que um cara ficasse me xingando na porta do Instituto [Lula]", disse Lula no sábado (9).

"Eu quero em teu nome agradecer a toda solidariedade do povo de Diadema. Porque foi o Maninho e o filho dele que tiveram nessa batalha. Obrigação de Maninho. Essa dívida que eu tenho com você, jamais a gente pode pagar em dinheiro, a gente vai pagar em solidariedade, em companheirismo", continuou.

Em relação ao assassinato do militante petista em Foz



A responsabilidade deles [Lula e Bolsonaro] é muito grande, de ter responsabilidade na fala, na forma de conduzir, não adiantar jogar a culpa para os outros. Não é o caso. Eles têm de repudiar qualquer ato de violência, seja praticado por um lado, seja praticado pelo outro

Rodrigo Pacheco (PSD-MG) presidente do Senado

de Iguaçu, Pacheco classificou as cenas de "repugnantes, chocantes, expresso pura, infelizmente, do momento político de muito ódio, de muita intolerância". "As pessoas estão se matando, matando umas as outras por motivo ideológico, motivo político".

A seguir, ele falou sobre a responsabilidade dos líderes políticos. "Especialmente daqueles que disputam a eleição e que têm debaixo de si uma grande militância política, uma aceitação e adeptos no Brasil todo. E me refiro ao presidente Bolsonaro e ao presidente Lula", disse.

O presidente do Senado lembrou que os dois pré-candidatos têm quase 80% das intenções de voto. "A responsabilidade deles é muito grande, de ter responsabilidade na fala, na forma de conduzir, não adiantar jogar a culpa para os outros. Não é o caso. Eles têm de repudiar qualquer ato de violência, seja praticado por um lado, seja praticado pelo outro."

Após a morte de Marcelo de Arruda em Foz de Iguaçu, na noite de sábado (9), Bolsonaro e Lula se manifestaram.

O petista condenou um "discurso de ódio estimulado por um presidente irresponsável". Já Bolsonaro buscou se desvincular: "Vocês viram o que aconteceu ontem, né? Uma briga de duas pessoas lá em Foz de Iguaçu. Bolsonarista não sei o que lá. Agora, ninguém fala que o Adelfo é filho do PSOL, né? A única coisa que eu tenho é essa que está nas mãos de vocês aí."

Em sua primeira manifestação, ainda no domingo, o presidente disse que dispensava o "apoio de quem praticava violência contra opositores", e também atacou a esquerda.

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) se manifestou, por meio de seu presidente, dom Waldir Oliveira de Azevedo. O comunicado da entidade diz que "a insinuação que transforma uma festa de aniversário, momento de alegria e fraternidade, em cenário de violência e morte não deve ser a referência para o exercício da cidadania".

A conferência também rejeitou qualquer mensagem dividida em junho, mas qualificava a facilidade para se obter armas. "Urge não fechar os olhos diante da loucura da corrida armamentista", Renato Machado, Danielle Brant Matheus Teixeira e José Marques

O BTG reconhece você.
Obrigado por fazer
o mesmo por nós.

Depois de reconhecidas como as
melhores em Research e Trading,
as equipes do BTG Pactual
também foram eleitas as
melhores de Sales e Corporate
Access da América Latina.

O ranking produzido pela Institutional Investor é o mais relevante do segmento
e permite que todo o mercado financeiro selecione os profissionais por sua
excelência analítica e assertividade.

É uma honra e um orgulho receber esse reconhecimento.

**Institutional
Investor**

Dê um BTG
na sua vida.
btgpactual.com

btgpactual

política

PT quer federalizar inquérito, mas PGR antecipa ser contra

Petistas lembram investigação inconclusa sobre agressão a militantes no PR

Catia Seabra, Victoria Azevedo e Marcelo Rocha

SÃO PAULO E BRASÍLIA O PT decidiu pedir a federalização das investigações do assassinato de um militante do partido no Paraná, mas a Procuradoria-Geral da República já antecipa que considera a atribuição sobre o caso da Justiça estadual.

Advogados se dedicaram à redação do pedido nesta segunda (11), mas a PGR disse que as apurações seguem curso normal no estado, sem indícios, até agora, de omissão por parte das autoridades locais.

Um dos argumentos dos petistas é que até hoje não terminaram as investigações sobre os tiros disparados contra o ônibus da caravana do partido no interior paranaense em 2018. E que o que houve neste mês de semana não é caso isolado.

Em nota, o governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD), disse que a Polícia Civil do estado tem a maior média de resolução de homicídios do Brasil e que solicitou ao secretário de Segurança Pública "celeridade e transparência nas investigações e que as mesmas ocorram sem interferência política".

Marcelo de Foz, tesoureiro do PT em Foz de Iguaçu, foi morto no fim de semana em sua festa de aniversário, após invasão do local por um apoiador de Jair Bolsonaro, Jorge Guarani.

Integrantes da cúpula do Ministério Público Federal ouviram pela Folha ponderaram que o autor do crime está identificado, preso e as circunstâncias sobre o fato em apuração.

Avallaram, apesar da descalça da violência e de toda a tensão na campanha, que o caso de Foz de Iguaçu é considerado uma situação específica.

Lembram também que houve pedidos negados para federalizar as investigações dos assassinatos da vereadora Marielle Franco (PSOL-RT) e da missionária Dorothy Stang.



O caixão com o corpo de Marcelo de Arruda chega ao cemitério

Na abertura de reunião do conselho político do ex-presidente Lula nesta segunda-feira, a presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou que, diante da liderança da oposição nas pesquisas de intenção de voto, Bolsonaro está estimulando uma "guerra suja".

A imprensa Gleisi disse que Lula avallou que "nunca tivemos uma situação dessas em campanhas políticas no Brasil". Disse que é preciso um "contraponto institucional" e o apoio do Congresso e do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) campanhas alertando sobre a violência política e a importância de uma eleição pacífica.

Também disse que os partidos da coligação ainda estudam como formular manifestação junto ao TSE para que Bolsonaro e seu partido, o PL, sejam responsáveis. "Toda a vez que tiver uma frase galto do Bolsonaro para ativar um ato de violência ele ou o PL tem que responder por isso".

Gleisi também convidou outros partidos e campanhas a se juntarem nessa iniciativa. Questionada se o PT busca

o diálogo com a equipe de Bolsonaro, afirmou que isso seria "ridículo, porque a campanha dele que está fazendo todo o movimento de ódio".

"Não vivíamos isso no processo eleitoral brasileiro. Isso é recente e tem nome e endereço. É o movimento que foi

PT envia orientações de segurança antes de ato com Lula no DF

O PT enviou orientações a apoiadores que vão ao ato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em Brasília nesta terça (12). O partido pediu para que os militantes evitem se expor a situações de risco, andem em grupos e levem uma camiseta neutra caso precisem ficar sozinhos. "Não aceite provocação de bolsonaristas infiltrados. Não discuta nem agreda nenhum provocador. Ações heroicas podem causar riscos desnecessários", diz o texto.

deflagrado por Jair Bolsonaro", afirmou.

Ela disse ainda que a campanha não se intimidará com esses casos e que não haverá mudanças no esquema de segurança de Lula.

"Tudo o que precisava encaminhar de segurança da campanha já está sendo encaminhado. Nossa principal segurança é o povo na rua e a mobilização", continuou.

Antes da reunião começar, os participantes fizeram um minuto de silêncio em homenagem a Marcelo Arruda.

No começo do encontro, foi distribuído aos presidentes dos partidos um documento intitulado "A escalada da violência política contra a oposição no Brasil", que reúne casos desde o assassinato de Marielle Franco, em março de 2018, até o assassinato de Arruda.

O texto inclui frases de Bolsonaro, como a declaração de 2018 em que então candidato à Presidência afirmou "vamos fuzilar a petralhada".

"Estimulados pelo discurso de ódio de Bolsonaro, apoiadores, militantes e terroristas

agrem praticando impunemente no país", diz o documento. Lula recomendou cautela aos aliados. Segundo participantes da reunião, disse que a tendência é que esse quadro de violência piora ao longo da campanha eleitoral, mas que as pessoas não podem se deixar intimidar.

Disse ainda que haverá grandes atos em estados como São Paulo e Minas Gerais e que não se deve responder às provocações com violência. "Traduzindo o que Lula recomendou, vamos responder com flores", disse o presidente da UGT (União Geral dos Trabalhadores), Ricardo Patah.

A coligação em torno do nome de Lula nas eleições reúne PT, PSB, PSOL, Rede, PV, PCdoB e Solidariedade.

Segundo Raimundo Bonfim, que coordena Central de Movimentos Populares, Lula realizou várias vezes o desejo de ir às ruas durante a campanha.

O presidente do PSOL, Juliano Medeiros, sugeriu que a coordenação da pré-campanha denunciasse formalmente a autoridades a violência política nesse período pré-eleitoral.

A ideia é sugerir que o conselho político, composto por presidentes de partidos aliados, encaminhem pedido de ajuda a órgãos como CNJ (Conselho Nacional de Justiça), OAB (Ordem de Advogados do Brasil), CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o próprio STF (Supremo Tribunal Federal).

Representantes dos partidos terão reunião na Procuradoria-Geral da República nesta terça (12). Na quarta (13), eles deverão reunir com o ministro do Supremo Alexandre de Moraes, que irá presidir o TSE a partir de 12 de agosto.

O senador Randolfe Rodrigues (Rede AP) afirmou que o TSE precisa "criminalizar o apito do cachorro". A cada fala, a cada gesto da campanha nesse sentido [de incitação de ódio] deve ser aplicada uma multa, tanto ao candidato quanto ao partido", disse.

Gleisi afirmou ainda que o PT irá oferecer assistência jurídica aos familiares de Marcelo de Arruda, destacando um advogado assistente para acompanhar o processo.

Segundo relatos, Lula falou ao telefone no domingo (10) com Pamela Sueilen Silva, viúva de Marcelo. O contato foi intermediado por Gleisi, que esteve no velório.

Entenda o caso

Qual a motivação do crime?

A delegada Jane Cardoso afirmou que a hipótese de motivação política para o crime contra o petista é investigada e que a polícia também investiga os Arruda e Guarani já se conheciam. "A informação que temos a priori é de que eles se conheciam, mas não há histórico que tenha havido uma divergência ou briga anterior". Segundo ela, a esposa de Guarani afirmou que ele é diretor do local onde ocorreu a festa. A companheira de Marcelo de Arruda, Pamela Silva, porém afirma que ninguém na festa conhecia o agressor e que só ficaram sabendo que ele era agente federal no hospital. Jane Cardoso não está mais no comando do caso, embora continue participando dos trabalhos. O PT a criticou por causa de postagens contra o partido em rede social feitas anos atrás. Segundo a Secretaria da Segurança Pública do Paraná, a responsabilidade agora é da delegada Camila Ceconello, da DHPP (Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa). Uma equipe de investigadores vinda de Curitiba reforça os trabalhos, diz o órgão, "para garantir celeridade na apuração dos fatos".

Qual a ligação do militante morto com o PT?

Arruda era tesoureiro do PT municipal. No partido havia mais de dez anos; ele concorreu a vereador e a vice-prefeito pela sigla em eleições municipais recentes.

O caso pode ser federalizado?

O PT defende que sim. O partido irá pedir a Procuradoria-Geral da República que as investigações fiquem sob atribuição federal. Afirma que até hoje não houve conclusão das investigações estaduais sobre um ataque a tiros contra o ônibus da caravana do ex-presidente Lula no interior paranaense, em 2018, e que o caso de Foz de Iguaçu não é uma situação isolada.

O que aconteceu com o agressor?

Nesta segunda-feira, a Justiça decretou a prisão preventiva de Guarani. A decisão veio após a prisão em flagrante do autor, no domingo e pedido do Ministério Público do Paraná e do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco), que acompanha as investigações. De acordo com o MP-PR, a Justiça entendeu que o policial penal colou em seu rosto a ordem social, "se revelando necessária a contenção cautelar para evitar a reiteração criminosa".

O crime pode acirrar ainda mais a disputa eleitoral?

Sim. Outros episódios de violência contra o PT têm sido registrados nos últimos dias. Na quinta (7), um evento com apoiadores do petista na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, foi alvo de um artefato explosivo. Como a Folha mostrou, a Polícia Federal decidiu antecipar e reforçar o aparato de segurança do ex-presidente Lula.

Quem é o assassino do político petista?

O policial penal [trabalha em unidades prisionais] bolsonarista Jorge José da Rocha Guarani, que matou o guarda municipal petista Marcelo de Arruda, é um dos diretores da associação onde o crime aconteceu, segundo a Polícia Civil do Paraná. Guarani, que foi baiano, se define como conservador e cristão. Ele usa as redes sociais principalmente para defender Bolsonaro, se diz contra o aborto e as drogas e considera arma sinônimo de defesa.

Bolsonaro reclama e diz não ter nada a ver com morte

Raquel Lopes

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) se reuniu com apoiadores nesta segunda (11) e criticou a forma como está sendo divulgada a morte do militante petista Marcelo Aloizio de Arruda, assinado a tiros no sábado (9) por um policial penal bolsonarista.

"Vocês viram o que aconteceu ontem, né? Uma briga de duas pessoas lá em Foz de Iguaçu. Bolsonarista não sei o que lá. Agora, ninguém falou o que o Adélio é filiado ao PSOL, né? A única mídia que eu tenho é essa que está nas mãos de vocês aí", disse a apoiadores na saída do Palácio da Alvorada.

Adélio, autor da facada em Bolsonaro na campanha de 2018, foi filiado ao partido. Segundo as investigações, ele concebeu, planejou e executou sozinho o atentado. Foi considerado imprudente por ter doença mental e cumpre medida de segurança em um presídio federal.

No último sábado, um policial penal federal bolsonarista invadiu uma festa de aniversário e matou a tiros o guarda municipal e militante petista Marcelo Aloizio de Arruda, em Foz de Iguaçu (PR).

O petista reagiu e disparou contra seu agressor, Jorge José da Rocha Guarani. A Polícia Civil do Paraná a princípio disse que Guarani também tinha morrido, mas a in-

formação depois foi corrigida. Ele permanece internado.

A delegada responsável pelo caso, Jane Cardoso, diz que a hipótese de motivação política para o crime contra o petista é investigada, e que ainda está sendo apurada se a razão foram divergências políticas.

Horas depois, Bolsonaro voltou a falar do caso no Palácio do Planalto. Ele citou a Folha ao criticar a forma como a imprensa tem veiculado a notícia. "Chegaram vídeos para a gente antes do crime em si. O cara fez um boletim de ocorrência, diz ele que chegou lá gritando 'sou Bolsonaro'. Agora eu vi em letras garrafais na Folha de São Paulo: 'Bolsonarista mata'. Quando o Adélio me esfaqueou ninguém falou que ele era filiado ao PSOL. Agora o que eu tenho a ver com esse episódio em Foz de Iguaçu? Nada", disse.

Questionado sobre frase que teria dito sobre "fuzilar petistas", Bolsonaro disse que seria no sentido figurado.

Bolsonaro é desde antes de chegar à Presidência um dos principais políticos que insinuam o antipetismo e já chegou a usar termos como "fuzilar a petralhada" — fato que foi lembrado por eleitores em meio à repercussão do caso em Foz de Iguaçu.

"Você sabe o que é sentido figurado? Você sabe o que é sentido figurado? Você acha que... Você estudou português

na faculdade ou não?", disse.

Na primeira manifestação do domingo (10), ele disse que dispensa o "apoio de qualquer tipo de violência política contra opositores", mas, no mesmo pronunciamento, atacou a esquerda.

"Dispensamos qualquer tipo de apoio de quem pratica violência contra opositores. A esse tipo de gente, peço que por

coerência mude de lado e apoie a esquerda, que acumula um histórico desigual de episódios violentos", escreveu.

A manifestação do presidente foi publicada em seu perfil nas redes sociais após as 18h, depois que praticamente todos os espectros políticos já haviam manifestado o repúdio.

Bolsonaro, na conversa com os apoiadores nesta segunda-feira, também atacou ministros do STF (Supremo Tribunal Federal). Citou principalmente o ministro Edson Fachin, que hoje preside o TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Segundo Bolsonaro, Fachin não aceita que o pessoal técnico das Forças Armadas converse com o pessoal técnico do Tribunal.

"Quem age dessa maneira não tem qualquer compromisso com a democracia. Deixem bem claro, Fachin foi quem tirou o Lula da cadeia. Fachin sempre foi o advogado do MST", declarou.

Fachin disse na sexta (11) que as eleições no Brasil não se condicionam à produção de um resultado que confirme a vontade isolada de um ou de outro ator político.

Em discurso de encerramento dos trabalhos do tribunal neste semestre, o ministro não citou as ameaças políticas de Bolsonaro, mas mandou indiretas ao chefe do Executivo, que já o atacou em diversas oportunidades e costuma

dizer que as urnas eletrônicas não são auditáveis.

No ocasião, Fachin afirmou que o TSE oferece "todos os meios legítimos de auditoria".

Mourão minimiza caso e afirma não ver motivação política

BRASÍLIA O vice-presidente Hamilton Mourão disse nesta segunda (11) ser lamentável a morte do militante petista Marcelo Aloizio de Arruda por um policial penal bolsonarista. Mas minimizou o caso ao falar que ocorre "no final de semana", com "gente que provavelmente bebe e aí extravasa as coisas". Para ele, essa ocorrência não deve ser explorada politicamente.

"É um evento lamentável. Ocorre todo final de semana em todas as cidades do Brasil, gente que provavelmente bebe e aí extravasa as coisas. [Errou] todos da área policial. Um era guarda municipal, o outro agente penal. Vejo de uma forma lamentável isso aí", disse.

Não queríamos fazer a exploração política disso aí. Vou repetir o que eu estou dizendo e nós vamos fechar esse ciclo", completou o general e pré-candidato Senado pelo Rio Grande do Sul, RL.

Uma briga de duas pessoas lá em Foz de Iguaçu. Bolsonarista não sei o que lá. Agora, ninguém falou que o Adélio é filiado ao PSOL, né? A única mídia que eu tenho é essa que está nas mãos de vocês aí

Jair Bolsonaro (PL)
presidente da República

Casos de violência política dispararam no país, aponta estudo

Comparação com ano eleitoral de 2020 mostra que o pior ainda pode estar por vir, diz pesquisador da Unirio

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Angela Pinho

SÃO PAULO O número de casos de violência contra lideranças políticas, como o assassinato do tesoureiro do PT Marcelo Arruda, já é maior na primeira metade deste ano do que no mesmo período do último ciclo eleitoral, o pleito municipal de 2020.

A constatação é do Observatório da Violência Política e Eleitoral, formado por pesquisadores do Giel (Grupo de Investigação Eleitoral) da Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

Considerando-se os primeiros seis meses do ano, em 2020, ano de eleição municipal, foram registrados 174 casos e, em 2022, 214, um aumento de 23%.

O grupo considera lideranças políticas ocupantes e ex-ocupantes de cargos eletivos, candidatos, ex-candidatos, pre-candidatos e determinados funcionários da administração pública (ministros, secretários de governo e assessores).

É o caso de Arruda, que, além de guarda municipal e tesoureiro do PT, havia concorrido a vereador e a vice-

prefeito pelo partido nas últimas eleições municipais.

O boletim trimestral sobre violência política do Giel é feito com base no acompanhamento de veículos de comunicação. As informações obtidas em reportagens e sites de veículos de comunicação são usadas para descrever mortes naturais, acidentes ou sem razão conhecida.

O grupo considera violência política contra lideranças os atos de ameaça, agressão, homicídio, atentado, homicídio de familiar, sequestro e sequestro de familiar.

O recrudescimento da violência política já havia sido observado no primeiro trimestre deste ano, quando o Observatório registrou a ocorrência de 113 casos, 28% a mais do que no mesmo período de 2020.

Já no segundo trimestre, foram 131 episódios, 17% a mais do que há dois anos. O caso do petista entrará no próximo boletim.

No período mais recente analisado, ou seja, de abril a junho, o tipo de violência mais frequente foi ameaça, com 37 casos (36,6%), seguida de agressão, com 27 casos (26,7%), e homicídios, com 19 casos (18,8%) (veja gráfico ao lado).

Segundo o cientista político

Felipe Borba, coordenador do Giel, a comparação entre anos eleitorais é a mais adequada, devido à tendência de os casos acompanharem o calendário dos pleitos. E isso o preocupa atualmente.

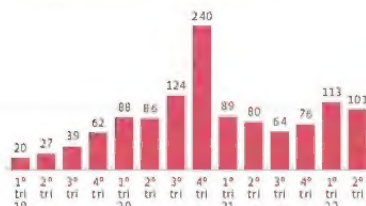
"Caso se repita o que foi observado na eleição municipal, a grande escalada de violência começa agora", afirma. Em 2020, o número de episódios de violência política aumentou 44% do segundo trimestre para o terceiro, e 93,5% entre o terceiro e o quarto trimestre.

A região Nordeste teve o maior número de assassinatos (10) e, pela primeira vez, o Paraná liderou o ranking, com quatro casos, algo que, segundo o boletim, "chama atenção por ser algo incomum até então".

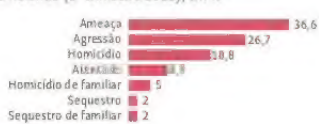
Considerando-se o país todo, Borba afirma que o atual aumento da violência política em relação a 2020 não era esperado porque a eleição federal e estadual tem muito menos candidatos do que a municipal, quando as 5.568 cidades do país elegem prefeitos, vices e vereadores.

Em sua avaliação, a alta neste ano decorre de dois fatores. Por um lado, a violência política estadual e federal se soma à municipal, que é predomi-

Violência política do 1º semestre de 2022 supera a do mesmo período de 2020



Tipo de violência (2º trimestre 2022), em %



Perfil político das vítimas (2º trimestre 2022), em %



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral/Unirio

minente no país. E, por outro, afirma, o Bolsonaroismo usa a linguagem da violência como estratégia eleitoral, o que acaba incitando apoiadores.

"As eleições brasileiras sempre foram polarizadas, mas nunca houve pelos candidatos estímulo à violência, falar em metralhar", diz.

Na campanha de 2018, o presidente Jair Bolsonaro, então candidato ao cargo, chegou a falar em "fuzilar a petralhada".

Cobrado pela declaração neste final de semana, Bolsonaro publicou em rede social horas após o assassinato de Arruda que dispensa o "apoio de quem pratica violência contra opositores".

Para Borba, qualquer ato de violência contra liderança política é muito grave porque mina a democracia e ainda fere a liberdade de expressão. "Reduz a participação e a legitimidade dos eleitos e deixa

as pessoas com receio de manifestar sua opinião", afirma.

Diante do acirramento das tensões no país e dos ataques de Bolsonaro ao processo eleitoral, ele diz temer que ocorra em grandes proporções algo pouco comum no Brasil: a violência pós-eleitoral, como ocorreu recentemente nos Estados Unidos e na Bolívia.

Por enquanto, o assassinato do tesoureiro petista em Foz de Iguaçu (PR) não é a regra da violência política observada nos últimos três anos, que tem perfil mais local.

Estudo de Borba em parceria com Viniçius Israel, Miguel Carnevale e Pedro Bahia mostra que, no ciclo das eleições de 2022, as lideranças políticas vítimas de violência eram majoritariamente do sexo masculino, brancos, com alta escolaridade, dos pequenos municípios e filiados a partidos da centro direita.

Por outro lado, a chance de um homicídio ocorrer era maior contra políticos não brancos e de baixa escolaridade.

Por enquanto, a dinâmica predominantemente local se mantém. Segundo o boletim mais recente do Observatório, a maior parte dos alvos da violência política do segundo trimestre de 2022 eram vereadores (48,5%) e prefeitos (10,9%).

Mas acontecimentos recentes têm aumentado a preocupação com a segurança do pleito deste ano. Na quinta-feira (7), um evento com apoiadores de Lula na Camêlândia, no centro do Rio de Janeiro, foi alvo de um artefato explosivo.

No último dia 15, apoiadores do ex-presidente foram alvo de drone com um líquido antes de um ato com a presença de Lula em Uberlândia, Minas Gerais.

Como a Folha mostrou, a Polícia Federal decidiu antecipar e reforçar o aparato de segurança do ex-presidente.

“O SENHOR DA ESTRATÉGIA”

Forbes



50 OVER 50. QUEM SÃO AS PESSOAS QUE SÓ MELHORAM COM O TEMPO EM 10 CATEGORIAS.

SIG BERGAMIN
MARCIO KOGAN
ISAY WEINFELD
ARTHUR CASAS
ISABEL DUPRAT
BEATRIZ MILHazes
ADRIANA VAREJÃO
VÍK MUNIZ
ABRAQUEM AL-CÂNTARA
BOB WOLFENSON
KATLEEN CONCEIÇÃO
DOLLY DE MELLO
MIGUEL NICOLLEIS
SÉBASTIA EBBEIRO
CARLOS AFONSO NOBRE
XUXA
SILVIO SANTOS

CLÁUDIA RAIA
ANDRÉIA BELTRÃO
ABY FORTOURA
ELIZABETH RODRIGUES GOMES
TÚLIO MARAVILHA
MARCELO TOSI
ANTÔNIO TENÓRIO DA SILVA
BETO PANDIÃO
MANSO BROWN
MÔNICA MAITELLI
MÁRIO SÉRGIO CORTELLA
BRUNA LOMBARDI
NIZAN GUANDES
OSKAR METSAVAIRT
LENNY NIEMEYER
GLÓRIA COELHO
ADRIANA BOZZON

RICARDO ALMEIDA
ROBERTO CARLOS
HERMILTO PASCOAL
RITA LEE
IVETE SARGALO
GILBERTO GIL
HELIO MATTAR
SUELI CARNEIRO
VERGÍLIO MAURÍCIO VIANA
JOEL SCALA
RAÍ
ALEXANDRE COSTA
EDUARDO BARTOLOMEU
MARCOS MOLINA
ABRILIO DINIZ
JOSE CARLOS SEMENZATO

JÁ NAS BANCAS E NO APP

política

Ex-engraxate, petista era conhecido por atuação social e tolerância política

Guarda assassinado por bolsonarista em Foz do Iguaçu nasceu em favela e deixa esposa e 4 filhos

Artur Rodrigues

FOZ DO IGUAÇU (PR) Assassinado por um bolsonarista no último sábado (9) em Foz do Iguaçu (PR), o guarda municipal Marcelo de Arruda, 50, nasceu na favela e começou a trabalhar como engraxate. O interesse político e pelas questões sociais nasceu daí.

Desde cedo, porém, soube conviver com as diferenças e tinha amigos das mais variadas ideologias. Ex militar e guarda, convivia-se dava bem com muitas pessoas mais à direita, incluindo bolsonaristas.

Segundo amigos e familiares, ele jamais teria iniciado uma briga como fez o bolsonarista que invadiu sua festa e o matou — o homem foi baleado e segue internado.

Marcelo deixa a esposa, Pamela, um bebê de 40 dias, uma menina de 6 anos e dois filhos mais velhos de um primeiro casamento.

"Eu conheço o Marcelo há muito tempo e ele nunca pegou em quem eu votava", diz Francisco Veldur, 65, agente patrimonial na cidade e colega de trabalho de Marcelo.

Quem o conhecia diz que fugia muito do estereótipo de agentes de segurança. Inclusive, era bastante discreto ao portar a arma e não era do tipo que vivia guardando nela.

Parceiro de rua na Guarda, Arlei Silva conta que era o motorista, enquanto Marcelo era quem fazia as abordagens. Já enfrentaram casos, por exemplo, de troca de tiros, embora sem feridos. Mas isso era uma exceção.

"As situações eram controladas, não havia verbalização, não havia brigas", diz Arlei. De acordo com ele, ambos trabalhavam na mesma região onde moravam, logo, eram bastante conhecidos e faziam um trabalho de policiamento comunitário.

Segundo os amigos, Marcelo gostava mesmo era de patrulhar pelas ruas, conversar com as pessoas e era muito popular nos bairros pobres da cidade.

"Ele tinha duas paixões: a Guarda e a política", diz Alexandra Moisés de Arruda, 49, mãe de dois dos quatro filhos de Marcelo. Na atuação na guarda, uma coisa não se discutia da outra.

O engajamento poderia passar tanto por levar quem estivesse precisando ou a visitar a até um hospital ou se juntar a colegas de trabalho para ajudar meninos de uma favela. E, claro, também melhorar as



Velório do guarda municipal Marcelo de Arruda, assassinado domingo (10) em Foz do Iguaçu

Paula Ladeira/PR/Imagem

condições da Guarda da cidade — pouco antes de morrer, havia conseguido uma vitória para a categoria, dizem amigos. Atualmente, Marcelo era diretor da executiva do Sindicato dos Servidores Municipais de Foz do Iguaçu (Sismufi).

Na política partidária, Arruda era tesoureiro do PT. No partido haviam mais de dez anos, ele concorreu vereador e a vice-prefeito pela sigla em eleições municipais recentes.

Ele entrou no partido a convite e, desde aquela época, surgiu a admiração pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sindicalista como ele.

"A política estava na veia do Marcelo desde sempre", completa Alexandra.

A luta pelas questões sociais começou cedo na vida do rapaz, então com 20 e poucos anos, por meio das questões do sindicato. E a origem de Marcelo, que viveu na pele

a desigualdade do país, pesou nesse olhar.

Marcelo foi criado na favela dos Bancários, em Foz do Iguaçu. Boa parte desse tempo foi vivido sem nem mesmo energia elétrica em casa.

A família só começou a sair de lá quando o irmão mais velho arrumou um emprego em Itaipue, aos poucos, melhorando as condições da família.

"Ele começou a trabalhar como engraxate, como todos nós. Como sempre passava um moço vendendo picolé e ele gostava muito, eu coloco esse apelido nele", diz o irmão mais velho, Luiz Donizete Arruda, 54, hoje aposentado.

Famílias dizem que Marcelo tinha uma personalidade de inquérito e vivia sempre fazendo descobertas.

Musicalmente, tinha gosto eclético e também gostava de ler de tudo. Um dos livros que admirava era as Vi-

as Abertas da América Latina, de Eduardo Galeano, lembra um dos sobrinhos dele, Thiago de Arruda, 32.

"Meu pai era uma pessoa que, depois de velho, sempre estava querendo aprender alguma coisa e passar para a ge-

te", diz o filho mais velho, Leonardo de Arruda, 26.

O corpo do militante petista foi velado e enterrado em Foz do Iguaçu.

No início da tarde desta segunda, sob aplausos, o corpo deixou o Brasil em que foi velado. O caixão estava enroscado em uma bandeira do PT e o outro da Guarda Civil Metropolitana de Foz de Iguaçu.

O corpo foi levado em cortejo pelas ruas da cidade e passou em frente à sede da guarda local. O enterro ocorreu por volta das 15h30 no Cemitério Municipal Jardim São Paulo, na cidade paranaense.

Durante as despedidas de Marcelo, ele foi chamado de herói. Amigos e familiares relataram que nos momentos finais ele conseguiu salvar os presentes na festa.

"Lembrem que ele se arremessou em frente à sede da guarda. Não usou capa, não voa, não solta ralo pelo olho. Mas é um herói que salva vidas. E que a gente possa ter essa história como ensinamento, vamos acabar com essa história de ódio", disse o filho dele, Leonardo de Arruda, 26.

Ele foi enterrado com uma toalha com a imagem de Lula. Roseli Scheffer, amiga de Marcelo na Guarda Municipal por quase 30 anos, descreveu o militante como alguém sempre de bom humor.

"Se teve um cano que mediantes as piores situações, tentava ver a parte boa, foi o Marcelo. Ele nos deu uma história de amor pelo próximo", disse. Marcelo foi velado em um ginásio esportivo na cidade, com

a presença de familiares, colegas de trabalho e militantes políticos. Além dos parentes, diversos colegas do PT de Foz do Iguaçu, da qual Marcelo era tesoureiro, e da Guarda Municipal compareceram ao local. Entre os familiares, apesar de o clima de comício, a reportagem ouviu relatos de que há um sentimento de vontade de levar adiante os ideais de Marcelo.

Guarda municipal teve encontro com Bolsonaro em 2017

FOZ DO IGUAÇU O guardamunicipal e militante petista Marcelo de Arruda, assassinado por um bolsonarista em Foz do Iguaçu (PR), já havia tido um encontro amistoso em 2017 com o então deputado federal Jair Bolsonaro — hoje no PL e presidente da República.

Anos antes, segundo colegas de Marcelo, o encontro ocorreu para tratar de uma questão sindical, devido a pleitos de guardas municipais sobre a categoria ao então deputado.

"A gente foi para Brasília por causa da reforma da Previdência, era uma mobilização dos guardas municipais. A gente foi para Brasília para que incluíssem os guardas municipais no texto da reforma, colocando a gente no caso da aposentadoria policial", diz Tony Cleverson Correia, então presidente da Associação dos Guardas Municipais de Foz do Iguaçu.

Tony diz que foi uma conversa amistosa, de cerca de 10 minutos. Segundo ele, Bolsonaro votou favoravelmente à categoria, mas a categoria não conseguiu ter seu pleito atendido pelos demais parlamentares.

Na ocasião, Marcelo era presidente do PT de Foz do Iguaçu, segundo Tony. "Ele [Bolsonaro] vinha num crescimento, já tinha detonado a questão do Partido dos Trabalhadores, mas o Marcelo foi tranquilo. Ele sempre foi do diálogo", conta o amigo.

O episódio é usado por colegas para exemplificar como Marcelo era alguém que tratava com pessoas com opiniões diferentes das dele.

Segundo amigos e familiares, o guarda jamais teria iniciado uma briga como fez o bolsonarista que invadiu sua festa e o matou — o homem foi baleado e segue internado.

De acordo com colegas, na festa que terminou na morte do militante, uma das brincadeiras era sobre fotografar amigos bolsonaristas de Marcelo próximo de símbolos do PT. Quando o policial penal Jorge Guarunho chegou, inicialmente, as pessoas da festa acharam que ele era só mais um convidado. AR

“Ele será sempre um herói. [...] Que a gente possa ter essa história como ensinamento, vamos acabar com essa história de ódio”

Leonardo de Arruda, 26
filho de Marcelo de Arruda



Marcelo de Arruda, com Tony Cleverson Correia e o então deputado Jair Bolsonaro

Arquivo pessoal

Justiça decreta prisão preventiva de atirador, e Promotoria também vai investigar agressões

FOZ DO IGUAÇU (PR) O Ministério Público afirmou que também investigará agressões do bolsonarista Jorge José da Rocha Guarunho, que assassinou a tiros o militante petista Marcelo de Arruda em Foz do Iguaçu (PR).

Conforme mostram imagens gravadas, o policial penal bolsonarista Jorge Guarunho, que também foi baleado, foi agredido por alguns homens conhecidos do petista após cair no chão.

De acordo com o promotor Tiago Lisboa Mendonça, se não avaliado qual o papel que essas agressões têm nos ferimentos do homem, que seguiu internado.

A Justiça decreta a prisão preventiva de Guarunho. Caso recupere, segundo o promotor, já há ordem para que ele seja ouvido.

"Ele se encontra preso preventivamente, sob escolta des-

de data do fato e assim continuará", disse o promotor.

Segundo a Sesp (Secretaria da Segurança Pública do Paraná), o estado de saúde de Guarunho é grave, mas o quadro continua estável.

A secretaria não deu mais detalhes sobre quanto tiros ele recebeu, nem quais órgãos foram atingidos.

O promotor Tiago Lisboa Mendonça disse que, independentemente da investigação sobre o assassinato do militante petista, foi determinado "um segundo inquérito policial para apurar essas agressões sofridas pelo autor do fato".

"O laudo médico vai nos dizer se o homem, que está internado em estado grave, inconsciente, se essas lesões na cabeça foram decorrentes do disparo de arma de fogo que ele também foi vítima ou decorrentes dos chutes",

Nos autos, a Justiça diz que o fato de o atirador ser policial penal federal "eleva ainda mais a gravidade do delito considerando que este age (ou deveria agir) em nome do Estado, em prol dos interesses da coletividade".

Entre os pontos a serem abordados nas oitivas, está a motivação do crime.

Outro ponto importante também destacado pelo promotor é a necessidade de verificar se havia algum grau de conhecimento entre Marcelo e Jorge Guarunho e por que o policial penal estava passando pelo local no momento em que começou a agressão.

Não há, até o momento, nenhuma indicação de que eles já tivessem tido eventual contato anterior.

O promotor afirmou ainda que boa parte das pessoas que estavam no momento dos fatos ainda não foram

“O laudo médico vai dizer se [...] essas lesões na cabeça foram decorrentes do disparo de arma de fogo que ele também foi vítima ou decorrentes dos chutes”

Tiago Lisboa Mendonça
promotor de justiça

ouvidas, o que deve ser feito nos próximos dias.

Para verificar a dinâmica dos fatos, a investigação pode contar até com uma reconstituição do crime.

Designada pela Justiça para defender Jorge Guarunho, em medida prevista em lei, a advogada Andreza Dolatto Inácio entrou com pedido de prisão domiciliar, que foi negado.

Segundo Inácio, a família ainda não havia apresentado advogado para a defesa. Ela informou que vai deixar o caso assim que a família apresentar outro representante ou a Justiça nomear um defensor.

A Secretaria da Segurança Pública do Paraná emitiu nota nesta segunda afirmando que foi formada uma força-tarefa que será presidida pela delegada Camilla Cecconello, chefe da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa.

"Uma equipe de investigadores da DIPV, vindo de Curitiba, reforça os trabalhos para garantir celeridade na apuração dos fatos. A Sesp lembra que a Polícia Civil do Paraná conta com apoio da Poli-

cia Científica para finalização das perícias necessárias para total elucidação do ocorrido".

Quem vinha liderando as investigações era a delegada Iane Cardoso, que já havia feito postagens contra o PT nas redes sociais.

A Defensoria Pública do Paraná também divulgou nota nesta segunda-feira, na qual lamenta "o assassinato" de Marcelo e alerta sobre a "gravidade da violência política praticada, e a necessidade de garantir um clima pacífico durante as manifestações individuais ou coletivas".

De acordo com o órgão, a proximidade das eleições nacionais reforça a necessidade de que todas as instituições se mantenham vigilantes na defesa dos preceitos democráticos.

"Entendemos que é essencial a discussão e respeito da tolerância política e da defesa incondicional da democracia brasileira, uma das nossas constitucionais de nossa instituição", diz o texto. AR

Colaboração: Mayara Luc, de Curitiba, e Daniela Piro, de Foz do Iguaçu

Pedro Vaca Villarreal

Existem discursos perturbadores que não são de ódio

Para diretor responsável pela área de liberdade de expressão na da OEA, a Justiça precisa de critérios para enquadrar o abuso

LIBERDADE DE EXPRESSÃO
ENTREVISTA

Felipe Bächtold

SÃO PAULO A Justiça deve distinguir declarações perturbadoras, que podem soar irritantes ou chocantes, mas que são protegidas pela lei, de discursos de ódio, diz o advogado colombiano Pedro Vaca Villarreal.

Ele é relator especial para a liberdade de expressão na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos).

"A liberdade de expressão é um direito amplo", afirma.

Em entrevista à Folha, ele criticou decisão do Supremo Tribunal Federal de março de bloquear o aplicativo Telegram, revista de dois dias, por entender que afetou o direito de todos os cidadãos.

Mas considera que as plataformas estão "em dívida" na para solucionar problemas nas sociedades democráticas.

Sobre o panorama da liberdade de expressão no Brasil, Vaca disse ver uma "atmosfera hostil ao trabalho jornalístico".

Em junho, a Comissão divulgou nota dura com críticas ao governo Jair Bolsonaro, por ocasião das buscas ao indigenista brasileiro Bruno Pereira e ao jornalista britânico Dom Phillips, na época desaparecidos no interior do Amazonas.

Um dos destaques foi dado presidente de que os dois estavam em uma "aventura não recomendada". Posteriormente, foi revelado que indigenista e o jornalista tinham sido mortos durante viagem no rio Itaitai, no dia 5 de junho.

Para Vaca, autoridades públicas precisam "ser cuidadosas diante do impacto que as palavras podem ter na sociedade."

*

A Comissão de Direitos Humanos da OEA fez uma declaração com palavras fortes na época do desaparecimento de Bruno Pereira e Dom Phillips. Por que foi necessário? Toda a história do caso de Dom Phillips e Bruno Pereira é uma tragédia na maior acepção da palavra.

O tratamento das informações pela autoridade não era claro naquele momento. Advertimos e lamentamos que se julgasse as atividades que os dois estavam desenvolvendo [enquanto viajavam]. Também havia muita informação sobre as iniciativas governamentais pela busca.

Marcelo Rocha

BRASÍLIA A Procuradoria da República no Distrito Federal requisiu à Polícia Federal a abertura de um inquérito policial para identificar os autores do ataque ao juiz Renato Borelli, da 15ª Vara Federal de Brasília.

O carro do juiz foi atingido por fezes de animais, ovos e terra, em Brasília, na quinta (7).

Depois, com um pouco mais de informação, entendemos que há alguns avanços judiciais. De qualquer forma, é importante que se esgote todas as linhas de investigação.

Ficaram muitas perguntas. Quais as garantias de defesa dos direitos ambientais e dos jornalistas no Brasil? Que mensagem recebe a sociedade?

A nota crítica especificamente a declaração de Bolsonaro de que os dois estavam em uma "aventura não recomendada". Foi falta de respeito?

Essas palavras creio que não correspondiam à expectativa cidadã sobre o que deve dizer o presidente nesse tipo de circunstância. A comunidade internacional estava muito mais ansiosa sobre quais eram os esforços [de resgate]. E creio que está, em um último nível de prioridade, o que pode pensar, a opinião que tiver sobre o que os dois estavam fazendo.

Os termos e as palavras usadas, para muitas pessoas, podem dar a entender que os dois buscaram esse destino. E a verdade é que ninguém, em uma sociedade democrática, por fazer jornalismo e defender os direitos humanos, deve ter isso como um destino possível.

O presidente tem um histórico de declarações, por exemplo, na forma como fala de jornalistas. Isso preocupa? Hoje [quarta-feira, 29] foi condenada [por danos morais] por fazer insinuação sexual contra uma jornalista da Folha [a repórter Patrícia Campos Melo].

Um padrão regional. Adv

vertiu-se de que há uma deterioração generalizada do debate público. Isso tem vários ingredientes, e um particularmente importante é certo nível de hostilidade de vezes com responsabilidade e pública contra o trabalho dos jornalistas. E há um componente particular no caso de mulheres jornalistas.

A estigmatização por lideranças públicas tem impactos negativos na democracia. E aí se pega que funcionários públicos, que exercem cargo de responsabilidade, representantes, que chegaram a posições de poder graças à confiança dos cidadãos, tenham cuidado na hora de rotular em meios de comunicação.

Lamentavelmente, no Brasil, como vários países, há uma normalização da estigmatização da imprensa. E algo que seria muito importante corrigir.

Os ataques às mulheres jornalistas são uma preocupa

ção em especial? Definitivamente. São mensagens que chegam a determinadas audiências e se amplificam de forma que podem acabar sendo dramaticamente aturadoras.

Fazem sobre as jornalistas um rótulo perturbador que recebemos vários de polêmicas até de gente que pensa em deixar o jornalismo. Há jornalistas muito valentes, resilientes. Mas é uma situação pela qual nenhuma mulher jornalista deveria passar. E ainda mais condenável quando a origem dessas mensagens vem de pessoas com posição de garantidoras dos direitos humanos, da liberdade de expressão e dos direitos das mulheres.

Quais são as principais quebras que a comissão analisou hoje em relação à liberdade de expressão no Brasil? Neste mês, publicou-se o informe anual sobre liberdade de expressão. No capítulo Brasil, um dos temas é o jornalismo e democracia, a atmosfera hostil ao trabalho jornalístico, muitas vezes cercado de vezes com responsabilidade e pública que podem estar estimulando esse cenário.

Também se advertiu sobre o aumento das ações judiciais contra a imprensa.

Com enorme preocupação, também vemos processos civis, com sanções muito altas. O caso de Rubens Valente [jornalista condenado junto com uma editora a pagar mais de R\$ 300 mil em indenização ao ministro do Supremo Gilmar Mendes] é um que acompanhamos. É delicado em termos de impactabilidade de expressão e pode enviar mensagem muito forte em relação à tolerância com a crítica que podem ter determinadas autoridades públicas no Brasil.

Uma pergunta que fazemos a todos os países é sobre a autocensura que isso pode estar gerando. Quando jornalistas enfrentam essas obstáculos, outros jornalistas veem. Quando vão se aproximar de um assunto que já tenha gerado ameaças, estigmatização, violência sexual, podem pensar duas ou três vezes ou simplesmente não cobrir o assunto. A sociedade recebe menos informação sobre questões de interesse público.

Apoiadores do governo no Brasil se dizem censurados pelo STF, que por sua vez fala, por meio de alguns magistrados, que há discursos de ódio e ameaças. Quais são os limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio? Não posso citar casos concretos. Mas discursos de ódio, que incitam a violência, não estão protegidos pelo direito internacional. Portanto, os países devem tomar medidas para prevenir a ocorrência e puni-los.

Há discursos que podem ser perturbadores e que não são de ódio. É uma distinção que os países, as autoridades, a Justiça, devem fazer. Não podemos aplicar o critério de um discurso "não protegido" [pela lei] a um discurso que pode ser chocante, incômodo, irritante, que não é discurso de ódio.

Que características tem um discurso de ódio? 1) O contexto social e político em que ocorre. 2) A categoria do orador, se é pessoa com grandes níveis de responsabilidade — é um ingrediente importante. 3) A intenção de incitar a audiência contra um grupo determinado. 4) O conteúdo e a forma do discurso. 5) A extensão da

“

O jornalismo tem um lugar chave [no combate à desinformação nos processos eleitorais]. Está sendo chamado a ser referência. É importante que os partidos políticos, as autoridades eleitorais e os candidatos sejam muito leais com o debate democrático

discussão. 6) E a probabilidade de causar danos.

Para se encabar em fala de ódio para que os Estados estejam autorizados a limitá-lo, precisaria entrar nesses critérios, pelo direito internacional.

Como vê os riscos da desinformação em processos eleitorais? O jornalismo tem um lugar chave. Está sendo chamado a ser referência. É importante que os partidos políticos, as autoridades eleitorais e os candidatos sejam muito leais com o debate democrático.

Como vê o comportamento das plataformas? Estão em dívida na contribuição para solução dos problemas para a democracia nas plataformas, para contribuir de modo proporcional ao poder que detêm. De um lado, há disponibilidade das plataformas para participar das discussões. Isso é bom.

Também tem arquitetura interna complexa em que se dá mais atenção a países grandes que aos de menos habitantes.

O que poderiam fazer a mais? Não podemos dizer que não estão fazendo nada. Há iniciativas em andamento, e temos que ser equilibrados em relação a isso.

Mas é certo que, na iminência de eleições, o poder que tem, o que estão fazendo não é proporcional.

Há situações, em diversos países, em que se pede cooperação com alguns assuntos, e ela não é homogênea. Algumas participam, outras não. Outro componente é a transparência na tomada de decisões, na informação para entender o fenômeno, nos processos.

Os críticos ao bloqueio do Telegram no Brasil [determinado pelo Supremo]. Por que considera que foi um erro? Foi a primeira vez, decisão desse tipo são drásticas. O que me chamou a atenção foi ter sido uma decisão que não afetava só o Telegram, mas todas as pessoas que usam o Telegram, incluindo para exercícios legítimos da liberdade de expressão.

Um elemento muito importante é a proporcionalidade. Afetar o mínimo possível a liberdade de expressão.

A medida foi tão drástica que em bem pouco tempo foi revertida.

O Estado não pode agir de qualquer forma. Aí é muito importante um exercício de ponderação.

Procuradoria pede inquérito sobre ataque a juiz do caso do MEC

BRASÍLIA A Procuradoria da República no Distrito Federal requisiu à Polícia Federal a abertura de um inquérito policial para identificar os autores do ataque ao juiz Renato Borelli, da 15ª Vara Federal de Brasília.

O carro do juiz foi atingido por fezes de animais, ovos e terra, em Brasília, na quinta (7).

Foi Borelli quem autorizou a Operação Acesso Pago, da PF (Polícia Federal), que prendeu o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro e outras quatro pessoas, em 22 de junho, por suspeitas de irregularidades no Ministério da Educação.

Em nota de repúdio divulgada no sábado (9), a Procuradoria afirmou estar preocupada com a segurança do ju

iz e de seus familiares, além de informar a solicitação da abertura de inquérito à PF.

Os autores do ataque, afirmou ainda no comunicado, "colocam em risco a liberdade necessária para o desempenho da função jurisdicional". O inquérito deverá ser sigiloso.

O ataque ocorreu enquanto o próprio juiz dirigia o veículo, saindo de casa em direção ao trabalho.

O material foi arremessado no para-brisa. Mesmo com a visibilidade prejudicada, conseguiu seguir até um local seguro. Ele não se feriu.

Depois da operação que resultou na prisão de Ribeiro, o juiz recebeu ameaças de grupos de apoio ao governo Jair Bolsonaro (PL), que foram comunicadas à PF.

A investigação foi enviada por Borelli ao Supremo Tribu

nal Federal após um diálogo telefônico interpretado pela PF levantar a suspeita de que Bolsonaro teria comunicado Ribeiro sobre uma possível busca e apreensão na residência do ex-ministro. A relatoria é da ministra Cármen Lúcia.

Em conversa do dia 9 de junho com a filha, Ribeiro abordou a apuração policial e disse a ela que conversou com o presidente. De acordo com o

ex-ministro, o mandatório teria dito estar com "presentimento" de que iriam atingi-lo por meio da investigação.

No final de junho, Cármen Lúcia mandou o caso para a PGR (Procuradoria-Geral da República) se manifestar sobre a abertura de uma investigação contra o presidente por suspeitas de irregularidades no Ministério da Educação e obstrução de Justiça.

Como impedir mais violência

Oposição não pode entrar em jogo no qual bolsonarismo tenta ampliar a tensão

Joel Pinheiro da Fonseca

Economista, mestre em filosofia pela USP

Eventos como o de domingo, em que um atirador bolsonarista matou um tesoureiro do PT que celebrava aniversário em Foz de Iguaçu, fazem qualquer um se preocupar com os próximos meses.

Seria mentira dizer que só existe extremismo bolsonarismo. Mas, de todos os grupos políticos do país, o bolsonarismo é disparado hoje o que mais o estimula. Nas franjas mais radicais da esquerda, há também promoção de ódio a todas as instituições democráticas. Mas

no caso do bolsonarismo, esse discurso não está apenas na margem; ele parte do próprio centro: é apoiado e ecoado pelas lideranças.

Resolvi navegar um pouco pelo perfil do assassino de Foz de Iguaçu no Twitter. São dias e dias atingindo personalidades de oposição e jornalistas, além de replicar conteúdo de influenciadores pró-Bolsonaro. Num post em seu Facebook, falava em "limpar o Brasil do PT".

O que mais me impressiona, contudo, é que esse ti-

po de perfil nas redes não é uma exceção. Não são um ou dois casos psiquiátricos que agem assim. O que eu vi ali foi a mesma coisa que vejo sempre que entro no perfil de algum hater. São milhões e milhões de "cidadãos de bem, patriotas e cristãos" que dedicam seu tempo livre a xingar os outros, certos de que com sua boca suja representam a virtude moral contra os hostes do inferno.

Como se transformar nisso? O preparo foi longo, mas simples. Basta instilar a par-

nóia e o ódio continuamente nos seguidores: a mídia mente o tempo todo, as urnas estão fraudadas, a vacina mata, as universidades produzem drogas, as escolas pervertem as crianças, só armado o cidadão pode se proteger dos comunistas. Dos milhões que sobrevivem essa mensagem dia e noite, alguns serão desequilibrados o bastante para ir do discurso à prática, e cometer atos de terrorismo e assassinato. Graças ao governo, eles agora estão mais armados.

Quando o previsível acon-

tecer, basta a autoridade repudiar o ato, que é o que Bolsonaro fez. Mesmo em sua nota de repúdio, contudo, o presidente estimulou o extremismo: disse que a violência é própria da esquerda, não da direita, justamente o tipo de discurso demonizador que justifica atos de violência do próprio lado.

Neste momento, todo bolsonarista moderado — e por moderado me refiro àquele apoiador que é verdadeiramente contra o uso da violência e da ruptura institucional — deveria repudiar publicamente atos de violência ou de terrorismo bolsonaristas. O silêncio dos moderados é a atitude cômica que alimenta o extremismo.

É lamentável ver Lula elogiado contra um empresário que viveu no Instituto Lula xingar o ex-presidente. Agredir alguém numa briga (um empurrão nu-

ma avenida movimentada que resultou em lesão grave) é muito diferente de invadir um aniversário e atirar no aniversariante, mas é o tipo de conduta violenta que, se tolerada — pior, homenageada —, justifica os intentos violentos do outro, além de produzir uma sensação de equivalência na população que não acompanha os eventos de perto.

Os ataques com bombas ou o assassinato do tesoureiro são ruins — eleitoralmente — para o governo. Mostram uma militância crescentemente desesperada e apostando no caos. Se a PEC Kamikaze não melhorar as pesquisas, isso tenderá a piorar. Da parte da oposição, a resposta tem que ser unívoca: firmeza na defesa da lei e da ordem, sem ajudar na escalada da violência. Os únicos que ganham com mais arruagem e mortes são os golpistas.

| bom, Elío Gaspari, Jamio de Freitas | seg, Celso R. de Barros | ter, Joel R. da Fonseca | qua, Elío Gaspari | qui, Contrado H. Mendes | sex, Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Sílvia Almeida | s. ab, Demétrio Magnoli

Militares pedem dados de pleitos usados por Bolsonaro em retórica de fraude

Forças Armadas querem acesso a arquivos das urnas de 2014 e 2018, em nova demanda ao TSE

Renata Galf

SÃO PAULO Em um ofício remetido ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) no final de junho, as Forças Armadas solicitaram uma série de arquivos relacionados às eleições de 2014 e 2018, acumulando mais um episódio em que os militares questionam a corte em alinhamento ao discurso do presidente Jair Bolsonaro (PL) de desacreditar as urnas.

Esses são justamente os atos em que o mandatário alega, sem apresentar qualquer evidência, além de teorias conspiratórias presentes há anos na internet e já desmentidas por especialistas, que teria havido fraude.

Na live semanal da última quinta-feira (7), o presidente afirmou que irá condicionar os embaixadores de todos os países para participarem de uma reunião nesta semana em que vai falar sobre "como é o sistema eleitoral brasileiro" e mostrará um power point com "tudo que aconteceu nas eleições de 2014, 2018, documentado".

Não é possível afirmar qual o objetivo dos militares com o pedido ao tribunal, mas, com os dados solicitados, eles poderiam recontar os mesmos pleitos ou mesmo fazer uma auditoria e tentar procurar problemas.

No ofício, datado de 24 de junho, os militares afirmam que os arquivos solicitados seriam necessários para "esclarecer e conhecer os mecanismos do processo eleitoral com a finalidade de permitir a execução das atividades de fiscalização do processo eleitoral".

A Folha questionou o Ministério da Defesa sobre qual o motivo da solicitação de dados de eleições passadas e quais seriam as atividades de fiscalização da eleição de 2022 para as quais eles seriam necessários.

O ministério não explicou a necessidade de informações desses anos específicos, mas disse que elas "são fundamentais para que os militares estudem os parâmetros e a estrutura do sistema eletrônico de votação para que possam realizar os trabalhos de fiscalização de forma técnica, séria e colaborativa".

Depois de 25 anos de silêncio sobre as urnas eletrônicas, as Forças Armadas enviaram ao TSE desde o fim de 2021, como membros da Comissão de Transparência Eleitoral, mais



O Ministro da Defesa, general Paulo Sérgio de Oliveira, em cerimônia do Dia do Soldado

Marcelo Correia - 25. ago. 21 / Divulgação Pro-Defesa

“[As informações solicitadas] são fundamentais para que os militares estudem os parâmetros e a estrutura do sistema eletrônico de votação para que possam realizar os trabalhos de fiscalização de forma técnica, séria e colaborativa”

Ministério da Defesa em nota

de 80 questionamentos, além de sete sugestões de mudanças nas regras para as eleições de outubro deste ano.

Os diferentes episódios envolvendo os militares e a corte eleitoral têm dado munição ao discurso golpista do presidente Jair Bolsonaro.

Desta vez, o pedido de informações foi realizado pelas Forças Armadas enquanto entidade legítima para fiscalizar as eleições, grupo em que partidos também estão incluídos. No caso de interesse de Bolsonaro nos dados, portanto, o próprio PL poderia enviar questionamentos.

O ofício com a solicitação foi encaminhado ao tribunal pelo ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira. Já a listagem dos arquivos a serem solicitados é assinada pelo coronel do Exército Marcelo Nogueira de Sousa, que é o chefe da equipe das Forças Armadas que participará da fiscalização do processo eleitoral.

Além de Nogueira, assinam

o documento o coronel Wagner Oliveira da Silva (Força Aérea), o coronel Ricardo Santana (Exército) e o capitão de fragata Marcus Rogério Cavalcante Andrade (Marinha), que também fazem parte da equipe de militares.

Foram solicitados, entre outros, os arquivos de imagens dos boletins de urnas (que são emitidos ao final da votação com a totalização dos votos de cada urna); os arquivos com o registro digital do voto e os logs das urnas (que registram tudo que ocorreu ao longo da eleição).

Além referente a 2014 e 2018, os militares pediram acesso ao relatório de urnas substituídas, ao relatório de boletins de urnas que estiveram em pendência e ao de comparecimento e abstenção em cada seção eleitoral.

Atítulo de comparação, de acordo com a resolução do TSE referente às eleições deste ano, o rol de arquivos antigos a que as Forças Armadas querem acesso poderá ser so-

licito do referente a 2022, pelas eleições fiscalizadas, apenas até 100 dias após o primeiro turno da eleição.

O pedido foi feito dentro do processo administrativo em que foi dado prazo de 15 dias para as entidades fiscalizadoras manifestarem interesse em participar das próximas etapas da fiscalização do processo eleitoral. A data limite foi sexta-feira (8).

Em resposta à Folha, a assessoria de comunicação do TSE informou que a nova solicitação das Forças Armadas ainda não teve andamento interno e que, assim como os demais documentos encaminhados pelas outras entidades, os questionamentos dos militares possivelmente serão analisados em reunião que será marcada com todas as entidades que manifestaram interesse.

Engenheiros especialistas no sistema de votação eletrônico consultados pela Folha afirmaram que o pedido de dados de 2014 e 2018 é incor-

rente, no caso de a intenção dos militares ser realmente a preparação para fiscalizar as eleições deste ano.

Se o objetivo fosse conhecer o formato dos arquivos, um dos itens pedidos pelos militares ao TSE — uma amostra fictícia do dados — já seria suficiente.

Nesse sentido, os especialistas apontam também que, em relação a formatos, os dados de 2022, mesmo sem eleições nacionais, poderiam ser mais úteis do que os de 2014, por estarem provavelmente mais atualizados.

Já na hipótese em que o objetivo fosse o de fazer análises estatísticas dos padrões dos votos nos diferentes pleitos, numa tentativa de identificar problemas este ano, utilizar apenas dois anos seria uma amostra pequena.

Além dos arquivos de eleições passadas, os militares também solicitaram dez itens de informações técnicas: sub-sistemas e protocolos atuais. O teor dos pedidos indica que um dos focos de atenção dos militares será a certificação pública em que os sistemas eleitorais são compilados e lacrados e que ocorrerá em setembro.

A compilação serve para transformar o código-fonte dos programas eleitorais que estão escritos em uma linguagem que os humanos conseguem entender em um formato que é apenas lido por máquinas. A versão compilada do sistema que é inserida nas urnas.

Outro alvo dos militares é o programa que fará o sorteio das urnas que passará pelo teste de integridade — uma auditoria que é feita no dia da votação com urnas sorteadas na véspera.

Na última semana, ao rebaixar a fala do ministro e atual presidente do TSE, Edson Fachin, de que o Brasil poderia passar por um episódio mais grave que do Capitólio, Bolsonaro disse que "ninguém quer invadir nada", mas que sabe como deve se preparar e "o que temos que fazer antes das eleições".

"Você sabe o que está em jogo, você sabe como você deve se preparar — não para um novo Capitólio — ninguém quer invadir nada, mas para nós sabemos o que temos que fazer antes das eleições", disse.

Em janeiro de 2021, apoiadores insultados pelo ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump invadiram o congresso americano por entenderem que o pleito daquele país havia sido fraudado.

Em uma reunião ministerial na última semana, o presidente também reforçou seu discurso contra o sistema de votação e teve apoio do ministro da Defesa, que falou sobre as propostas e questionamentos feitos pelas Forças Armadas ao TSE.

Centrão reage por obrigatoriedade das emendas de relator

Relator defende retirar artigo que impõe pagamento, e sessão do Congresso é suspensa por falta de acordo

Danielle Brant e Renato Machado

BRASILIA A sessão do Congresso para votar o Projeto de Lei 387/2021, que suspende a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão, foi adiada para o dia 13 de julho, após o relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), defender a retirada do artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

Segundo o relator, a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão é uma medida que não faz sentido, pois o pagamento das emendas de relator em meio-sessão é uma medida que não faz sentido, pois o pagamento das emendas de relator em meio-sessão é uma medida que não faz sentido.

A sessão foi suspensa por falta de acordo entre os partidos do Centrão e da oposição, que não chegaram a um acordo sobre o pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

O relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), defendeu a retirada do artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão, e defendeu a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

Ele considerou o momento oportuno para retirar o artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão, e defendeu a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

O relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), defendeu a retirada do artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão, e defendeu a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

O relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), defendeu a retirada do artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão, e defendeu a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

O relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), defendeu a retirada do artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão, e defendeu a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão.

O relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), defendeu a retirada do artigo 1º do projeto, que impõe o pagamento das emendas de relator em meio-sessão, e defendeu a obrigatoriedade de pagamento das emendas de relator em meio-sessão.



Senador Marcos do Val (Podemos-ES), relator da LOO. (Imagem: Agência Senado)

Como funcionam as emendas parlamentares

• A emenda é o projeto de lei que o Congresso aprova e o governo executa. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

• A emenda pode ser feita por qualquer parlamentar. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

• A emenda pode ser feita por qualquer parlamentar. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

• A emenda pode ser feita por qualquer parlamentar. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

• A emenda pode ser feita por qualquer parlamentar. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

• A emenda pode ser feita por qualquer parlamentar. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

• A emenda pode ser feita por qualquer parlamentar. Ela pode ser feita por qualquer parlamentar.

CRONOLOGIA

Antes de 2015

A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

• A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

• A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

• A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

• A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

• A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

• A obrigatoriedade das emendas era uma decisão política do governo, que podia ignorar a destinação apresentada.

EDUARDO BOLSONARO COMEMORA 38 ANOS COM BOLO DE REVÓLVER



No dia em que um militante petista foi morto por outro bolsonarista em Foz de Iguaçu (PR), o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) comemorou seu aniversário de 38 anos com um bolo decorado com uma arma. "Feliz 38 meu amor!" escreveu sua mulher, Heloisa, em uma rede social, junto a uma foto em que o casal aparece com a filha de ambos, de menos de dois anos de

idade, ao lado do bolo e de uma vela acesa. O bolo é enfeitado com um revólver calibre 38, referência à idade do deputado, e alguns projéteis. O filho do presidente e defensor da facilar o acesso a armas para a população e participou de uma manifestação sobre esse tema na Esplanada dos Ministérios no sábado (9). Ele não se manifestou sobre o crime na cidade paranaense.

A DEMOCRACIA É DEFENDIDA COM INFORMAÇÃO.

Assine a FOLHA Digital com 1 ANO DE DESCONTO.

Apenas R\$ 1,90/mês durante 3 meses + 9 meses por R\$ 29,90 R\$ 9,90/mês

Assine agora PELO QR CODE

Cancela quando quiser

folha.com/apoieademocraci

FOLHA

O parecer do relator da LOO, suprimiu a questão da impositividade em relação as emendas de relator, e mantém os demais critérios que haviam sido submetidos a Comissão Mista do Orçamento

Rodrigo Pacheco (PSD-MG) presidente do Senado

Eugene de Choudhury 6 Jan 21 Kestrel

Mundo chegará a 8 bi de habitantes em 2022 e entrará em decréscimo populacional ainda neste século, diz ONU

1 Taxa de crescimento populacional caiu abaixo de 1%

Projeções

1,7 m

2,5 bi

9,7 bi

10,4 bi

10,3 bi

0,45%

0,21%

Crescimento pode parar se por causa da fim de seca

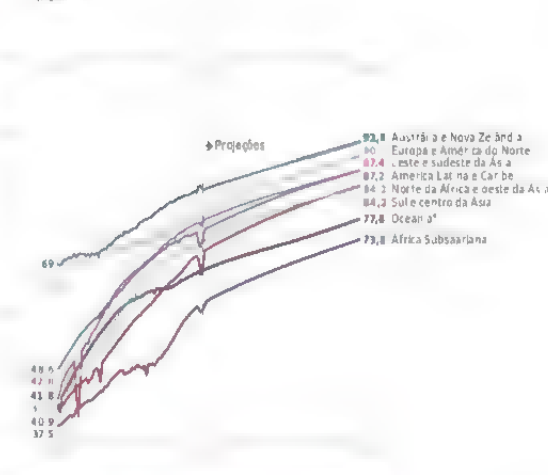
População mundial

2

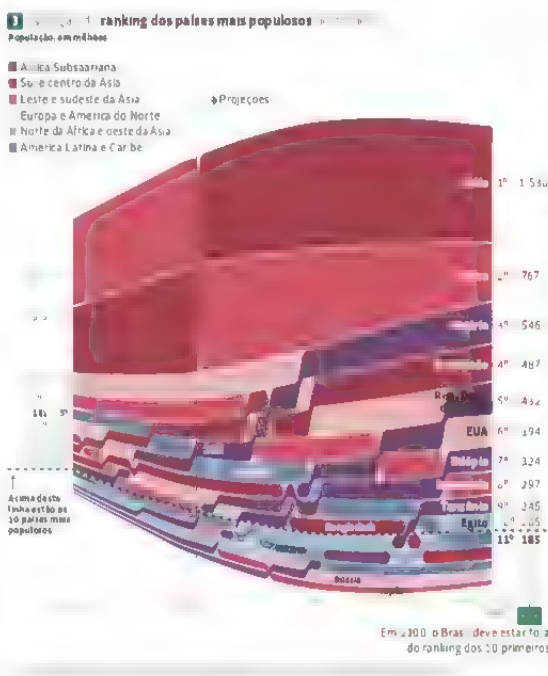
2 Cai a expectativa de vida global na pandemia

Brasil

2 **Cal a expectativa de vida global**

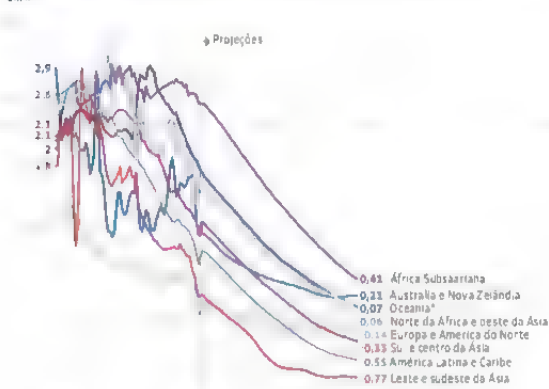


Ranking des países mais populosos



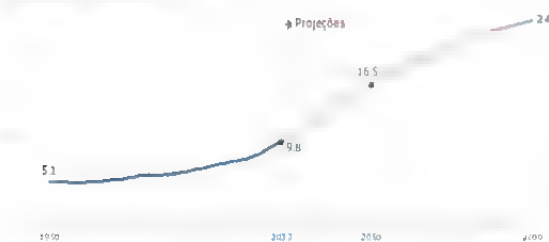
Em 2000 o Brasil deve estar no topo do ranking dos 20 primeiros

1 Crescimento tem maior velocidade em regiões com maiores índices de pobreza

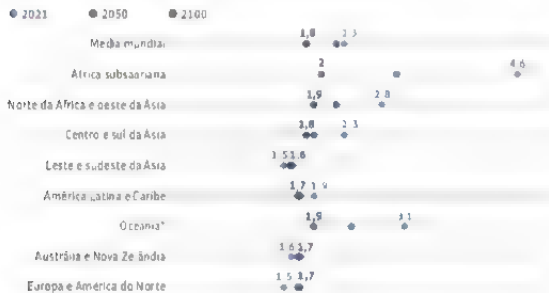


3 Envelhecimento global se intensifica

População com 65 anos ou mais, em %

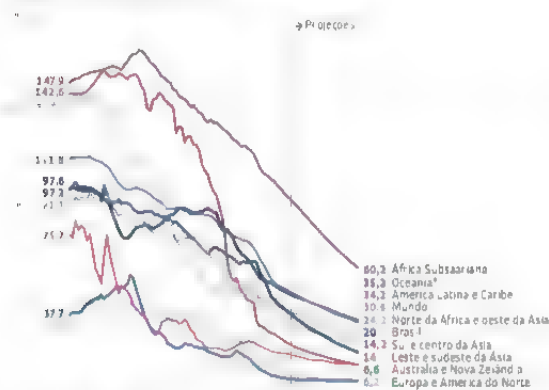


4 Número médio de filhos por mulher cai ou se estabiliza no mundo todo



7 Altos níveis de natalidade entre adolescentes preocupam

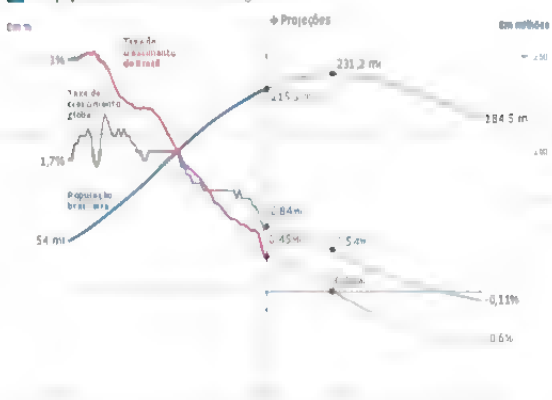
Nascimentos a cada 1.000 mulheres de 15 a 19 anos



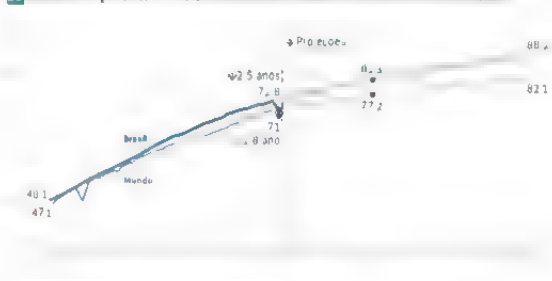
9 População despensa na Ucrânia com guerra e deve cair a metade até o fim do século



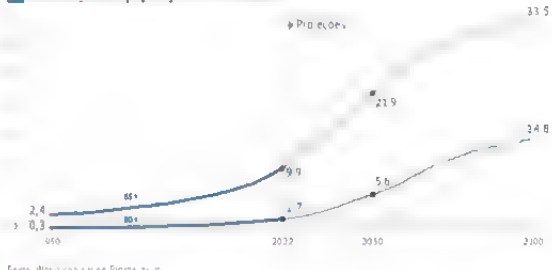
5 Pico populacional do Brasil será atingido em 2046



10 Expectativa de vida



11 População idosa



Brasil perde posição para Nigéria e deve passar a 7º país mais populoso

SÃO PAULO O Brasil deve perder em breve o posto de sexta nação mais populosa do mundo. Com uma taxa de crescimento acelerada, a Nigéria vai ultrapassar o país ainda este ano, desbancando o para a sétima posição do ranking mundial, de acordo com projeções de um novo relatório da ONU, publicado nesta segunda-feira (11).

Calcula-se que o Brasil chegará ao final de 2022 com 215,3 milhões de habitantes. Já o país da costa oeste da África alcançará 218,5 milhões de habitantes. Chama a atenção o ritmo de crescimento nigeriano, que há 50 anos tinha uma população equivalente a cerca de 60% da do Brasil no mesmo período.

Os números compõem o relatório World Population Prospects, cuja edição deste ano traz estimativas e métricas que levam em conta a pandemia de Covid-19 e fatores como a Guerra da Ucrânia. Para o Brasil, o documento ajuda a preencher uma lacuna de dados deixada pela ausência do Censo Demográfico, adotado por dois anos consecutivos — a última edição do levantamento nacional é de 2010, e a de 2021 está prevista para começar em 1º de agosto.

O Brasil deve atingir seu pico populacional em 2046, com 231,2 milhões de habitantes e, então, entrar em declínio, chegando ao final do século com cerca de 184,5 milhões — 14% a menos do que tem atualmente.

Assim, o país chegaria em 2100 fora da lista das dez nações mais populosas do mundo, desbancado por República Democrática do Congo, Etiópia, Indonésia, Tanzânia e Egito e figurando na 17ª posição, segundo pelo arquipélago das Filipinas.

Como uma consequência da crise sanitária provocada pelo novo coronavírus, o país assistiu à diminuição da expectativa de vida, fenômeno que ocorreu em todo o mundo. No Brasil, porém, essa queda foi maior: 4,8. De 75,3 anos em 2019, a expectativa para os brasileiros foi a 72,8 no ano passado (treze dias de 5,5 anos). Globalmente, a redução média foi de 1,8 ano (de 72,8, foi para 71 anos).

Assim como no mundo, porém, o número tende a ser recuperado — no caso brasileiro, esse movimento deve ocorrer já a partir de 2023. As projeções, aliás, mostram que o país pode chegar a 2050 com uma expectativa de 81,3 anos. Cem anos antes, em 1950, quando o monitoramento passou a ser feito, calculava-se que o brasileiro viveria, em média, 48 anos.

Segundo tendência demonstrada no relatório anterior das Nações Unidas, de 2019, antes da pandemia, o documento atual mostra que o ritmo de crescimento da população brasileira corresponde a quase metade do da média global — 0,45% ao ano, contra 0,84%. Daí o fato de a população do país entrar em

derrêscimo quatro décadas antes do que o previsto para a população mundial.

Já a Nigéria, para efeitos de comparação, registra uma média anual de crescimento de 2,3% e deve mais que dobrar de tamanho até o final do século, chegando a 540 milhões de habitantes e ocupando o terceiro lugar no ranking de mais populosos, atrás de Índia e China.

Um dos fatores que explicam as projeções para o decréscimo populacional no Brasil é a diminuição do número de filhos em relação à quantidade de mulheres. Em 2021, para cada mulher, nasce um filho em média inferior a duas crianças (1,6), uma cifra que tende a se manter até o final deste século. Há 60 anos, esse número era de 6 nascimentos para cada brasileira.

O recente relatório mostra ainda o acréscimo do envelhecimento da população. Enquanto em 1950 só 2,4% dos brasileiros tinham mais de 65 anos, esse número chega próximo a 16% em 2022 e deve superar um terço da população brasileira até o fim deste século, com 31,5% de idosos.

O crescimento e ainda maior o recorde de pessoas acima dos 80 anos. Hoje, esse grupo representa apenas 1,7% da população brasileira, mas o documento prevê que, se os índices se mantiverem, chegará a 14,8% da população no final do século. Mayara Paizão, Thiago Amâncio e Tatiana Harada

mundo guerra da ucrânia



Milhares observam prédio de apartamentos atingido por ataque de mísseis russos em Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia. (Foto: Olyvia / Reuters)

Ucrânia afirma ter 1 milhão de militares para reconquistar sul

Analistas veem com ceticismo declarações sobre contra-ataques em regiões do país tomadas pelas forças russas

QUARULHOS A Ucrânia tem de cada vez mais suas mãos atadas, pretende iniciar uma contra-ofensiva no sul de seu território, área hoje majoritariamente controlada pela Rússia. O aviso mais recente veio neste mês, segundo um porta-voz do ministro da Defesa Oleksii Reznikov. "Temos cerca de 1 milhão de homens prontos para defender o sul", afirmou ele.

A fala em entrevista ao jornal britânico The Times foi interpretada com ceticismo por analistas militares, mas vem na esteira de outras declarações que pedem aos residentes da região

que partam dali, citando que contra-ataques são iminentes. Kherson, uma das principais cidades portuárias do país, foi a primeira a cair sob o controle de Moscou, ainda no início do conflito, no final de fevereiro. O ministro Reznikov alega que, com ordens do presidente Volodymyr Zelenskyy, a prioridade é retomar áreas ocupadas ao redor da costa do mar Negro, vias para a economia ucraniana.

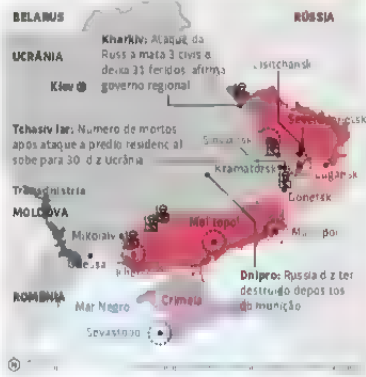
O presidente desta ordem ao chefe militar para elaborar planos e depois disso, o Estado Maior está fazendo a logística de cada operação. O ministro disse estar entrando em contato com homólogos de outros países para explicar o objetivo e pedir ajuda, o envio de mais armamentos.

O esticamento de analistas militares na entretanto sustenta-se em dois motivos principais. Primeiro, o fato de que, se o conflito armado falar realmente em ações pontuais de contra-ofensiva, uma vez que isso daria tempo para a reorganização dos oponentes.

"O normal seria querer que o lançamento de uma contra-ataque fosse surpresa", disse à rede BBC Jack Watling, pes-

239º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
- Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Cidadãos tomados pelo a Rússia
- Contra-ataque ucraniano
- Anexada pela Rússia em 2014
- Combates intensos



A europeus aliado de Lula defende China como mediadora

Bruno Bighossian e Ricardo Della Latta

BRASÍLIA Principal conselheiro do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para assuntos internacionais, o ex-chanceler Celso Amorim se reuniu no último dia 28 com um grupo de diplomatas europeus para apresentar o que seriam as linhas gerais da política externa de um terceiro mandato do petista no Brasil.

Amorim viajou a Brasília para participar de uma reunião organizada pela representação diplomática da França, comandada pela embaixadora Brigitte Collet. Além dos franceses, participaram o chefe da delegação da União Europeia no Brasil, Ignacio Latorre, e representantes dos demais países europeus.

A conversa se deu num contexto em que Lula lidera as pesquisas de intenção de voto com os pontos de vantagem sobre Jair Bolsonaro (PSC) e segundo o último levantamento

que apoia a resistência militar liderada pelo líder ucraniano Volodymyr Zelenskyy, contra a Rússia — mesmo em meio a tensões e sinais de cansaço. Em março passou uma entrevista de Lula ao revista Time causou mal-estar, depois de se posicionar a dizer que o líder ucraniano era tão responsável pela situação quanto o presidente russo, Vladimir Putin, e que a P.A. e a União Europeia estavam mudando o conflito na região.

Amorim também quer saber a opinião do ex-chanceler sobre o acordo firmado entre a UE e Mercosul assinado em 2019, o tratado está bloqueado principalmente devido às críticas de europeus como a França à agenda de Bolsonaro para o ambiente. Para o governo brasileiro, a posição de Paris é tachada como hipócrita, visto que a União Europeia estava anteriormente em negociações de livre comércio com o Brasil. Em uma viagem ao continente em novembro, o petista defendeu a reformulação do acordo comercial.

Segundo pessoas na plataforma Amorim, o poder de persuasão sobre os dois lados. Apesar, segundo ele, que poderia ser desempenhado pela China. Pequim firmou, antes do conflito, uma parceria sem limites com a Rússia, em um movimento criticado pelos EUA, que travaram com o país asiático uma guerra a Fria a 200 anos.

Amorim defendeu a mediação da China, mas não descartou a possibilidade de uma solução de desarmamento global. Amorim disse que a solução sobre o conflito ucraniano é a única que pode trazer a paz para o mundo. Amorim também defendeu a solução de desarmamento global, mas não descartou a possibilidade de uma solução de desarmamento global.

Dois terços dos democratas rejeitam reeleição de Biden

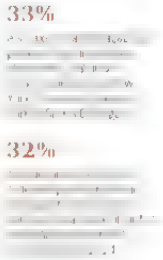
Só 13% dos americanos veem EUA no rumo certo, indica pesquisa do NYT

SÃO PAULO Uma pesquisa divulgada nesta segunda-feira (11) pelo jornal The New York Times reforça a medida de descontentamento dos americanos com a gestão do presidente democrata Joe Biden — inclusive dentro de seu partido. O levantamento do ciclo, realizado em parceria com a Siena College, indica que, entre os eleitores do Partido Democrata, 67% afirmam não sentir que o país esteja seguindo a direção certa, rejeitando a reeleição no pleito de 2024. Outros 64% afirmam não pensar que a legenda tenha o melhor nome na disputa do cargo, possivelmente contra o republicano Donald Trump. Biden, 79, já disse que pretende buscar um segundo mandato.

A pesquisa, divulgada nesta segunda-feira em uma sensação de pessimismo, com só 13% das pes-

soas entrevistadas dizendo ver o país no rumo certo. O número é o mais baixo na série do New York Times desde 2008, época do auge da crise financeira global, no final da gestão do republicano George W. Bush. É o sentimento generalizado, quando se analisam os recortes por região do país, idade, cor da pele e preferência partidária (os EUA estão no melhor caminho para a saída da crise econômica), segundo o levantamento recente feito pelo instituto Ipsos, no qual 71% dos americanos entrevistados disseram considerar que o país está na direção errada. Outros números da pesquisa, New York Times, Siena e Ipsos, indicam o mau momento de Biden, que em 18 meses no cargo teve poucos avanços no

congresso, viu a Suprema Corte profere uma série de decisões adversas para suas plataformas e não conseguiu resolver o aumento da inflação. A taxa de aprovação de seu mandato chegou a apenas 14%, medida dos levantamentos nacionais na semana passada era de 38,9%, a menor desde o início da gestão Biden. Mesmo considerando os partidários do presidente e o índice visto como mais baixo que a esperança, próximo de 7%, entre os que se veem como independentes, dois terços desaprovam o atual governo. Pensando em 2024, 72% dos democratas citam o desempenho ruim de Biden como a principal razão para preferir outro candidato do partido nas eleições. Por uma diferença de um ponto percentual, o mo-



tivo só perde para a idade do presidente, o mais velho a ser eleito para o cargo. Um em cada oito alega querer alguém novo, e um em cada dez vê o comando progressista como suficiente. "Ocupa-se a gente mais jovem. Estou cansada de gente velha mandando no país, não quero [no poder] alguém com o pé na cova", disse a jornalista americana e professora Nicole Parrier, 38, que votou em Biden na eleição de 2020 e hoje manifesta preocupação com a elevação do custo de vida. "Eu não vou me sentir bem se não tiver a sensação de que não posso mais pagar praticamente nada", diz. Segundo a pesquisa, 20% das pessoas veem o desemprego e a economia como principais problemas dos EUA hoje. Frente justamente à inflação e ao custo de vida (18%), considerando esse cenário em que ainda 75% dos americanos disseram que a economia está ruim, "extraordinariamente importante", 81% dos entrevistados afirmam que não creem em Biden, ao mesmo tempo em que o excelente nos gestões de Biden. A evidência mais recente disso é a alta de preços, hoje na faixa de 8,6% ao ano e é perceptivelmente perceptível nos postos de combustíveis a gasolina custa, em média, US\$ 5 (R\$ 26,60) o galão, quando em maio a média de preço era de US\$ 4,35 (R\$ 21,80). Voltando à lista dos principais problemas do país, 25% apontam o estado da democracia a polarização, mesmo índice dos que citam as políticas de armas. Os Estados Unidos vêm de uma série de ataques a tiros, e Biden reforçou sua posição de porta-voz em defesa de maior controle no acesso a armas, ainda que o tema enfrente oposição ferrenha de republicanos, alguns avanços foram conquistados nas últimas semanas. A situação da saúde de Biden é especialmente preocupante para o Partido Democrata porque em novembro haverá eleições para renovar o Congresso. As projeções mais recentes indicam a chance de uma ampla vitória republicana no pleito. Análise do site FiveThirtyEight apontou que a oposição tem 87% de chances de obter a maioria no Senado e o controle da Câmara e 55% de fazer a maioria no Senado. A pesquisa NYT/Siena ouviu por telefone 849 eleitores americanos em todo o país entre 5 e 7 de julho. A margem de erro é de 4,1 pontos.

SRI LANKA MARCA ELEIÇÃO APÓS INVASÃO DE RESIDÊNCIA FORÇAR RENÚNCIA DE PRESIDENTE



O Parlamento do Sri Lanka agendou para o próximo dia 20 a eleição indireta de um novo presidente após o chefe do Legislativo anunciar a renúncia de Gotabaya Rajapaksa, cuja casa foi invadida (na foto) em meio a protestos furiosos no sábado (9) contra a crise econômica e o governo. O líder da oposição, Sirjith Premadasa, cujo partido detém 54 dos 225 assentos do Legislativo, afirmou que a sigla está pronta para assumir o governo, estabilizar o país e reconstruir as finanças

O primeiro-ministro Rani Wickramasinghe afirmou que também vai se demitir. Líderes dos manifestantes afirmaram que as multidões ocuparão as residências do presidente e do primeiro em Colombo até que ambos deixem o cargo. No fim de semana, os ativistas puseram na piscina, descalços, em camisas e experimentaram os sofás da suíte da residência de Rajapaksa. A polícia não fez nenhuma tentativa de intervir e afirmou ter recebido 17,85 milhões

de rupias (cerca de R\$ 265 mil) em cédulas encontradas no imóvel por manifestantes. Um vídeo dos jovens contando o dinheiro viralizou nas redes. Rajapaksa e Wickramasinghe não estavam nas casas quando foram invadidas e não são vistos em público desde sexta (8). Autoridades disseram à AFP que o presidente havia sido levado para instalações da Marinha e nesta segunda (11) foi transferido a uma base aérea perto do aeroporto, o que alimenta boatos de uma fuga para o exterior.

Sucessor de Boris no Reino Unido será anunciado em 5 de setembro, diz partido

LONDRES REUTERS e AFP. Quatro dias depois da confirmação da saída de Boris Johnson do cargo de primeiro-ministro do Reino Unido, o Partido Conservador informou nesta segunda (11) que o substituto será anunciado em 5 de setembro. Boris permanece no cargo até a definição do sucessor. A escolha será feita entre dois nomes, selecionados em um processo acelerado de votações que visa a rejeitar o leque de 11 candidatos declarados até agora. O atual premiê não deve apoiar nenhum.

As regras para a escolha do novo premiê foram deturpadas nesta segunda. Os postulantes vão se submeter a um processo de seleção que envolve votações no chamado Comitê 1922. Em cada rodada, os membros votados deitam a disputa, até que restem dois nomes. As primeiras eliminações devem acontecer já nesta quarta-feira (13), com os candidatos tendo de angariar o apoio de ao menos 20 parlamentares de um total de 158 do partido para avançar. Na quinta-feira (14), serão revelados pelo menos 15 votos. Mas rodadas eliminatórias acontecerão na semana que vem, até que os dois últimos concorrentes sejam esculhados. Integrantes do Co-

mitê 1922 dizem esperar definir os postulantes até 21 de julho, quando o Parlamento britânico entrará em recessão. Na última fase em Jota, ainda a ser definida, os cerca de 200 membros do Partido Conservador podem votar o vencedor, então, passa a ser o líder da legenda e também o novo premiê do Reino Unido. "Temos que garantir um tempo razoável antes que o resultado seja anunciado", disse Graham Brady, presidente do comitê responsável por organizar a votação dos conservadores. "Estão muito interessados em concluir isso da maneira mais suave, rápida e rap-

da possível", completou Brady. Pesquisa do Instituto YouGov da semana passada mostrou que o favorito para suceder Boris era Ben Wallace, atual secretário de Defesa, quando fim de semana rejeitou a possibilidade. Penny Mordaunt, que também chegou a pasta e se lançou candidata, aparece em segundo lugar. Após uma avalanche de crises ao longo do mandato e abandonado em ilusão por aliados, Boris anunciou sua renúncia na quinta passada (7). A decisão foi tomada em meio a uma esborda no governo. Antes, mais de 30 parlamentares tinham criticado assessores

remetiam, incluindo dois dos membros mais experientes da gestão. Rishi Sunak, atual líder, secretário de Finanças e Saúde, respectivamente. Agora, a candidatura ao cargo de premiê, David Cameron, que chamou de "fórcas venenosas" e "memórias de ataque" que tem sido alvo de ataques por alguns colegas no fim de semana. Isso não é o caso de Boris. O Game of Thrones (séries de TV), as pessoas que esta saga se porque gostam do jogo e do lugar e não da vida. Um novo conteúdo, não se separa, o. "Quero todos os candidatos a primeira vez grandes cortes de impostos para construir o apoio dos parlamentares. Caso da secretaria de Relações Exteriores Liz Truss, do ex-secretário Jeremy Hunt, de David Mordaunt, da Justiça

tudo um número diferente. O ex-secretário de Finanças Sunak minimizou a perspectiva de cortes de impostos e disse que a medida não passa de um "conto de fadas reconfortante" que deixa as gerações futuras em situação precária. O Reino Unido enfrenta um paradoxo: a inflação dividida por dois, o crescimento econômico, com a população lidando com a maior aperto financeiro em décadas. O Reino Unido chegou pela crise de energia exacerbada pela Guerra na Ucrânia, que aumentou os preços dos combustíveis. Na questão da imigração, os principais candidatos à liderança prometem manter a política de governo de enviar imigrantes que entram no país de forma irregular para Ruanda. A justificativa oficial é dificultar o tráfico humano.

mercado

Aprendiz mais novo e com menos instrução perde espaço nas empresas

Lei deixa de cumprir sua função social e produtiva, diz especialista; MP de Bolsonaro agrava cenário

Douglas Gavras

SÃO PAULO As contratações de aprendizes pelas empresas na última década passaram a privilegiar jovens com escolaridade mais alta, excluindo cada vez mais os adolescentes mais novos e menos instruídos.

Segundo o levantamento exclusivo da Folha, o Desenvolvimento Social a partir da Rais (Relação Anual de Informações Sociais) a participação de adolescentes menores de 18 anos era de 66% do total de contratações na indústria de aprendizagem em dezembro de 2010. Esse percentual caiu para 13,5% em dezembro de 2020.

À mesma época, os aprendizes com ensino médio completo ocupavam 19,5% das vagas em 2010, passando para 43% em 2020. Outros 43,8% são de aprendizes com ensino médio incompleto, e apenas 13,2% estavam no ensino fundamental. As estatísticas apontam que há, atualmente, cerca de 500 mil aprendizes contratados no país.

Com esse cenário, a Lei da Aprendizagem, criada há mais de duas décadas para ser porta de entrada de milhares de adolescentes e jovens no mercado de trabalho e um mecanismo de inclusão, tem deixado de cumprir sua função social e produtiva, aproximando-se de uma modalidade de estágio, diz Elvys Cesar Bonassia, diretor da Karos.

A legislação estabelece uma relação de prioridades para a contratação de aprendizes vulneráveis como idosos, egressos de medidas socioeducativas e do trabalho infantil, que estejam em acolhimento institucional e pessoas com deficiência.

A ideia é fazer do programa uma inclusão social e produtiva. Para outros casos, filhos de estagiários e outros filhos de primeiro emprego. A lei é focada no inclusão social, que foi progressivamente abandonada pelas empresas.

Bonassia acrescenta que, quando se olha o perfil social de adolescentes que moram

em áreas de vulnerabilidade o perfil de escolaridade já costuma ser mais baixo. Quanto mais jovem e com menor formação, maiores são as chances de um aprendiz ser vulnerável.

Muitas empresas têm investido em práticas de ESG (de governança ambiental, social e corporativa), mas, quando se trata da questão de jovens vulneráveis, elas preferem financiar um projeto social qualquer em áreas pobres, que não gera renda para os adolescentes e trazer esses jovens para a estrutura delas", afirma.

A aprendizagem profissional permite unir políticas de trabalho e emprego, educação e assistência social, por meio do atendimento dos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, inserção dos que estavam fora da escola e da qualificação profissional, diz Tatiana Gomes Furtado, gerente social da Arva do Centro Nacional do Adolescente (Cesam-DF).

Quem teve a vida transformada pelo programa foi Klismann Alves, 23, ex-aprendiz em uma atacadora de São Paulo e que hoje trabalha em um hospital de grande porte na capital paulista. "Fiquei sabendo do programa pelo Instagram e comecei trabalhando como operador de caixa, aos 19 anos. Foi a primeira experiência como funcionário fixo e assim pude me desenvolver para alcançar meu objetivo de trabalhar na área de saúde".

Com a remuneração, conseguiu pagar por cursos complementares e hoje cursa graduação em ciência contábil. "Algumas empresas são de grande porte e deveriam estar com esse pensamento de trazer os jovens aprendizes para dar oportunidade para quem está começando", diz o auxiliar de atendimento.

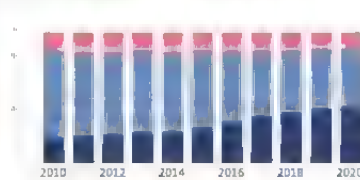
Parte das empresas também tem adotado processos seletivos que acabam dificultando a entrada dos aprendizes mais vulneráveis, dizem entidades que fazem a intermediação entre jovens e empresas.

A mediação entre as duas

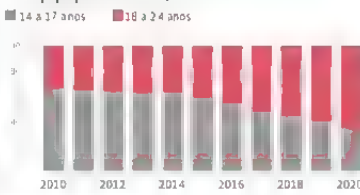
Aprendizagem mais seletiva

Ca percentual de adolescentes sem ensino médio nas empresas

Participação por escolaridade, em %



Participação por escolaridade, em %



Quando se trata da questão de jovens vulneráveis, as empresas preferem financiar um projeto social qualquer em áreas pobres, que não gera renda para os adolescentes, a trazê-los para a estrutura delas

Elvys Cesar Bonassia
diretor da Karos

pontas se dá via organizações qualificadoras. Segundo a Federação (Federação Brasileira de Associações Socioeducacionais de Adolescentes), as entidades do Sistema S, como Senai e Senac, contribuem com cerca de metade das aprendizagens em atividade; outra metade vem de outras associações sem fins lucrativos.

Existem programas de aprendizagem na área da indústria que são específicos para quem tem mais de 18 anos e que não atendem ao público vulnerável, mas as entidades sem fins lucrativos atendem", diz o presidente da federação, Antônio Pasin.

O perfil social dos alunos do Senai e de renda mais baixa do que o da média da escola pública. Defendemos que as regras de aprendizagem te

nham justiça social, mas isso se dá em bases sustentáveis", afirma o diretor-geral do Senai, Rafael Lucchesi.

"É um absurdo pegar um jovem e ensinar para ele uma atividade de faz de conta. Mas que tipo de empoderamento tem quem aprende a ser contínuo ou a empacotar computadores no supermercado? Ele vai ter um efeito na renda benevolente, mas, ao fim do programa, estará no mesmo nível de capital humano em que entrou".

Segundo o IBGE, os brasileiros de 18 a 24 anos recebem, em média, R\$ 1.452 mensais, quase a metade da renda média dos demais trabalhadores.

"Existem organizações com abrangência nacional e também organizações capilares da sociedade civil, que realizam o mesmo tipo de trabalho, mas com um diferencial: estão inseridas no território tanto da empresa quanto do jovem", diz Terezinha Ongaro Monteiro de Barros, presidente da organização SHD (Sociedade Humana Despertar).

Ela enfatiza que a Lei do Aprendiz é o único dispositivo legal que versa sobre a empregabilidade do jovem. "No mundo ideal, a sociedade civil deixaria de consumir produtos de empresas que não cumprissem com as cotas estabelecidas por lei ou atuassem com responsabilidade social e ambiental".

De acordo com especialistas, mesmo que resultados da Rais que já captam o período após o início da pandemia não estejam disponíveis e possível afirmar que a crise sanitária agravou a realidade de aprendizes mais vulneráveis nas empresas.

"Estamos nesse negócio desde 2003 e ele vem crescendo até a pandemia. Depois da crise sanitária, o nosso número de aprendizes caiu de 85 mil para 65 mil", diz Humberto Casagrande, superintendente-geral do Ciec (Centro de Integração-Empresa-Escola).

"Os contratos não vencendo as empresas não renovavam, ficavam inadimplentes com a

lei em razão da pandemia".

Segundo Casagrande, os jovens são selecionados pelas empresas, e a associação faz a inscrição, organiza o banco de dados que as empresas usam para buscar um aprendiz. "Uma parcela das empresas tem uma visão errada do que é um aprendiz, quer o pegar o jovem já pronto".

A Lei do Aprendiz obriga que empresas de médio e grande porte reservem vagas para adolescentes e jovens de 14 a 24 anos e pessoas com deficiência (sem limite de idade). A cota de aprendizes vai de 5% a 15% do quadro de funcionários.

Em maio, o governo Jair Bolsonaro (PL) publicou a MP 1.116, do Programa Emprego Jovens e Jovens, que flexibilizou as regras das cotas de aprendizes.

A mudança dificulta a inserção de jovens vulneráveis no mercado de trabalho, segundo entidades ligadas ao tema. A mudança altera, desdobra, por exemplo, que cada jovem aprendiz vulnerável passa a contar em dobro.

Além disso, um aprendiz seja contratado posteriormente pela empresa, em caráter definitivo, continua contando no cálculo das cotas por 12 meses.

O jovem Aprendiz já vinha sendo debatido em uma comissão do Senado da Câmara desde dezembro, e a previsão era que o parecer seria apresentado em junho. Como MP, o trabalho precisaria ser refeito.

O prazo para que a MP se tornasse lei em setembro de 2021, quando ela foi publicada, o deputado Marco Bortolli (PSD-SP), relator da Comissão Especial do Senado do Aprendiz, se comprometeu a retrair esses e outros pontos no relatório do Estatuto do Aprendiz. "As alterações propostas nessa MP são muito ruins, elas desvirtuam o papel do aprendizagem no Brasil de uma forma muito séria", criticou Bortolli à época.

"A gente tem uma legislação que acaba criando imposições às empresas e não gera ganhos objetivos do ponto de vista assistencial", rebate Lucchesi, do Senai. Ele avalia que a MP está alinhada com o que a OIT (Organização Internacional do Trabalho) recomenda e deve aumentar o interesse das empresas pelos aprendizes.

Procurado para comentar os efeitos da MP na contratação de aprendizes vulneráveis, o Ministério do Trabalho não respondeu.

Pessoas procuram restos de alimentos em caminhão de lixo no Rio

Leonardo Vilech

RIO DE JANEIRO Um grupo de pessoas foi flagrado procurando restos de alimentos em um caminhão de coleta de lixo na tarde desta segunda-feira (11) na cidade do Rio de Janeiro.

A cena foi registrada pelo fotógrafo Osnofre Veras. Em uma imagem, é possível ver cinco pessoas buscando comida em meio ao lixo arriado no chão do caminhão.

Conforme Veras, a cena ocorreu por volta das 14h na rua do Rezende, região central. Os veículos recolhem alimentos que teriam sido descartados por um supermercado.

Com o avanço da inflação e a perda de renda dos brasileiros, cenas como essa ganharam repercussão ao longo da pandemia no país.

Em 2021, um caminhão passou a distribuir ossos e restos de carne na zona sul para moradores que tinham fome e não possuíam dinheiro suficiente para comprar alimentos.

Outras metrópoles também registraram filas em bancas de doações de restos de ossos de boi durante a crise.

Atualmente, 31 milhões de pessoas passam fome no país, apontou o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.



Pessoas recolhem alimentos de caminhão de lixo na região central do Rio

Osnofre Veras/TheNewYork Times/Agência O Globo

divulgado em junho. O contingente é similar ao registrado 30 anos atrás. Em 1993, eram 31 milhões nessa situação.

Em 2021, 95% mais pobres do país viram a renda mensal domiciliar per capita (por pessoa) de R\$ 39 em média. O tombo foi de 33,9% ante 2020 (R\$ 59), o mais intenso entre as camadas da população em situação de pobreza.

pesquisa do IBGE, a Pnad Continua. Rendimento de Todas as Fontes 2021.

Como mostrou reportagem da Folha, os R\$ 39 não eram suficientes para comprar duas unidades dos famosos pão de feto, o pé-fê, ou um quilo de carne de primeira por mês em uma metrópole como São Paulo.

Outro levantamento, das

Nações Unidas, aponta que 61,3 milhões convivem com algum tipo de insegurança alimentar no país, sendo que 15,4 milhões se enfrentam em insegurança alimentar grave, passando fome, no período de 2019 e 2021.

Segundo a organização, o estado de insegurança alimentar moderada ocorre quando as pessoas enfrentam incerteza

sobre sua capacidade de obter alimentos e são forçados a reduzir alguns alimentos durante o ano, a qualquer ou quantidade de alimentos que comem.

Já a insegurança alimentar grave ocorre quando, em algum momento durante o ano, as pessoas ficaram sem comida e passaram fome por um dia ou mais.

Ao Financial Times, Lula diz que "vai para o céu" se resolver fome e pobreza

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou, ao comentar o relatório do Financial Times, que a prioridade imediata será melhorar as condições de vida dos brasileiros.

Em resposta, o Financial Times afirmou que a prioridade imediata será melhorar as condições de vida dos brasileiros. Lula disse que "vai para o céu" se resolver a fome e a pobreza. Ele também afirmou que a prioridade imediata será melhorar as condições de vida dos brasileiros.

Em resposta, o Financial Times afirmou que a prioridade imediata será melhorar as condições de vida dos brasileiros. Lula disse que "vai para o céu" se resolver a fome e a pobreza. Ele também afirmou que a prioridade imediata será melhorar as condições de vida dos brasileiros.

Inadimplência bate recorde com 66,6 milhões de pessoas, afirma Serasa

Na comparação com maio de 2021, 4 milhões de nomes entram na lista de negativados; inflação e juros impulsionam atrasos

Lucas Bombarda

SÃO PAULO Em um cenário de juros e inflação rodando em níveis elevados no país, e com uma atividade econômica com dificuldades para atingir as metas, as companhias em atraso têm alcançado parâmetros recorde.

Dados do Indicador Serasa Expostas de Inadimplência ao Consumidor divulgados nesta segunda-feira (11) mostram que o Brasil bateu o recorde com 66,6 milhões de inadimplentes em maio, o maior número desde o início da série histórica em 2016. Na comparação com maio de 2021, houve acréscimo de 4 milhões de nomes negativados.

No balanço de resultados referente ao primeiro trimestre, os grandes bancos já haviam sido unânimes em sinalizar que um aumento da inadimplência dos clientes era esperado para o restante do ano.

Entre os principais fatores que mais têm contribuído para o quadro, está a persistente pressurização da taxa de juros por preços mais altos da alimentação, falta de casa e dos planos de saúde, o índice oficial de inflação do país subiu 0,67% em junho.

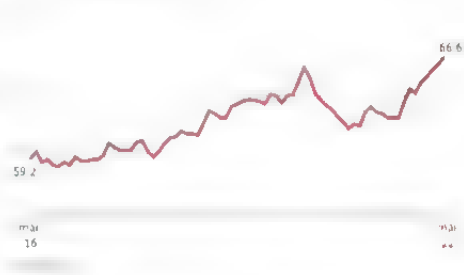
Segundo o economista da Serasa Expertus, Luiz Rabi, apesar de o aumento da inadimplência, se esperava, é possível melhorar a situação. "Os consumidores precisam continuar se organizando e utilizando ferramentas disponíveis, como o saque do FGTS, para tentar tirar o nome do negativado".

Análise setorial da Serasa registra ainda que o maior volume de dívidas negativas está no segmento de bancos e cartões, com 25% do total. Em seguida estão as contas básicas, como água, luz e gás, agrupadas na área de "utilidades", com 22,7%.

Um terceiro, ligados aos setores de varejo e financeiros, com 14,5% cada um.

Inadimplência bate recorde; 66,6 milhões estão com nome sujo

Consumidores inadimplentes (em milhões)



Light obtém liminar para adiar redução na conta de energia

Alexa Salomão

BRASÍLIA A Light distribuidora de energia da capital fluminense, conseguiu nesta segunda-feira (11) uma liminar (decisão provisória e antecipada) no TRF 1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), para adiar a data da revisão extraordinária de suas tarifas de energia elétrica, com o uso de créditos tributários.

Essa redação extraordinária está prevista na lei 14.185, sancionada em 28 de junho, a qual prevê a redução de 8,70 pontos percentuais, e o aumento médio ao final de 2022 de 2,4%.

A Light argumenta que a Anel não realizou consulta pública para fazer o reajuste excepcional e que isso seria um pré-requisito necessário nesses casos.

A Light não se opõe à revisão tarifária, mas sem a sua realização sem a prévia e necessária consulta pública, exigida por lei e pelos próprios regulamentos de revisão tarifária, afirmou a empresa na nota enviada à Folha.

traordinário de 14 distribuidoras que já tinham tido o aumento neste ano, antes da aprovação da lei. A Light era uma delas.

Em janeiro, na lista de reajustes de Celpa (PE), Coselba (BA), Cosern (RN) e PFL Paulista (PI), Santa Cruz, Energisa Boreborema (PB), Energisa Mato Grosso do Sul, Petrópolis (RJ), Equatorial Alagoas, Companhia São Sergipano de Eletricidade, Energisa Sergipe e Enel Distribuição Rio.

O uso do crédito tributário pode ter um forte efeito de redução na conta de energia. Na Enel de São Paulo, a redução reduziu o reajuste em 8,70 pontos percentuais, e o aumento médio ao final de 2022 de 2,4%.

A Light argumenta que a Anel não realizou consulta pública para fazer o reajuste excepcional e que isso seria um pré-requisito necessário nesses casos.

A Light não se opõe à revisão tarifária, mas sem a sua realização sem a prévia e necessária consulta pública, exigida por lei e pelos próprios regulamentos de revisão tarifária, afirmou a empresa na nota enviada à Folha.

PAINEL S.A.

Joana Cunha

joana@folha.com.br

Horizonte

Apesar do silêncio do setor empresarial, que evitou fazer avaliações públicas sobre o assassinato do tesoureiro do PT Marcelo de Arruda pelo bolsonarista Jorge Guaninho, empresários e diretores de grandes companhias elevaram o grau de preocupação com a escalada da violência política nos próximos meses. Em conversas privadas, a percepção é que a habitual incerteza inerente aos períodos eleitorais foi potencializada e pode atrapalhar as previsões nos negócios.

LADOS O presidente do Instituto Los Amigos, Renato Merelles, que vem estudando a polarização na pré-campa, prevê movimento de segmentos do empresariado.

CENARIS "Temos visto o parlamento europeu pressionando por investigação de crimes na Amazônia, deputados nos EL. Apêndice apuração sobre interferência de militares nas eleições. O PIB, que é quem mais perde com tudo isso, começa a aumentar articulações que já existiam para garantir a democracia", diz Merelles.

TUÍTE Empresários bolsonaristas que costumam se posicionar sobre o noticiário na rede social emudeceram diante da morte de Arruda. Nem Luciano Hang nem Salim Mattar ou Wladimir Longo comentaram.

URNA "Quanto mais Lula fala, mais evidente fica sua face autoritária, violenta e antide-mocrática", escreve Mattar. A fala que ele se refere no ato em Brasília, sábado (9), em que Lula analisou o ex-vereador. Maninho do PT, o político citado por Lula é o representante de homicídios contra o empresário Carlos Bettoni, empurrado na rua em 2018.

TITO A OAB SP enviou parecer a Bolsonaro pedindo veto ao projeto de lei que prevê redução dos votos necessários para mudar a destinação de condomínios ou seja, transformar imóvel comercial em residencial e vice-versa.

HOME OFFICE O Código Civil exige aprovação unânime dos condôminos para alterar a destinação do imóvel. O projeto de lei, que já passou pela Câmara, reduz para 2/3 o quórum. Autor da proposta, o senador Carlos Portinho (PL), diz que a Covid encobriu a demanda por imóveis comerciais, elevando a demanda.

COPRE BNDES e Sebrae anunciaram nesta terça (12) a assinatura de um acordo para criar um fundo para apoiar operações de crédito com microempresendedores individuais e empresas de micro e pequeno porte. O aporte inicial é de R\$ 100 milhões de cada instituição, podendo alcançar R\$ 450 milhões em crédito.

MOLETON O setor de vestuário acompanha as temperaturas quentes no inverno, mas ainda tem expectativas de que o frio se manifeste mais adiante. A atenção do setor ao clima é grande porque, tradicionalmente, o inverno ajuda no movimento do comércio.

CABIDE Na indústria, segundo o Fernando Pimentel, presidente do Abit (que reúne os segmentos têxtil e de confecção), as previsões para o segundo semestre estão mais otimistas na área econômica. Alguns segmentos estão evoluindo mais, encontram um ponto de equilíbrio entre oferta e demanda, com os pedidos começando a voltar.

NIBUNA Ele ressalva que ainda há nuvens no horizonte e desenha um cenário de incertezas pelo processo eleitoral e volatilidade de petróleo e câmbio, mas mantém as perspectivas otimistas. "Não podemos dizer que vai ser um segundo semestre tranquilo porque o mundo não está tranquilizado. Mas estamos levemente otimistas com o crescimento econômico, empurrando" diz.

TERMO O programa de diversidade do Mattos Filho, que nos últimos anos vem abrindo vagas exclusivas para estagiários negros, agora foi expandido para as vagas de advogados e contratado nove profissionais negros já formados.

COTA O escritório também acabou de contratar mais advogados de direito autodeclarados pretos, totalizando 20 contratações do programa neste ano. Do total de 641 advogados que trabalham na firma, 54 são negros.

TURMÊ A viagem do ministro da Infraestrutura, Marcelo Seman, a Paris e Madri, na semana passada, para tentar atrair investidores para os projetos do setor de transportes de todos os modos, segundo o órgão.

AVENIDA A delegação brasileira também se reuniu com representantes da área na OCDE e na ICEX (agência espanhola de promoção de investimentos). Foi a segunda rodada internacional após a viagem a Nova York, em maio.

Deputado recorre ao Supremo contra decisão de Mendonça que manteve PEC

José Marques e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O deputado Nereu Crispim (PSD-RS) recorreu nesta segunda-feira (11) da decisão do ministro André Mendonça, do STF (Supremo Tribunal Federal), que negou um pedido de decisão liminar (urgente) para suspender a tramitação da PEC (proposta de emenda à Constituição) que aumenta o Auxílio-Gás, ampliou o Auxílio-Brasil e cria um auxílio a 10 milhões de famílias. Ele pede que Mendonça recue de sua decisão da quinta-feira (7), e, agora, suspenda a tramitação da PEC ou, em caso alternativo, que a questão seja colocada em julgamento urgente por um grupo de ministros, em uma sessão do plenário virtual.

No plenário virtual os ministros depositaram seus votos em uma plataforma do Supremo durante um determinado período de tempo. Sessões extraordinárias costumam durar 24 horas.

Segundo Nereu, essa medida não é necessária devido à excepcionalidade da relevância do fato, garantindo a efetiva entrega jurisdicional preten-

da e em razão da urgência e relevância que o caso requer".

O deputado argumenta que essa urgência é necessária por que a votação da PEC, que tem custo estimado de R\$ 41 bilhões, pela Câmara, está paralisada para esta terça-feira (12). O Supremo não está no recesso de meio do ano até o fim de julho e funciona atualmente em esquema de plantão.

A reportagem Nereu disse que conversou com os chefes de gabinete de Mendonça e também da vice-presidente do STF, Rosa Weber, pedindo a suspensão imediata da tramitação da PEC.

"Estão infringindo todos os regulamentos internos. Naquela hora, houve uma sessão que durou um minuto", disse.

"O governo não está fazendo uma PEC para dar benefício, mas está embutindo o estado de emergência que tem características de estado de mobilização nacional. Não é isso que a porta-voz da maioria Bolsonarista quer", afirmou.

Na quinta-feira, Mendonça justificou que uma eventual apreciação da PEC pela Câmara não implicaria sua posterior anula-

ção, se for o caso, por violação do devido processo legislativo. Por isso, argumentou que não há motivo para conceder uma decisão urgente que impeça sua tramitação.

O ministro disse que é necessário que sejam ouvidas as partes envolvidas na ação, como os presidentes da Câmara e do Senado, antes que se jogue uma decisão. Na ação que apresentou ao Supremo Nereu Crispim, que é presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Caminho Autônomo, afirma que a PEC não poderia ser "quer" tramitar, ser discutida ou votada por violar cláusulas pétreas da Constituição.

Na noite desta segunda, um deputado do Bloco, Alexandre Figueiredo (SP), também pediu ao Supremo que suspenda a tramitação da PEC. O argumento dele é, assim como o de Nereu, de que o texto é uma cláusula pétrea da Constituição. Em nota enviada à imprensa, Figueiredo diz que a PEC é errada do começo ao fim, do texto à tramitação. É uma irresponsabilidade e uma falta de respeito com os brasileiros, do ponto de vista fiscal, eleitoral e constitucional.

[O governo] está fazendo uma PEC para dar benefício, mas está embutindo o estado de emergência que tem características de estado de mobilização nacional. Não é isso que a porta-voz da maioria Bolsonarista quer", afirmou.

Nereu Crispim
deputado federal
(PSD-RS)

com Paulo Ricardo Martins e Gilmar Santos

INDICADORES



semináriosfolha

necessários e
relevantes a um
play de distância
de você.

FOLHA
de São Paulo

[illegible]

**PREVIDENCIA DO
PAL DE DIADEMA**
CITACAO

PRAÇA DO BOM JESUS
08-42 006-2922 PROCESSO Nº 0000000000000000

11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000 1001 1002 1003 1004 1005 1006 1007 1008 1009 1010 1011 1012 1013 1014 1015 1016 1017 1018 1019 1020 1021 1022 1023 1024 1025 1026 1027 1028 1029 1030 1031 1032 1033 1034 1035 1036 1037 1038 1039 1040 1041 1042 1043 1044

PIRAPORA DO BOM JESUS

JOSÉ DE LARANJAL PAULISTA
CITACAO
Nº 3 - PROCESSO Nº 954/2012

[illegible][illegible]

E GENERAL SALGADO/SF

ARGENTINA GRANDE PAULISTA SP

L. DE SANTANA DE PARNAIBA
DE LICITAÇÃO
2022 Proc Adm n° 468-2022
Faz o Edital nº 001/2022 para contratação de serviços de shows pirotécnicos (fogos de artifício), mão de obra

07/2022, de 10h00min.
11 de julho de 2022
DE PREGÃO

alimento, a família achou que era um blefe de enganar por um colono do hospital. Quando os assistentes do noticiário não se seguraram e viu que o médico não havia sido preso, ela, com o coração partido, lamentou: "Vai ser a última vez que vou ver o meu filho".

Em entrevista a jornalistas, a segunda vítima disse que ela não tem a idade, o nome, o endereço e se é empregada de um momento vulnerável para cometer o crime.

A mãe da paciente disse que Bezerra chegou a passar na sala de cirurgia após a cesárea e agitou momentaneamente a mãe. Depois aconteceu. O marido da gestante não foi autorizado a acompanhar a cirurgia. A delegada disse que Bezerra não teve tempo de falar com a mãe, pois foi feito ainda mais vítimas. So no domingo (10) mesma equipe de enfermagem acompanhava outras duas cirurgias. O hospital vai aderir a política a relação das pacientes de cujas cu ligas eles não tiraram e os relatos do equipamento podem auxiliar nas investigações. Os prontuários são poder do ajudar a identificar quais medicamentos foram utilizados e sua quantidade.

A frente da Delegacia de Atendimento a Mulher de São João del-Rei, Mônica Lombo diz que ficou impressionada com o caso. "Ninguém imaginava que pudesse ser dentro de um centro de referência, pensado por um profissional que deveria estar zelando pela saúde da paciente, dentro de um hospital, dentro do atendimento de mulheres", diz.

"Apoesa na hora de ter um filho, totalmente nas mãos de um profissional de saúde em defesa, exposta, fragilizada. Se ainda ficar provado que ele aplicava esse tipo de substância desce-se o assunto e o caso será tratado e cometido crime. Já muito mais inacreditável, he diendo", completa.

Em nota, a secretária de Estado de Saúde e a direção do Hospital Estadual da Mulher (Hemul), afirmam que a equipe médica e repórteres foram acusados de cometer crime. A Polícia Civil.

Segundo a secretária, o médico não é servidor do estado. Ele tem título de especialista em anestesiologia. CRM (registro profissional) regular e prestava serviços há meses como pessoa jurídica para os hospitais estaduais da Mãe da Mulher e Getúlio Vargas".

O hospital afirma que abriu uma sindicância interna para tomar as medidas administrativas e em 10 dias do Crime.

Transfusão de Sangue de Medicina do Rio de Janeiro

Em nota, o conselho disse que abriu um procedimento para a abertura de uma sindicância de Bezerra, devido a gravidade do caso. Também está sendo instaurado processo administrativo disciplinar, o caso será tratado e cometido crime do exercício profissional do médico.

"Esse tipo de comportamento é um completo absurdo e estamos confiantes de que as autoridades competentes irão apurar o que de fato ocorreu e punir o médico com todo o rigor, caso que comprovado o crime", diz trecho da nota.

ato sexual

vítimas de violência", afirmou.

Delegada responsável pelo caso, Barbara Lombo diz que para apurar se a paciente realmente também foi vítima de estupro, será necessário "puxar o prontuário, ver por que [houve] a sedação, ver qual qual era o que mesmo presente e que os procedimentos que eles anestesistas já adotou".

O hospital afirma que abriu uma sindicância interna para tomar as medidas administrativas e notificou o Conselho (Conselho Regi na l de Medicina do Estado do Rio de Janeiro).

A Secretaria de Anestesiologia do Estado do Rio de Janeiro emitiu nota de repúdio sobre o caso.



Prédios comerciais na região da rua 25 de Março, em São Paulo, ainda com fumaça do incêndio de grandes proporções

Incêndio atinge prédios comerciais e fecha lojas no centro de São Paulo

Dois bombeiros sofreram queimaduras de segundo grau; prejuízo será avaliado nesta terça (12)

**Crísta Camargo,
Priscila Lamasano
e Matheus Moreira**

SÃO PAULO Um incêndio de grandes proporções atingiu prédios comerciais na região da rua 25 de Março, centro popular e comercial de São Paulo, na noite de domingo (10) e continuou nesta segunda (11) na (11). Cerca de cem bombeiros em 11 viaturas, incluindo um no combate às chamas.

Segundo informações da Polícia Civil, o fogo teria começado por volta das 21h de domingo (10) após uma explosão na altura do terceiro andar de um prédio comercial na rua Abdo Schahin. Três edifícios próximos foram afetados, sendo uma loja, um edifício comercial de dez andares e uma igreja. Ainda não se sabe as causas do incêndio.

De acordo com Roberto Mente, delegado da Delegacia Seccional do Centro, quando bombeiros tentavam chegar ao interior do prédio e um oxigênio, temo o risco de uma nova explosão, ferindo dois integrantes da corporação. Um deles teve 36% do corpo queimado. Ambos foram socorridos e levados ao pronto socorro Tatapé. O estado de saúde dos dois está estável.

A fumaça dentro do edifício foi um dos principais de

salto para os oficiais que trabalharam no local. Eles se revezaram em turnos para entrar no prédio e combater as chamas. Esse trabalho só é possível com uso de respiradores similares aos utilizados para mergulhos, segundo o capitão André Elias, porta-voz dos bombeiros.

Cada cilindro garante de 30 a 40 minutos de ar. A duração, porém, varia de bombeiro para bombeiro de acordo com a respiração do usuário.

Desde a madrugada a fumaça preta provocada pelo incêndio era vista a quilômetros de distância e chamava a atenção de moradores da região central. No início da manhã, as chamas ainda persistiam, segundo os bombeiros havia o risco de o fogo se espalhar para outros imóveis além dos quatro atingidos.

Em nota, a Prefeitura de São Paulo, por meio da Subprefeitura de e da Defesa Civil, disse que "o local entrou novamente em rescaldo, pois houve reanimação das fumaças brancas e pequenas fogueiras em contraluz e estendendo extintos". Os bombeiros continuam trabalhando e a equipe da Defesa Civil ainda está pela região", afirmou.

Segundo o comunicado, a previsão é que a vistoria das edificações seja realizada na

Onde ficam os imóveis atingidos por incêndio

■ Prédios atingidos



Trabalhamos com a hipótese de que foi nos andares inferiores, mas todos os andares foram atingidos

Capitão André Elias
porta-voz dos bombeiros

Igreja teve perda total, diz padre

A igreja, conhecida como Nossa Senhora, na rua Cavalcanti Bassio Leite, foi totalmente destruída. O padre Dimas, 70 anos, não sobreviveu ao incêndio.

Após a extinção do incêndio, a conclusão do trabalho dos bombeiros. Ali, um dos que será necessária uma avaliação da estrutura pela Defesa Civil para saber se é possível salvar o prédio e reformá-lo, ou se o edifício está condenado.

Segundo a SPTrans, o incêndio afetou a circulação de ônibus na região. Na manhã desta segunda (11), seis linhas que trafegam na região central foram desviadas.

Foram montados bloqueios para o trânsito em várias ruas da região.

O incêndio não afetou a circulação na rua Ladeira. Por ter uma das principais vias do circuito de compras, que fica a menos de 500 metros de distância. Na altura da metrô São Bento, a saída pela própria Ladeira — o movimento é normal com todas as lojas abertas e vendedores nas ruas e calçadas.

manhã desta terça-feira (11). "Somente então é que será possível confirmar os danos causados e o número exato de edifícios abalados pelo incêndio", completa.

A Polícia Civil declarou que o fogo teria começado após uma explosão na altura do terceiro andar. Uma testemunha, que mora perto do local, disse a investigadores que ouviu uma explosão e quando olhou pela janela, viu a fumaça saindo pelas janelas.

O capitão Elias, no entanto, disse que ainda não é possível dizer em que andar o incêndio começou. "Trabalhamos com a hipótese de que foi nos andares inferiores, mas todos os andares foram atingidos".

Elias disse que houve desabamento da estrutura da loja Matsunaka, que fica na rua do Barão de Duprat, e do teto da Paróquia Ortodoxa Antioquina da Anunciação, a Nossa Senhora. O risco de desabamento dos outros prédios atingidos pelos chamas foi descartado pelos bombeiros.

De acordo com os bombeiros, o prédio não tinha AVCB (Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros). A Prefeitura disse que a edificação é de 1948. No terreno funcionavam lojas e nos andares, escritórios.

A diretoria executiva da loja dos Lajistas da 25 de Março e Adjacências, Cláudia Urias, afirmou que ainda não é possível saber o tamanho do prejuízo para os comerciantes, mas que 80% das lojas associadas foram fechadas, e a maioria não tem estoque.

Jorge Dib, 51, é dono de duas lojas de roupas e roupas intimas. Ele diz que perdeu um mês e meio de estoque que ficava no prédio que pegou fogo. No local, também funcionava um refeitório para os cerca de 90 funcionários. "Soube do incêndio pelo segurança que me enviou vídeos. Cheguei lá sozinho e fui embora às 14h".

Rogério Lin, superintendente da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), diz que todo prédio que passa por um incêndio corre o risco de desabar. Ele explica que neste caso, com as chamas e intensidade maior, intensidade do incêndio já tendo passado, a chance de colapso da estrutura era menor, mas não chegou a zero.

Após a extinção do incêndio, a conclusão do trabalho dos bombeiros. Ali, um dos que será necessária uma avaliação da estrutura pela Defesa Civil para saber se é possível salvar o prédio e reformá-lo, ou se o edifício está condenado.

Segundo a SPTrans, o incêndio afetou a circulação de ônibus na região. Na manhã desta segunda (11), seis linhas que trafegam na região central foram desviadas.

Foram montados bloqueios para o trânsito em várias ruas da região.

O incêndio não afetou a circulação na rua Ladeira. Por ter uma das principais vias do circuito de compras, que fica a menos de 500 metros de distância. Na altura da metrô São Bento, a saída pela própria Ladeira — o movimento é normal com todas as lojas abertas e vendedores nas ruas e calçadas.

Região da 25 de Março é uma bomba-relógio

ANÁLISE

Douglas Nascimento

SÃO PAULO O incêndio de grandes proporções que atingiu os arredores da rua 25 de Março, no centro de São Paulo, é apenas uma pequena demonstração de um cenário de risco que já vem se acumulando há anos e que ainda podem vir a acontecer naquela região.

Inúmeros edifícios da área atingida pelo fogo e arredores vêm sendo transformados, ao longo dos últimos anos, em verdadeiros estoques verti-

cais por lojas e distribuidores dos mais variados tipos de produtos na região, algo que sem fiscalização e adaptação adequadas pode levar outros edifícios a sofrerem incêndios similares e até mais trágicos.

Com a deterioração do centro de São Paulo e a mudança do centro financeiro da capital para outras regiões como a Paulista e posteriormente para a Tijuca e Berrini, um número de lojas localizadas na avenida Senador Queiroz e na Florência de Abreu e em suas vizinhas próximas há

com salas ociosas. Isso levou a uma transformação de parte destes edifícios em lojas, muitas delas longe da fiscalização, o que geralmente não são, pois, os edifícios, por andares inferiores transformados em estoques e, por isso, de produtos que muitas vezes são armazenados em espaços diminutos e sem ventilação adequada.

Para constatar esse cenário, o caso de estoques nos edifícios da região, o que requer muito esforço de busca observação, a cada mesmo, as imagens de algumas prédios daque-

la área, abarrotados de caixas de papelão ou de produtos empilhados. Alguns destes prédios são tão mais movimentados que algumas lojas das ruas onde estão instalados, os alhos de porteiros e segurantes de aluguel que entram no prédio e cliente de lá, ou um cliente.

Muitos desses prédios, como o que foi o epicentro do incêndio desta manhã, não possuem AVCB ou autorização para funcionar como lojas operam a revelia do poder público que muitas vezes finge que

não vê as irregularidades.

Encontrar quais são esses edifícios, por parte dos clientes, também não é fácil. Basta entrar em redes sociais como o TikTok e fazer uma busca por prédios que viraram lojas e os resultados serão inúmeros. Vídeos, como este a seguir, exemplificam, mais do que os prédios comerciais, muitos os residenciais da região não são destinados apenas a quem dorme em lojas ou estoques. Existe também o caso de um prédio nas proximidades transformado em prostíbulo.

Não muito longe dali, na rua dos Andradas, quase esquina com a avenida Ipiranga, um edifício inteiro é dedicado a

prostituição. Descobrir qual é não é difícil, bastando fazer uma busca rápida no Google. Aliás, de Londres onde a circulação de homens em busca de prazer e outras atividades é livre, sendo que costumam subir até o último andar e posteriormente descer um a um de escada, conferindo preços de programa que vão variando de acordo com os andares, claro, com a idade de quem oferece o serviço.

Localizada num prédio da sede da Polícia Civil do Estado de São Paulo, este prédio é famoso na região, na internet e até mesmo no exterior. O curioso é que, aparentemente, apenas o poder público não conhece. Que, aliás, não?

saúde

Falta de soro pode prejudicar tratamentos de hemodiálise

53% dos equipamentos de saúde estão com baixo estoque, aponta pesquisa

Isabela Palhares

SÃO PAULO Em meio a um desabastecimento de medicamentos e insumos de saúde mais da metade dos equipamentos de saúde do país está com dificuldade de comprar até mesmo soro fisiológico. Entidades do setor alertam que a crise pode prejudicar pacientes em tratamento de hemodiálise.

Uma pesquisa feita pela CN Saúde (Confederação Nacional de Saúde) identificou que 53% dos equipamentos de saúde estão com estoque de soro abaixo de 25%. Outros 37% estão com estoque abaixo de 10%.

O levantamento também mostra que 40% das unidades de saúde não têm encontrado o produto no mercado com preços

acima de 100% do usual.

A pesquisa foi respondida por 106 estabelecimentos, como hospitais e clínicas especializadas, do Distrito Federal e de 13 estados: Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e São Paulo.

Um dos tratamentos que pode ser mais afetado é o de hemodiálise, já que as máquinas usadas precisam ser limpas com soro fisiológico entre um paciente e outro.

"Não existe uma explicação para a falta de um insumo tão básico e tão importante para o atendimento de saúde. O mercado brasileiro está completamente desregulado e os centros de diálise estão mu-

to preocupados com as repercussões desse problema", diz Yussif Ali Mere Junior, presidente da ABCDT (Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplantes).

Segundo ele, caso a falta do insumo se mantenha, os centros terão de recorrer a outros produtos para limpar as máquinas de hemodiálise. As alternativas, no entanto, ainda não foram avaliadas e os custos do tratamento.

Ha meses o país vem enfrentando o desabastecimento de uma série de remédios. Em abril, e depois novamente em junho, entidades médicas alertaram o Ministério da Saúde sobre o baixo estoque nos hospitais.

As entidades cobravam a adoção de "ações coordenadas no sentido de contribuir



Não existe uma explicação para a falta de um insumo tão básico e tão importante para o atendimento de saúde. O mercado brasileiro está completamente desregulado

Yussif Ali Mere Junior
presidente da Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplantes

com a regularidade da comercialização dos medicamentos, tendo em vista todas as implicações e prejuízos clínicos que a ruptura de estoque pode ocasionar".

Entre elas estavam a Amib (Associação de Medicina Intensiva Brasileira), a SBA (Sociedade Brasileira de Anestesiologia) e a SBH (Sociedade Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde).

Segundo a pesquisa da CNSaúde, além do soro, os equipamentos de saúde relataram falta de outros insumos básicos, como dióxido de nitrogênio (com baixo estoque em 62,4% das unidades), atropina (50,5%) e até contraste usado em exames radiológicos (49,5%).

As entidades cobravam ações do Ministério da Saúde para solucionar a situação que se arrasta há meses. "Oficinas de monitoramento e a Amib não obtiveram respostas sobre o que estão fazendo para evitar o desabastecimento", diz Breno Monteiro, presidente da CNSaúde.

Outro levantamento, feito pelo Consórcio (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde), também identificou a falta de antibióticos,

como a maioria da azitromicina, em unidades de saúde de 284 municípios do país.

Em nota, o Ministério da Saúde diz que o desabastecimento de insumos médicos é resultado de "diversas causas globais que extrapolam sua competência. As entidades, a pasta tem dito que o problema é consequência da guerra na Ucrânia, do fechamento de portos na China em decorrência da pandemia de Covid-19 e da alta do dólar".

As entidades ressaltam, no entanto, que o soro fisiológico, por exemplo, é produzido no Brasil e não depende da importação de insumos para sua fabricação.

O ministério disse, ainda que, no início de junho, publicou uma portaria que libera critérios de estabelecimento ou de ajuste de preços para remédios com risco de desabastecimento no mercado.

"A pasta continua atuando em conjunto com Amib, estados e municípios e representantes das indústrias farmacêuticas para articular ações de enfrentamento ao desabastecimento de insumos hospitalares no país", diz nota da pasta.

Mais de 1 bilhão de vacinas contra a Covid-19 foram desperdiçadas durante a pandemia

Hannah Kuchler

LONDRES FINANCIATIMES Mais de 1 bilhão de vacinas contra a Covid-19 podem ter sido desperdiçadas devido à distribuição desigual de manufaturas no mundo. Um estudo sobre a vacinação e a armazenagem em temperatura incorreta, concluiu uma análise do grupo de dados de saúde Airfinity.

A empresa de análise estimou que 1,1 bilhão de doses, cerca de 10% de todas as vacinas de Covid-19 produzidas, foram desperdiçadas desde que os imunizantes foram aprovados no final de 2020. Quase 800 milhões foram desperdiçadas nos primeiros seis meses deste ano, segundo estimativa da Airfinity, que são baseadas em expectativas de governos, notícias na mídia e previsões de produção.

O presidente executivo da Airfinity, Rasmus Bech Hansen, disse que mais doses provavelmente serão desperdiçadas neste ano, embora os fabricantes de vacinas planejem reduzir a produção. Ele disse que isso se deve à oportunidade de mudar sua capacidade de fabricação para fazer vacinas para outras doenças.

"Muitas áreas não têm vacinas suficientes. Campanhas de vacinação mais amplas poderiam produzir melhor proteção e salvar vidas", disse ele. Espera-se algum desperdício com produtos médicos



Vacinação contra a Covid em UBS na zona sul de São Paulo. Divulgação: Comitê de Vacinação da Prefeitura de São Paulo

que expiram rapidamente, ainda mais em uma pandemia em rápida mudança, em que é difícil prever a demanda. Mas o principal analista da Airfinity, Matt Linley, disse que uma coisa significativa foi a do-

ção de doses com prazos de validade curtos para países em desenvolvimento.

"Uma das maiores coisas relatadas é que os países recebem doações que chegam muito tarde, muito perto do

venimento, então não têm tempo para usá-las", disse ele.

Os países desenvolvidos compraram bilhões de doses com seus contratos, deixando a iniciativa a Covax — criada para garantir

que as vacinas chegassem às pessoas mais pobres — em dificuldade para obter vacinas suficientes no ano passado. Muitos países também não tinham dados suficientes para saber se as vacinas estavam sendo armazenadas corretamente. Quando mais doses chegaram, no início deste ano, os governos dos países em desenvolvimento muitas vezes enfrentaram hesitação de suas populações em se vacinar.

"Se essas doses tivessem chegado a essas regiões desde o início, a absorção poderia ter sido muito maior", disse Linley, explicando que as pessoas muitas vezes já haviam adquirido imunidade natural por meio de infecção e não estavam tão interessadas em se vacinar.

Ele acrescentou que outros problemas incluíam doses armazenadas na temperatura errada, o que era particularmente importante para as vacinas de mRNA, que geralmente exigem armazenamento ultrafrio, e não conseguiram extrair doses suficientes de cada frasco. Frascos maiores foram adotados como forma de distribuir vacinas com eficiência na fase aguda da pandemia, mas estão sendo substituídos por seringas pré-carregadas.

Bech Hansen disse que o mundo desperdiçou o que precisa, porque os países não mandaram em excesso de fabricantes tecnológicos para garantir que pelo menos um deles funcionasse. "Era necessário certo estoque para proteger o mundo rapidamente", disse ele.

Tradução de Lúcia Robert M. G. G. G.

São Paulo libera 4ª dose para pessoas a partir de 35 anos

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

A Prefeitura de São Paulo

MORTES

Geleia era considerado o melhor impressor do país

LEONARDO ALONSO SOLER (1940-2022)

Patrícia Panquini

SÃO PAULO O jeito mole para falar fez com que os amigos da Folha apelidassem Leonardo Alonso Soler de Geleia. Ele gostava.

No trabalho mostrava-se sempre muito exigente com a qualidade, sem deixar a elegância e a descontração de lado. De fácil trato, Leonardo era o tipo de pessoa que nas próprias desgraças, segundo o irmão, o jornalista Mário Soler. Ele também inspirou parte da família a trabalhar com comunicação.

Leonardo nasceu em Iguatema, distrito de Nhandeara (a 509 km de São Paulo). Era

o segundo mais velho entre os nove filhos do casal de migrantes espanhóis Félix Alonso García e María Soer García.

Começou a trabalhar ainda criança em propriedades rurais. No início da década de 1960, mudou-se para São Paulo como a mulher Adélia. Na Folha, trabalhou de 1961 até 1992. Começou como auxiliar, na limpeza das máquinas da gráfica e chegou a coordenador operacional.

A habilidade para manusear as máquinas de impressão compensou o pouco estudo — apenas até o terceiro ano primário.

"Ele foi um dos pioneiros do sistema de impressão em off-

set no Brasil. Fez cursos de especialização nos Estados Unidos. Pelo trabalho visitou outros países como Peru, México, Chile e Japão", relata o advogado Aldo Cardenas Alonso, sobrinho dele.

"Em tempos tão confusos como os atuais, em que a honestidade importa, meu pai deixou para nós o que o trabalho, a dedicação e a honestidade valem a pena. Ensinou todos a se dedicarem e valorizarem o local onde se trabalha. A Folha foi a ideia dele", finaliza Aldo.

"Ele era todo no meio gráfico como o melhor impressor do Brasil", afirma Mário.

Quando deixou o jornal, Leonardo mudou-se para São José do Rio Preto (a 438 km de São Paulo) e se dedicou a sua outra paixão: o xadrez. Jogou até três meses antes da morte. Leonardo Alonso Soler morreu no dia 2 de julho, aos 82

anos, por complicações de um AVC. Sofria de Parkinson e Alzheimer.

Ele deixa a mulher, dois filhos, cinco netos e oito bisnetos.

Procurar a Senra Funerária Municipal de São Paulo

Av. Augusto de Almeida, 100 - Jd. São José - São Paulo - SP

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

netos
STEPHENIE LOUISE ALEXANDRE
F. GUERREIRO Aos 25 (casada)
Péssimo, (11/7) Cemitério Jardim do
Péssimo, Itaquera, São Paulo (SP)

Procurar a Senra Funerária Municipal de São Paulo

Av. Augusto de Almeida, 100 - Jd. São José - São Paulo - SP

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

7º DIA
JANINE MESSIAS GONZALEZ
Nesta terça (12/7) às 18h30 Igreja
de São Gabriel do Arco, Jardim
Paulista, São Paulo (SP)

Procurar a Senra Funerária Municipal de São Paulo

Av. Augusto de Almeida, 100 - Jd. São José - São Paulo - SP

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

Avisei pra gente na seção de avisos de falecimento

A família de

Paulo Guilherme Aguiar Cunha

agradece as manifestações de pesar e carinho recebidas e convida demais familiares e amigos para a missa de 7º dia, que será celebrada dia 13/07, quarta-feira, às 11:00, na Igreja São José, localizada na Rua Dinamarca, 32, Jardins, São Paulo.

esporte

ESPORTE
AO VIVO11h Uruguai x Brasil
Copa América fem20h30 Athletico x Bahia
Copa do Brasil21h Cruzeiro x Fluminense
Copa do Brasil

Atletas vão se reunir com Romário após atos contra Lei Geral do Esporte

Rodada do Brasileiro no último final de semana foi palco de protestos dos jogadores em campo

João Gabriel
e Luciano Teindade

BRASÍLIA E SÃO PAULO Jogadores de futebol vão se reunir com a equipe do senador Romário (PL-RJ) nesta terça (12), para discutir Lei Geral do Esporte.

Durante o final de semana, algumas partidas foram palco de protestos dos atletas que passaram 1 primeiro minuto de jogo parados, com a mão na boca. Eles reclamam que a proposta, a maior alteração legislativa do esporte brasileiro desde a criação da Lei Pelé, tem pontos que os prejudicam.

O projeto, que partiu do Senado, foi aprovado na Câmara na última quarta-feira (6). Com essas mudanças, as condições, voltará a ser apreciado pelos senadores, o que pode não acontecer nesta semana.

Por isso, uma entidade de futebol das Series ABCD marcou uma reunião com a equipe do senador e ex-jogador Romário, hoje pré-candidato a reeleição, no Rio de Janeiro.

O encontro seria virtual e deveria acontecer por volta

da hora do almoço. Além das críticas ao texto, os esportistas pedem que o ex-atacante seja relator do projeto — o que na prática lhe renderia mais poder de decisão sobre novas mudanças.

As possibilidades de alteração no texto, no entanto, são limitadas. O Senado pode, agora, apenas desfazer alterações que tenham ocorrido na Câmara, mas não pode propor novas regras, por exemplo.

A Lei Geral do Esporte consolidou a Lei Pelé e diversas outras legislações esportivas em um único texto. Após a aprovação do projeto na Câmara, alguns jogadores de futebol, como Diego Ribas e Lucas Leiva, posicionaram-se nas redes dizendo que o texto traz avanços, mas tem problemas, replicando conteúdo criado pela União dos Atletas. “Devemos ser ouvidos para que um equilíbrio seja encontrado”, afirmou o jogador do Flamengo.

A entidade reclama que algumas alterações na lei são brejetas as novas regras para demissões — prejudicando os jogadores que por sua vez não

teriam sido ouvidos.

Relator do projeto na Câmara, o deputado Elielton (PSB-PE), diz que há, no caso dos jogadores de futebol, um vácuo de representatividade.

Afirma, ainda, que se reuniu, por exemplo, com a Federação das Associações dos Atletas Profissionais, além de ter ido encontrar com o Conselho de Atletas do CBF (Comitê Olímpico do Brasil) e com a Associação Pêlo Brasil, entidade que representa esportistas olímpicos.

Em total, ali, milhões de atletas de futebol das Series ABCD. Ele afirma que o novo projeto aumenta de 40% para 50% a fatia da remuneração que eles podem receber como direito de imagem. Há, ainda, uma alteração na definição da jornada noturna a partir das 23h50 em vez das 22h, como é atualmente.

Mas o principal ponto de tensão são as mudanças feitas para as regras de rescisão contratual e demissão.

Pela lei atual, o valor mínimo de multa rescisória é igual a 100% do que resta a ser pago até o fim do contrato e de

ve-se quitado a vista. O novo projeto estabelece que esse montante possa ser parcelado e que seja de, no mínimo, 50%, uma redução de dois clubes.

Carreiras lembra que, durante o debate do projeto, foi pedido aos atletas, incluindo um dispositivo que determina que para contratos mais de 12 meses, a multa por demissão se mantenha em 100%.

“O que os clubes pedem na parte da rescisão, eu acho injusta, porque não existe a possibilidade de ter uma multa de 50%, basta estar no contrato, mas possibilitar ao clube ter uma multa de 50%”, diz o deputado.

A proposta define também que, caso um jogador assine com outro clube antes de receber todo o valor a que teria direito de sua equipe, o empregador anterior fica isento de pagar o restante do salário se o novo ordenado for superior ao que ele recebia antes e, sendo menor, o clube anterior pagaria o restante a diferença.

“Nós colocamos, para contratos de até um ano, a multa de 100% para preservar os jo-



Devemos [os atletas] ser ouvidos para que um equilíbrio seja encontrado

Diego Ribas, jogador do Flamengo



O que os clubes pedem na parte da rescisão eu acho justo, porque não exige a possibilidade de ter uma multa de 500%, basta estar no contrato, mas possibilitar ao clube ter uma multa de 50%

Felipe Carreras (PSB-PE), deputado relator do projeto na Câmara

gadores com contratos mais curtos. Agora, se você tem um contrato de cinco anos, o jogador não recebe a multa se quiser e o contrato é rescindido? Ai o clube paga os cinco anos e o jogador ainda vai receber salário de outro clube que o contratar? É questionar o direito dele.

Após a volta ao Senado, o texto pode ser votado já nesta semana, mas o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), ainda não divulgou oficialmente a agenda de pautas que devem ser debatidas nos próximos dias.

Relatoria da matéria antes do texto ir para a Câmara, o senador Leão Barros (PP-PI) disse que, caso retorne essa posição, durante a nova rodada de debates sobre o texto, ouvirá todas as partes impactadas.

Inicialmente, como reunião com dezenas de entidades representativas do mundo esportivo, inclusive dos jogadores de futebol. Recebem centenas de sugestões, dentre as quais aceitar a maioria e fazer modificações que foram sugeridas por diversos parlamentares”, afirmou ele.

Apesar do ruído envolvendo o futebol, a Lei Geral do Esporte trata de diversos outros temas do esporte em geral.

O projeto prevê, por exemplo, aumento da pena para casos de racismo no ambiente esportivo, paridade entre premiações para homens e mulheres, punição a cartões vermelhos e amarelos para atletas que expressarem suas opiniões pessoais.

Bernie Ecclestone é indiciado acusado de sonegar R\$ 2,5 bi

LONDRES Reuters. Bernie Ecclestone, ex-chefe comercial do F1, foi indiciado nesta segunda (11) por supostamente não ter declarado mais de 400 milhões de libras (cerca de R\$ 2,5 bi) em ativos externos à autoridade fiscal britânica, de acordo com promotores.

A promotoria informou que Ecclestone se enfrenta uma acusação de fraude por falta de representação. “Isso se trata de uma investigação criminal complexa e mundial pelo Serviço de Investigação de Fraudes do HMRC”, disse o promotor, diretor do serviço de investigação de fraudes da Receita britânica. A primeira audiência deverá ocorrer em 22 de junho em Londres.

Contatado em blitz, Ecclestone disse que ainda não conhece os detalhes do caso. “Eu não vi isso. Então não sei, não posso comentar”, afirmou.

Então, o ex-chefe comercial da F1 até 2017 foi preso em São Paulo por porte ilegal de arma, pagou fiança de R\$ 6.600 e deixou o país.



INGLATERRA ATROPELA NORUEGA E VENCE POR 6 A 0 NA EUROCOPA FEMININA, DISPUTADA NA GRã-BRETANHA

As inglesas marcaram 6 dos 8 gols logo na primeira etapa e liquidaram a partida contra as norueguesas; Beth Mead foi destaque com 3 tentos. *Adaptado de AFP*

Descaso

Copa América evidencia menosprezo da Conmebol e da CBF com futebol feminino

Renata Mendonça

comentário publicado no site de Renata Mendonça, jornalista esportiva

Vamos dizer que você tenha um carne queira vender. Qual a primeira coisa que você vai fazer para chegar ao objetivo? Anunciar no meio jornalístico ou no produto (carne) que você tem em mãos? Anunciar no meio jornalístico ou em sites? Espalhar panfletos nas ruas? Tentar de todas as formas fazer com que as pessoas saibam que você tem um bom produto para que elas possam se interessar em comprar?

Sócio tem uma empresa, então, e, portanto, mais dinheiro disponível para apostar na divulgação do produto que você mesmo vende. Imagine que

vai turbinar a publicidade de leite. Parece muito óbvio, não? Pois bem, talvez não para a Conmebol.

Para se ter uma ideia, os ingressos para os jogos da Copa América feminina começaram a ser vendidos (faltam menos de 15 dias para o início do torneio). Isso pela internet. Em pontos de venda físicos, as entradas foram disponibilizadas apenas uma semana antes.

Mas para vender ingressos é preciso divulgar a competição, não é mesmo? De relatos de quem está em Arábia Saudita, da seleção brasileira nos pri-

meiros jogos da Copa América, não há nenhuma pista de que ali esteja acontecendo uma competição importante de futebol. Não há divulgação, não há apoio nem nos pontos pontos pontos da cidade.

Se você cheja lá hoje sem saber do torneio, provavelmente se sairá de lá com descoberto: não vai cruzar com nada que o informe sobre o evento. De qualquer forma, o evento brasileiro deve vir despertar grande interesse local, já que o time a ser batido na competição, atual campeão, inclusive, tem um pouquinho de ex-

forço, a Conmebol conseguiu vender alguns milhares de ingressos para a partida — se fosse o contrário.

O jogo da Eurocopa feminina está ocorrendo ao mesmo tempo que a Copa América (concluiu por conta dos adiamentos da pandemia) e, portanto, a situação ainda mais constrangedora para a Conmebol. Dos 700 mil ingressos disponíveis para a competição europeia, mais de 500 mil foram vendidos. No primeiro dia, houve recorde de público batido a 100 mil em Inglaterra e Austrália e 100 mil em Jordânia, causa de

com quase 60 mil pessoas.

A partida de abertura da Copa América entre Colômbia e Paraguai, em Cuba, teve pouco mais de 12 mil torcedores presentes. Poderia ter muito mais. Em junho deste ano, a final do Campeonato Colombiano feminino teve 37 mil torcedores.

O que a Uefa fez diferentemente da Conmebol? Planejamento. Divulgação. Acentuação do evento. A Uefa anunciou a venda dos ingressos para a Euro. Houve publicidade na Tower Bridge, um dos principais pontos turísticos de Londres. E houve imposição de estar na Terra da Ruim, e não saber que uma Euro está acontecendo por lá.

E assim como a entidade americana, a CBF também evidencia seu descaso com o futebol feminino nessa Copa América. Conforme apontou reportagem de Gabriela Moreira do Globo, a confederação não enviou nenhum represen-

tante para acompanhar a seleção feminina na Colômbia. Algo que acontece em qualquer torneio da seleção masculina até mesmo da base.

É curioso que entre oito vice-presidentes e oito diretores, ninguém tenha conseguido a disponibilidade para estar na Colômbia junto com a seleção feminina. Os mesmos dirigentes que apareceram para questionar o trabalho da comissão técnica, mas não fizeram questão de acompanhar o time. Como disse a técnica Paulinha, na coletiva após a vitória por 4 a 0, ela se tornou da competição.

Desço nas classificações para a Copa do Mundo, mas também espero que, ao longo dos anos, eu possa mudar a realidade do futebol feminino no Brasil. Muito se fala sobre qualidade de pagamento, mas a realidade é que o tratamento a algumas atletas são muito

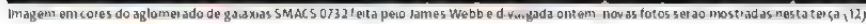


Figure 1. Schematic representation of the experimental design. The subjects were divided into two groups: the control group and the experimental group. The control group was divided into two subgroups: the control group and the experimental group. The experimental group was divided into two subgroups: the control group and the experimental group. The control group was divided into two subgroups: the control group and the experimental group. The experimental group was divided into two subgroups: the control group and the experimental group.



FOLHA DE S.PAULO ***

TERÇA-FEIRA 12 DE JULHO DE 2022 C1

O rei e eu

Baz Luhrmann conta a turbulenta história de Elvis Presley e de seu empresário, papéis de Austin Butler e de Tom Hanks, num filme extravagante que vai dos anos de sex symbol ao vício mortal

O ator americano Austin Butler como Elvis Presley em detalhe do cartaz de Elvis, filme do diretor australiano Baz Luhrmann que estreia nesta semana nas salas de cinema do país. *Divulgação*

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Fiquem os donos e criadores importantes, mas a obra é um tributo ao ícone. O filme de Baz Luhrmann, "Elvis", conta a história de Elvis Presley, um dos maiores ícones da música americana, e seu empresário, Tom Hanks. O filme é uma obra-prima de direção, com uma trilha sonora incrível e uma atuação excepcional de Austin Butler. O filme é uma obra-prima de direção, com uma trilha sonora incrível e uma atuação excepcional de Austin Butler.

na trajetória com uma energia veloz, em todas as partes. O filme é um tributo ao ícone. O filme de Baz Luhrmann, "Elvis", conta a história de Elvis Presley, um dos maiores ícones da música americana, e seu empresário, Tom Hanks. O filme é uma obra-prima de direção, com uma trilha sonora incrível e uma atuação excepcional de Austin Butler.

exploramos as que vão mais longe da música. O filme de Baz Luhrmann, "Elvis", conta a história de Elvis Presley, um dos maiores ícones da música americana, e seu empresário, Tom Hanks. O filme é uma obra-prima de direção, com uma trilha sonora incrível e uma atuação excepcional de Austin Butler.

Elvis Presley fez todo um país chorar quando soube de "Hound Dog" e "A Little Less Conversation". O filme de Baz Luhrmann, "Elvis", conta a história de Elvis Presley, um dos maiores ícones da música americana, e seu empresário, Tom Hanks. O filme é uma obra-prima de direção, com uma trilha sonora incrível e uma atuação excepcional de Austin Butler.

REGRAVAÇÕES NA THEATRE AIRBORNE

'Can't Help Falling in Love'
Kacey Musgraves

'If I Can Dream'
Manedrin

'Cotton Candy Land'
Steve Nicks e Chris Isaak

'Power of My Love'
Jack White

sa sem fazer um reconhecimento. O filme de Baz Luhrmann, "Elvis", conta a história de Elvis Presley, um dos maiores ícones da música americana, e seu empresário, Tom Hanks. O filme é uma obra-prima de direção, com uma trilha sonora incrível e uma atuação excepcional de Austin Butler.

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@folha.com.br

RITO
ACELERADO

A cúpula do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremejr) estuda acelerar o processo de julgamento do médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante por estuprar uma paciente no momento em que ela passava por uma cesárea. O episódio causou revolta e está em andamento dirigentes da entidade

ACELERADO 2 O Cremejr deve instaurar um processo ético e profissional, que pode resultar na cassação do registro de Giovanni Bezerra. A duração máxima para a conclusão desse procedimento é de 90 dias.

PRIMEIRA "É um compromisso ético e dos conselheiros usar todos os meios para acelerar esse trâmite para que possamos finalizar esse processo no menor prazo possível", diz o presidente da entidade, Clovis Bersot Munhoz.

MEIDAS Assim que receber a denúncia, a entidade já abriu um outro procedimento para suspensão imediata do anestesista. "O cuidado é para que ele fique afastado até que possa ser mais auxiliado a sanar a culpa e todos os ritos exigidos pelo processo ético profissional", explica a Munhoz a coluna.

REPULSA O presidente da entidade usa o termo "horror" para classificar o episódio. "Sou formado há mais de 40 anos. Nunca vi nada que se aproximasse dessa atitude", diz ele.

CADENA Giovanni Bezerra foi preso após funcionários do Hospital da Mulher Ibirapuera, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, filmarem o anestesista colocando o pênis na boca da paciente durante o parto.

RESPOSTA Em nota, sua defesa diz que se manifestará sobre a acusação depois de ter acesso aos depoimentos e outros elementos de prova apresentados na audiência de custódia.

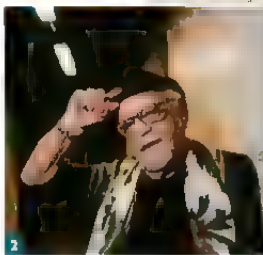
COLEADA O apoio da cantora Anitta à primeira candidata do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi o tema abordado como um gol de Copa do Mundo entre grupos de petistas no WhatsApp. Segundo integrantes do partido, a repercussão foi tão imediata quanto a resposta de Lula, que parou uma música da cantora para agradecer a

MIT "Vamos juntos invocar o Brasil" escreveu o ex-mandataria O comentarista publicado por ele nesta segunda-feira (11) em um momento de Anitta dizer que será "Lulana" no "Go! de Marta" afirma o deputado Alexandre Paes (PT-SP) em referência à cantora da discografia feminina.

LUPA Um grupo composto por estudantes e deputados do estado do Rio de Janeiro, do Congresso da União, pedindo a investigação do suposto uso de emendas de relator para bancar fraudes no SPS. O caso foi revelado pela revista Piauí.

LUPA 2 Segundo a reportagem, milhões de reais estão sendo direcionados a preleturados do Maranhão que influenciam a saúde para obter emendas. A representação é assinada por parlamentares de Rede, PSB, PT e Pro

TERCEIRO SINAL



A atriz Claudia Abreu subiu ao palco na estreia do monólogo "Virginia" no último fim de semana, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo. A peça, que é inspirada na vida e obra da escritora Virginia Woolf, tem direção de Amir Haddad. A atriz Malu Valente, que também assina a codireção da montagem, esteve lá.

VERDE... O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo abastou neste ano 1989 adolescentes em situação de internação ou de internação provisória na Fundação Juca, em SP, para votarem nas eleições de outubro. Os jovens têm entre 16 e 18 anos.

CONFIRMA Segundo a Secretaria da Justiça e Cidadania de SP, atividades de conscientização sobre a importância da participação nas eleições estão sendo realizadas desde maio.

CIDADANIA Desde maio, o Tribunal Superior Eleitoral e o TCE-SP permitem que adultos em centros de reclusão tenham acesso à internet para exercer o direito de voto. Na Fundação Casa, as equipes multiprofissionais são mobilizadas para garantir a execução desse direito humano, diz o secretário de Justiça e presidente da instituição, Fernando José da Costa.

PALCO A atriz Virginia Cavendish vai interpretar a personagem-título de "Mary Stuart", obra clássica de Friedrich Schiller, em espetáculo que estreia no dia 20 de agosto, no Teatro Sesi SP Ana Cláudia Costa. O elenco, com direção de Chris Couto, Genézio de Barros e outros atores, compõe o elenco da peça, que tem direção de Nelson Baskerville.

INTERCÂMBIO O superintendente geral da Fundação Amazônia Sustentável (FAS), o engenheiro florestal Virgílio Viana, será um dos palestrantes do workshop "Resiliência de Pessoas e Ecossistemas sob o Estresse Climático", organizado pela Academia Brasileira de Ciências da Vida, no evento que começará nesta terça (12) e vai até sexta (14), em Roma.

INTERCÂMBIO 2 Viana, que também é membro da academia, falará sobre soluções para as mudanças climáticas a partir da perspectiva da Amazônia.

O rei e eu

Continuação da pág. C1

Enquanto canta "Baby Let's Play House" do músico de Blues Arthur Gunter, ele balança a pelvis em várias direções. Mulheres levantam de seus assentos, gritam, se descabam e se entregam a um furor sexual, desconfiantes que capta a atenção do Coronel, que serve de olhos para o espectador. É o difícil e abusiva relação entre músico e empresário que dá o ritmo.

Nas telas, a virilidade hipnotizante que vemos dançar pertence a Austin Butler, escolhido para o papel a partir de uma lista que incluía nomes bem maiores que o do ex-ator de Disney e Harry Styles, Miles Teller, Ansel Elgort e Aaron Taylor-Johnson. A barba, alusiva aos anos 1950, prepara para Butler, período no qual ele dá o ritmo, obcecado, se dedicando quase exclusivamente a "Elvis". Tem vários tipos de treinamento do canto à dança, da dicção ao tom de voz, que o ator faz ter mudado diversas vezes ao longo da carreira do rei.

Quando você olha para os personagens, você acha que é um papel impossível. Mas, para a minha curiosidade, para o treinamento e tentativa de o mais próximo possível. Mas não tem tudo se resumia a encontrar a humanidade de Elvis, o despar do rosto de Kane, das caricaturas, das fantasias e falar sobre quem ele era e como ele se sentia", diz Butler.

"Eu tinha medo de fazer com ele, sua família, seu legado e seus fãs. Era muita responsabilidade. Mas era exatamente sob esse temor que eu vivi a boa parte da vida, então eu queria me sentir confortável sobre que o Elvis, também, tinha essas coisas extraordinárias".

Com a atenção e os elogios que vem recebendo pelo trabalho, Butler, de 30 anos, já assegurou mais um papel importante para o futuro breve, na sequência do filme "Dune: Part Two", de Denis Villeneuve.

Após seguir de perto a relação romântica com o Coronel Tom Parker, "Elvis" se tornou um filme sobre o ódio que esse desgastado gerou, mas sem deixar de lado a paixão inabalável que o rei teve por Priscilla Presley.

O filme defende a ideia de que, quando se separa da mulher, o homem fica mais do que antes não foi a falta de amor, pelo contrário. Foi a falta de ver Elvis se aludindo em drogas e no álcool e a consequente trágica pela fama.

A teoria é corroborada pela própria Priscilla Presley, que tem acompanhado a equipe do filme nas conversas com a imprensa, entre elas a do Festival de Cannes, quando ela afirmou que as concertas sexuais do longa são reais.

Dessa forma, a trama dá um toque que em diferentes campanhas, se repetem na filmagem, ela encara mas com a personalidade de Luhrmann, que esteve por trás de obras como "O Grande Gatsby" do ano passado, "Romeu + Julieta" do ano passado e "Vem Dançar Comigo" e "Dunkirk", do ano passado. Amor em Ver melhor que se apegava a um mantra que em "Elvis" também parece importante: o de crer na beleza, na liberdade, na verdade e no amor.

Como costuma ser os filmes de Luhrmann, "Elvis" não é para qualquer um, apesar de música de seu bloco de tempo para provar universal e atemporal. Os cortes frenéticos, os personagens caricatos, o visual bombástico e a trilha que mistura sons a antigas a modernidade tornam o filme, verdade. Mas não é fácil, certamente, que, diante de vida e carreira tão intensas, só mesmo um espetáculo barulhento e exagerado para dar conta do trabalho de Elvis Presley.

Elvis não morreu, ele chacoalhou o sexo e a cultura de toda a sua era

Cantor que retorna em filme fez uma reviravolta na música, se infiltrou em Hollywood e terminou com voz divina

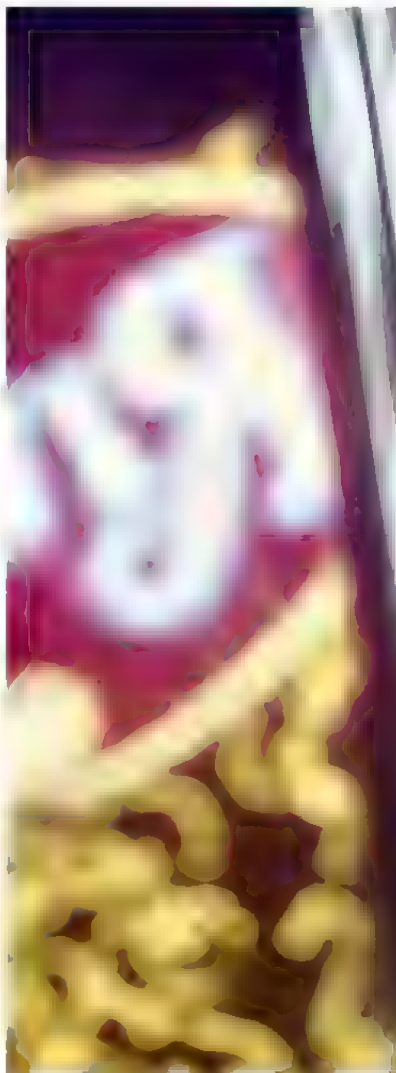
ANÁLISE

Paulo Santos Lima

Elvis não morreu. Repetida há 45 anos sob os mais diversos sentidos e desjos, a frase

se poderia ser aplicada ao filme "Elvis", que estreia nesta semana. Porque só Elvis poderia fazer de um longa de Baz Luhrmann algo esteticamente coerente e interessante.

Continuação da pág. C1



Longa destaca Austin Butler impecável, mas parece mais uma mistura de vídeos

CRÍTICA

Elvis

★★★★★

EUA 2022 De Baz Luhrmann

Direção: Baz Luhrmann

Elenco: Austin Butler, Tom Hanks

Duração: 137 minutos

Lançamento: 12 de junho

Distribuição: Warner Bros.

Classificação: 14 anos

Sinopse: O filme retrata a vida e a carreira de Elvis Presley, desde sua infância no Mississippi até sua ascensão à fama em Los Angeles.

cos minutos de exibição para que a missão de sua obra ficasse clara: apresentar o Elvis Presley das gerações K, Y, Z e Zeta. Digo "obras" porque no final das contas é difícil dizer que "Elvis" seja um "filme". Com quase três horas, e mais uma coleção de números de vídeos exibidos em ordem

Continuação da pág. C1

Continuação da pág. C2

Elvis, como sempre, até mesmo intermediado por um cineasta como Luhmann, mobiliza todos os olhos, tímpanos e corações do mundo. Elvis não morreu, também, não só porque sua presença paira pelas 784 muskas que gravou, pelos 31 filmes ora ordinários e ora interessantes que estreou e pelos 1684 shows que, de certo modo, ainda parecem assar aqui e agora.

Elvis continua porque sua imagem permanece viva. Há Marilyn, Gandhi, Guevara, Lennon, Buda e Cristo: claro, mas Presley parece abrigar todo um estado de coisas do século 20, da revolução comportamental à indústria cultural.

Elvis está em consonância com o que Walter Benjamin esboça em "A obra de Arte na Era da Sua Reprodução em Grande Escala": que de certo modo ensaja o que mais tarde, o francês Jean Baudrillard faz da sobreabundância

Aqui uma reprodução não aceita mais de sua matriz, ela por si só seria "autêntica".

Andy Warhol também trabalharia um pouco nesse conceito e não à toa: Elvis assim como Marilyn Monroe e as latas de sopa Campbell seria retratado na icônica tela de 1963 em que ele aparece replicado. A imagem de Elvis é Elvis. A imagem é também um meio interessante de perceber melhor a obra genial de Elvis Presley. É fuga do usual em quadramento sensacionalista — mesmo com Elvis — de ascensão e queda típico das biografias de artistas geniais e excêntricos, de Mozart a Picasso.

A história de Elvis é conhecida, suabastante acessível. Em suma, ele revolucionou as fronteiras musicais e levou o gospel, o blues, o R&B até o country para o que seria a gênese mais potente do rock. Não só seu feito se dá numa selvagem mise en scene de palco, mas a técnica posterior

insinuava a sexual impensável ali na metade dos anos 1950. A voz absoluta de um Frank Sinatra entrava muito fundo nas pessoas, mas a de Elvis parecia tomar todo o corpo antes de o penetrar. Os conservadores foram para cima.

Muito por isso, já em 1956, Elvis quis ser um grande ator de cinema tal qual James Dean e Marlon Brando. Mas Hollywood quis dele o seu maior talento — ver Elvis Presley. Fez alguns filmes notáveis, como "Balada Sangrenta", dirigido por Michael Curtiz em 1958. Frequentou o cinema de entretenimento dos anos 1960 e depois a "Sessão da Tarde" em danças e comédias românticas como "Feitiço das Vampiras" de Norman Taurog, e o entusiasmático "Viva Las Vegas", de George Sidney.

Em todos eles, Elvis cantava em algum momento. E, em todos eles, o ator Elvis Presley era Elvis Presley. Ele não era um ator, ele era

um artista sob controle: pouco a ver com a pelvis movendo que ele levava aos shows. Hollywood é quase sempre, nesses casos, mais a excentricidade para um "bem maior".

Foi uma década intimamente complicada para Presley. Ele, que foi estopim de uma vasta mudança comportamental e artística nos Estados Unidos, assistia sentindo aos ventos da contracultura ganhando vulto. Até entrar em 1968, a sua revolução pessoal. O show de final de ano da NBC seria para a família, celebrando o Natal, mas o encontro entre Elvis e o diretor Steve Binder gerou uma obra-prima da história da música.

Aquele "68 Comeback" transformou Elvis em um ícone sexual, mas no banguinho e violão (e guitarra) cantando uma farfura do cancionário e, mais importante, remetendo aos direitos civis e à brutal morte de Martin Luther King. Esse Elvis se roupa de couro

preta ou be-ssimoterno-acho, com seu primeiro nome proeminente estampado no fundo, remete a aquele artista rebelde, pulsante e libertário lá de trás.

Os anos 1970 não foram muito fáceis para o astro, mais do que nunca preso ao seu empresário, o Coronel Tom Parker, um pilantra que, de certo modo, abriu a ele muitas portas da mesma forma que o manteve acorrentado a situações absurdas. É nesse período que a imagem — até então a mesma dos anos 1950 — ganha alguma pincelada mais forte, com as costeletas ganhando volume extra as roupas mais carregadas e aderentes e performance mais apoteósica.

Na verdade, absolutamente achei o Elvis dos anos 1970 meio over, sendo o que ele é. Na verdade, mais que nunca, Elvis se torna uma espécie de símbolo. Assume a sua voz e arfona — a voz de Deus — e ganha ali uma dimensão monumental.

E como se ele fosse um sol que emanasse sua luz, ou se já, sua arte irradiando para todo o palco, dos instrumentistas às brilhantes câmeras do coral. Elvis como uma entidade que habita o imaginário coletivo, parte de uma cultura material externa, imortal.

Essa imortalidade do Elvis artista, sua imagem em si, sua exigiu contudo uma contaminação do corpo físico. O símbolo sempre transcende a imanência, e sua expansão é uma espécie de libertação do limitado mundo físico para um imaginário coletivo.

Sem dúvida, isso é explorado pelos capitalistas e pelo lado sedes de seu fiel público, mas Elvis talvez tivesse o mesmo pensamento: que os barbaqueiros não iguarias gordas — construíram a iconografia própria. E, voz e imagem se confundindo, ele jamais poderia seibir aos palcos. Até sua morte. Ainda que Elvis não morreu,



O ator Austin Butler, protagonista do "Elvis"

Continuação da pág. C2

A direção, assim como parte do roteiro, é assinada por Baz Luhrmann, o mesmo de "O Grande Gatsby", de 2013, do musical "Moulin Rouge", de 2001, e daquele "Romeu + Julieta", de 1996, que ajudou a transformar Leonardo DiCaprio numa estrela mundial.

E que Luhrmann faz aqui é um filme filigrana com tantos efeitos especiais que a câmera do pobre espectador entra em "filic" (a menos que se trate de um membro das gerações X, Y ou Z). Não há certeza que a pós-produção do filme não meta coisas na tela.

Se o jovem Elvis pré-estrelado está dirigido-se, caminhando, um mapa com sua rota pelos estados aparece ao fundo. Se ele está espionando uma vitrine a placa com o nome da loja ganha vida, ocupa a tela inteira e se transforma na placa de outra loja de outra cidade e é lá que estamos agora.

Os atores, às vezes, falam com a câmera. Palavras são escritas na tela. O nascimento de Elvis é contado em forma de desenho animado. Quando uma história importante de sua vida se desenrola diante dos nossos olhos, isso não é suficiente. É preciso

haver uma mulher negra cantando um blues num bar vizinho para alterar as imagens dela com as dele o tempo todo.

Para transmitir suspense, cenas paralelas. Para causar impacto, câmera lenta. Para chamar a juventude para no alto falante. Isso mesmo, no filme sobre Elvis Presley, há raps contemporâneos em pelo menos duas ocasiões.

A grandiosidade da música é outro aspecto que se torna cansativo. A cada história, os conflitos são resolvidos como se fossem o fim do filme com orquestras altas e o triunfo do protagonista. E com se

houvesse inúmeros finais.

Então, esses são os entendimentos sobre o formal do filme de Baz Luhrmann.

Quanto ao conteúdo, sim, ele consegue fazer arrepiar quando Elvis dá seu primeiro show. Repete a estratégia mais duas vezes pelo menos: no especial de Natal e na estreia em Las Vegas. Aliás, Austin Butler no papel do rei do rock americano está impecável. O problema é que não há muita profundidade em seu Elvis.

Há mais no Coronel Parker, empresário do cantor, mas é natural, já que o filme todo é contado do ponto de vista de

le. Sob pesada maquiagem, Tom Hanks consegue encarnar um homem de duas facetas, que é um segundo pai e também o vilão, um incentivador e abridor de portas mas também um mesquinho e abominável aproveitador.

Nos últimos anos, Elvis vem sendo o rogado no fogo de raio sob acusações de apropriação cultural. Ele roubou a música dos negros e tornou o espaço deles, dizem. Então o diretor inventa um Elvis politizado e provamos tantos dos artistas e personalidade dos negros quanto de suas posições de enfrentamento à

criminoso segregação racial dos anos 1950 na América.

Dois horas e 30 minutos? Não, não precisava. Há diversas músicas repetidas, com os mesmos arranjos, que parecem gordas e ad de ser cortadas. Mas não é o fim do mundo ter de ouvir de novo uma boa canção. Aquela mania de estrela para a tradução, que não deixou as músicas de fora. Quando Elvis canta, há legenda. Aoba, "Elvis" consegue, sem dúvida, apresentar o cantor americano às novas gerações. Talvez, certo. Mas um Elvis melhor do que ele, amais foi

Face obscura de Eichmann vem a público em fitas nazistas secretas

Provas de que homem não era apenas engrenagem do Holocausto são tema de série 60 anos após seu julgamento

Isabel Kershner

TEL AVIV | THE NEW YORK TIMES
Seis décadas depois do histórico julgamento de Adolf Eichmann, um dos principais engenheiros do Holocausto, em Jerusalém, uma nova série de documentários israelense oferece uma culminância dramática — as confissões jactanciosas do criminoso de guerra nazista, em sua própria voz.

As horas de gravações em fita, negadas aos procuradores públicos israelenses na época do julgamento de Eichmann, formam a base para "The Devil's Confession: The Lost Eichmann Tapes", ou a confissão do Diabo, as fitas perdidas de Eichmann, que vem despertando interesse intenso em Israel desde que começou a ser exibida, no mês passado.

As gravações terminaram em poder de proprietários privados, depois que foram feitas em 1957 por um nazista holandês, e mais tarde foram parar em um arquivo do governo alemão, que em 2020 deu aos criadores da série, o produtor Kobi Sitt e o diretor Yair Mozer, a permissão de uso.

Eichmann foi executado insistindo em que era apenas um funcionário que cumpria ordens e negou qualquer responsabilidade pelos crimes. Descrita como apenas uma pequena peça no aparato estatal encarregado de organizar o transporte ferroviário, a mediocridade que ele professava deu origem à teoria da filósofa Hannah Arendt sobre a banalidade do mal.

A série de documentários intercala as palavras enregatadas de Eichmann em defesa do Holocausto, em alemão, a encenações que reproduzem reuniões de simpatizantes nazistas em Buenos Aires, em 1957, onde as gravações foram feitas.

Expondo o antisemitismo visceral de Eichmann, seu zelo por caçar judeus e seu papel na mecânica do homicídio em massa, a série apresenta ao grande público provas que ficaram de fora do julgamento.

Há uma hora em que se pode ouvir Eichmann matando uma mosca que zumbia pela sala e descrevendo como um inseto "de natureza judaica".

Ele disse aos seus interlocutores que "não se incomodava" em saber se os judeus que enviava a Auschwitz viveriam ou morreriam. Tendo negado seu conhecimento sobre o destino deles, durante o julgamento, nas fitas ele declara que a ordem era de que "judeus aptos a trabalhar deviam ser forçados a trabalhar, judeus inaptos a trabalhar deviam ser enviados para a 'solução final', ponto, o que significava destruição física.

"Se tivéssemos matado 10,3 milhões de judeus, eu diria, com satisfação, que bom, des-

truímos um inimigo". Assim teríamos cumprido nossa missão", ele disse, se referindo a todos os judeus da Europa.

Mozer, o diretor e também um dos roteiristas da série, neto de sobreviventes do Holocausto, disse que "isso serve como prova contra aqueles que negam o Holocausto e é uma forma de mostrar a verdadeira face de Eichmann".

O julgamento de Eichmann aconteceu em 1961, depois que agentes do serviço de espionagem israelense, o Mossad, o sequestraram na Argentina e o transportaram a Israel. Depoimentos chocantes de sobreviventes e os horrores do Holocausto foram delineados em detalhes brutais, para os israelenses e o resto da planície.

O tribunal dispunha de vasta documentação e de numerosos depoimentos sobre os quais basear sua condenação de Eichmann. A promotoria também havia obtido mais de 700 páginas de transcrições das gravações feitas em Buenos Aires, com correções anotadas na letra de Eichmann.

Mas o acusado afirmou que as transcrições distorciam suas palavras. A Corte Suprema de Israel não as aceitou como prova, exceto as notas manuscritas, e Eichmann desafiou o procurador público que chefiava a acusação a mostrar as fitas originais, por acreditar que estavam escondidas.

Em seu relato sobre o julgamento, "Justice in Jerusalem", Hausner relatou seus esforços para obter as gravações até o último dia de inquirição, afirmando que "ele dificilmente teria podido negar aquilo que foi dito com sua própria voz".

Hausner escreveu que as gravações tinham sido oferecidas a ele por US\$ 20 mil, uma quantia imensa na época, e que ele estava preparado para autorizar o pagamento, "considerando sua importância histórica". Mas o vendedor, não identificado, impôs a condição de que elas só fossem levadas a Israel após o julgamento.

As gravações foram realizadas por Willem Sassen, jornalista holandês que foi oficial da SS nazista e trabalhou como propagandista para a Alemanha na Segunda Guerra. Parte de um grupo de fugitivos nazistas refugiados em Buenos Aires, ele e Eichmann decidiram iniciar o projeto de gravações com o objetivo de publicar um livro depois da morte de Eichmann. Membros do grupo se reuniam durante horas a cada semana na casa de Sassen, para beber e fumar.

Eichmann falava e falava. Depois da captura de Eichmann pelos israelenses, Sassen vendeu as transcrições à revista americana Life, que publicou uma versão resumida do documento. Hausner descreveu a versão como "smeada".

Depois da execução de Eich-



Adolf Eichmann, responsável por levar milhões de judeus aos campos de extermínio

Reportagem

mann, em 1962, as gravações originais foram vendidas a uma editora europeia e, por fim, terminaram em poder de uma empresa que optou por se manter anônima e depositou as fitas no arquivo federal alemão em Koblenz, com instruções de que só fossem usadas para pesquisas.

Bettina Stangneth, filósofa e historiadora alemã, baseou parcialmente o seu livro "Eichmann Before Jerusalem", ou Eichmann antes de Jerusalém, de 2011, nas gravações. As autoridades alemãs liberaram alguns minutos para o público, mais de duas décadas atrás, "afim de provar que elas existiam", segundo Mozer.

Sitt, o produtor do novo documentário, fez um filme sobre Hausner para a televisão israelense 25 anos atrás. A ideia de obter as gravações de Eichmann o interessava desde então, ele disse. Como o diretor, Mozer, ele é israelense e neto de sobreviventes do Holocausto.

"Não tenho medo da memória; tenho medo do esquecimento", disse Sitt, sobre o Holocausto, acrescentando que ele desejava "forne-

cer uma ferramenta que insulfie vida à memória", agora que a geração dos sobreviventes está desaparecendo.

Ele procurou Mozer depois de assistir a "Ben-Gurion: Epil-

logue", um documentário que o colega produziu em 2016, baseado em gravações com o primeiro-ministro fundador de Israel, que tinham ficado perdidas por muito tempo.

As autoridades alemãs e os proprietários das fitas deram aos documentaristas acesso as 15 horas de gravações sobreviventes. (Sassen tinha realizado cerca de 70 horas de gravações, mas regravou muitas das fitas, que eram caras, depois de se transcrever.) Mozer disse que os proprietários das fitas o haviam por fim concordado em dar acesso à equipe por acreditar que eles tratariam o material de forma respeitosa e responsável.

O projeto cresceu e se transformou em uma produção de quase US\$ 2 milhões em parceria entre Metro-Goldwyn-Mayer, Sipru, uma companhia israelense antes conhecida como Tadmor Entertainment, Toluca Pictures, e a rede de TV pública israelense Kan 11.

Uma versão de 108 minutos do documentário estreou como filme de abertura do DocuViv, um festival de documentários em Tel Aviv, no trimestre passado. Em junho, uma versão de 180 minutos foi exibida em três episódios em Israel. A Metro-Goldwyn-Mayer está procurando parceiros para licenciar e veicular a série em todo o mundo.

As conversas na sala da casa de Sassen são entremeadas de imagens de arquivo e entrevistas com participantes sobreviventes do julgamento. As imagens de arquivo foram colorizadas, disseram os realizadores, porque os jovens veem imagens em branco e preto como irreais, como se vissem de outro planeta. Para quem ouve as fitas agora, as confissões escancaradas de Eichmann são chocantes.

"É uma coisa difícil, o que estou contando", Eichmann diz na gravação. "Se eu sei ser julgado por isso. Mas não posso dizer qualquer coisa de diferente. É a verdade. Por que eu a negaria?" "Nada me irrita mais", ele acrescentou, "do que uma pessoa que mais tarde nega aquilo que fez".

Tradução de Paulo Migonzi

Morre Monty Norman, compositor do tema do 007

SÃO PAULO Morreu nesta segunda-feira Monty Norman, compositor britânico responsável pelo tema do agente 007 nos cinemas. A informação, divulgada no site do músico, aponta a causa da morte para uma "breve doença". Ele tinha completado 94 anos em abril. Desde que trabalhou no primeiro filme do espionagem

ado por Ian Fleming, "007 Contra o Sotânico Dr. No", em 1962, o tema nunca mais saiu da franquia e da cabeça dos espectadores. Na época, ele tinha sido contratado pelo produtor Albert Broccoli. Mesmo assim, o cinema não foi seu filho principal, já que ele só assina a composição das trilhas de cerca de dez

produções além da franquia — dentre elas, "O Monstro de Duss Caras", de Terrence Fisher, e "Riffiti no Safrã". Em paralelo, Monty Norman trabalhou na composição de diversos musicais, além de ter tocado com Cyril Stapleton, Stanley Black, Ted Heath e Nat Temple como membro de big bands.

Jafar Panahi é detido no Irã após prisão de cineastas

TEREÁ/APP O cineasta dissidente iraniano Jafar Panahi, vencedor do Urso de Ouro Festival de Cinema de Berlim de 2015, foi detido nesta segunda-feira em seu país, segundo a imprensa estatal, se somando a outros dois diretores presos em menos de uma semana. Panahi, de 62 anos, é um dos cineastas iranianos mais

premiados. Ele ganhou o prêmio de melhor roteiro em Cannes em 2018 por "3 Faces", três anos depois de ganhar o Urso de Ouro por "Taxi Teer". As autoridades já haviam detido dois cineastas na sexta-feira, Mohammad Rasoulof (também premiado com o Urso de Ouro por "Não Há Mal Algum") e Mostafa Aghajani.

acusados de de terem incentivado manifestações após o desabamento de um prédio no sudoeste do país em maio. "Ainda não há informações sobre o motivo da detenção de Panahi nem sobre sua conexão com o caso Rasoulof e de outros presos na semana passada", segundo a agência de notícias iraniana Mehr.



Angelo Abu

A terra devastada

Uma vez destruída, a democracia dá um trabalhão danado a recuperar

João Pereira Coutinho

Escritor e doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

O caso Adolf Eichmann está de volta. Uma série documental israelense partilhou alguns duvidos do oficial nazista responsável pela deportação dos judeus para os campos de extermínio. São de arrepiar: "Se tivéssemos matado 10,3 milhões de judeus", afirma Eichmann, "eu diria com satisfação: bom, destruímos um inimigo".

Mas o melhor momento acontece quando Eichmann mata uma mosca e, com ci-

nismo, comenta que o inseto tinha uma "natureza judaica".

As afirmações de Eichmann, ao contrário do que a imprensa afirma, não são uma novidade. A filósofa Bettina Stangneth já tinha revelado a verdadeira cabeça do personagem no livro "Eichmann Before Jerusalem: The Unexamined Life of a Mass Murderer".

Mesmo sabendo que Eichmann era nazista, uma pessoa não pode deixar de pensar em

Hannah Arendt e no seu "Eichmann em Jerusalém".

Os leitores sabem do que falo: em 1961, Arendt viajou para Israel como repórter da New Yorker para o julgamento de Eichmann. E apenas encontrou um homem de uma mediocridade imensa, destituído de pensamento, consciência ou consideração pelos outros ("thoughtlessness", para usar a categoria célebre), que participou nas ma-

tações de forma burocrática.

Ponto importante: Arendt nunca afirma que os crimes de Eichmann são banais. Pelo contrário, são monstruosos. A "banalidade do mal" está no próprio Eichmann, que cometeu esses atos sem ser movido por uma maldade especial.

O livro de Arendt nunca me convenceu — e, mais, sempre olhei para ele como um desvio imperdoável das suas reflexões anteriores sobre a natureza do

totalitarismo. Os motivos da discórdia são dois.

O primeiro, agora óbvio, é que Eichmann nunca foi esse ser "banal", incapaz de pensamento ou consciência que pensam. Foi um zeloso nazista, que sempre se orgulhou do seu papel na "solução final" e que nutria pela "raça judaica" um ódio imperturbável.

Fazendo de conta que Hannah Arendt tinha razão, nem assim Eichmann seria banal.

Além, arrisco dizer que a alegada banalidade de Eichmann o tornaria ainda mais hediondo. A ausência de pensamento ou consciência demonstra um grau de alienação que está muito acima do vulgar criminoso, que mata por necessidade, ambição ou desvario momentâneo.

Mas a tese de Hannah Arendt também falha à luz dos seus escritos anteriores.

Em "As Origens do Totalitarismo", a obra-prima da autora, Arendt explicou de forma magistral como as ideologias totalitárias contribuíam para a construção dessa forma nova e radical de política.

Na "terra devastada" que a Primeira Guerra Mundial legou aos indivíduos, a ideologia soube resgatá-los desse vazio moral e espiritual, recrutando todas as suas energias na busca da salvação terrena.

Adolf Eichmann foi um deles: a sua adesão ao nazismo foi consciente e racional, derrotando assim a tese dos que acreditam que o conhecimento é virtude. Não sempre.

Como lembrava George Steiner, é perfeitamente possível ler Goethe ou escutar Mozart

ao serão e, no dia seguinte, trabalhar nas câmaras de gás.

2) Um bolsonarista invadiu uma festa de aniversário e matou um militante petista.

Éis a ideologia no seu melhor: desumanizando o outro justificando a matança. Será apenas um aperitivo das eleições que se aproximam?

Sei lá. Mas sei que o saudoso Roger Scruton (1944 - 2020) tinha razão quando afirmava que as democracias só funcionam quando existe uma nação primeiro — não no sentido agressivo e torpe que o nacionalismo defende, mas no sentido histórico, cultural, moral, como partilha de um espaço comum.

As nossas sociedades são sociedades de estranhos, dizia Scruton. A única forma de estranhos acelerarem os resultados de uma eleição, sobretudo quando esses resultados são contrários às suas preferências políticas, é pelo reconhecimento de que, apesar das diferenças, o outro faz parte do mesmo barco.

Onde esse espaço não existe — por exemplo, em sociedades divididas por religiões, etnias ou até nacionalidades diferentes e conflitantes — a democracia deixa de ser aquele sistema de "one man, one vote" e passa a representar "one man, one vote, one time".

Palavras proféticas. Que captam o clima de pré-guerra civil em que o Brasil (e os Estados Unidos, já agora) vai mergulhando com entusiasmo.

Cuidado, Brasil: o problema da democracia é que, uma vez destruída, ela dá um trabalhão danado a recuperar.

| sec. Luiz Felipe Pondé | tra. João Pereira Coutinho | qua. Marcelo Coelho | oui. Drauzio Varella, Fernanda Torres | sex. Djamilia Ribeiro | sáb. Mario Sergio Corti

coleção **FOLHA GRANDES PINTORES**

HOKUSAI (A grande onda)

Você por dentro das obras de arte mais impactantes de todos os tempos.

A genialidade e a beleza das pineladas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Frida Kahlo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

PRÓXIMO DOMINGO NAS BANCAS

Tarsila do Amaral
O talento genuinamente brasileiro

APENAS R\$22,90 CADA LIVRO

PAUL KLEE
A arte da simplicidade

REMBRANDT
O mestre da dramática

VAN GOGH
A paixão pelo fogo

PREÇO 12x
sem juros no cartão

FRETE GRÁTIS

Peça sua coleção completa
Ligue 11 3224 3090 (Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080 (outras localidades)
DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FÉRIADOS, DAS 8h ÀS 14h

folha.com.br/grandes pintores

COMPRE POR AQUI
ESCANDE O QR CODE

FOLHA
REVISTA DE CULTURA

comida

Salsão, cenoura, alho e cebola são base para caldo; também vale aproveitar ingredientes que seriam descartados, como ossos, talos e cascas. *Andara Brant/Folhapress*

Caldo em tablete faz parte da culinária, mas há alternativas

Chefs sugerem receita caseira, que não é 'bicho de sete cabeças' de se fazer

Katherina Cordás

SÃO PAULO Poucos ingredientes representam tão bem a dualidade entre a preocupação com a saúde e a concessão à praticidade na cozinha quanto os caldos em forma de tablete.

Enquanto os vigilantes se preocupam com os malefícios de seu uso, os cozinheiros do mundo moderno — e corrido — se justificam lembrando que, para produzir um rico e saboroso caldo caseiro, que adicione camadas de sabor a uma receita, é preciso cozinhar por horas e horas. Caldos caseiros e industrializados são comumente feitos dos mesmos ingredientes: proteínas, vegetais e temperos. A diferença é que, nos caseiros, os ingredientes são usados em sua forma fresca e natural, enquanto nos industriais esses elementos são liofilizados e, então, acrescidos de sódio, conservantes e aromatizantes artificiais.

“Os caldos industrializados não são vilões por si só. Se utilizados dentro de um contexto de alimentação equilibrada, eles são facilitadores para

o consumo de alimentos caseiros e saudáveis, uma vez que fornecem sabor e podem ser ferramentas importantes para estimular, por exemplo, o aumento do consumo de vegetais”, acredita Gisele Bannwart, nutricionista e engenheira de alimentos.

Natália Santos, chef da Unilever, diz que os caldos da Knorr, marca parte do guarda-chuva da empresa, não possuem conservantes adicionados às fórmulas e são feitos com ingredientes cultivados de maneira sustentável.

“A Knorr vem reformulando seu portfólio ao longo dos tempos para melhor atender às necessidades dos consumidores e trouxe recentemente ao mercado inovações como a linha zero sal. É comum encontrar cadernos de receitas que passam de geração em geração, e as receitas de família mais icônicas e saborosas possuem caldo Knorr no seu preparo”.

De fato, é inegável a presença dos caldos industriais nas cozinhas do país. Para o sociólogo Carlos Alberto Dória, os caldos fazem parte da culinária, sejam originados nas

Segundo Carlos Alberto Dória, caldo de carne foi inventado para facilitar transporte de proteína. *Frederico Basso/Agência O Globo*

“Eu consigo identificar uma comida na qual vai caldo industrializado. Fica com aquele gostinho artificial, que acaba mascarando muitas vezes o sabor dos outros ingredientes

Helena Rizzo
chef e apresentadora de TV

soluções industriais ou feitos no momento.

“Mas os caldos industrializados, isto é, os liofilizados, substituíram caldos caseiros por razões de praticidade e não pela criação de um novo hábito alimentar ou coisa do gênero. A resistência a esses caldos se deve ao seu excesso de interferência química no sentido de preservar proteínas”, diz Dória.

“O caldo de carne foi inventado em 1850 e pouco. Essa inovação foi muito utilizada no Rio Grande do Sul ainda no século 19, quando se pesquisava a produção de formas de acondicionar carnes e seus derivados para exportação. Esses caldos de preparação imediata repetem esse procedimento, que é transportar o elemento proteico e reidratar no local de consumo”.

“Quando minha mãe descobriu os tabletes mágicos de caldos, passou a usá-los”, lembra a chef do restaurante Tardesilhas e pesquisadora da cozinha brasileira, Mara Salles. “Ela, mesmo sem conhecer o sabor umami, instintivamente explorava o sabor do glutamato natural do tomate, pimentão, couve-flor, e fazia isso com maestria para suprir a ausência da carne em tempos difíceis”.

“Porém, quando preparava legumes de sabores menos marcantes como abobrinha, chuchu, e até algumas sopas sem proteína, sempre argumentava que ‘com um caldinho de carne isso fica uma delícia, e fica mesmo’”.

Para Helena Rizzo, chef do

Mané e apresentadora do programa Masterchef, os caldos industrializados chegaram por meio de seu pai. “Ele fazia muitos risotos, purês, e volta e meia botava um pedacinho do caldinho de tablete, e a gente gostava muito da comida dele”, conta.

“Quando eu comecei a trabalhar com comida, meu pai também foi se envolvendo cada vez mais com a cozinha. Eu implicava com ele toda vez que ele usava caldinho de tablete em casa e, hoje em dia, ele não usa mais”.

Com uma grande pesquisa sobre caldos, o chef mineiro Caio Soter, à frente do restaurante Pacato, em Belo Horizonte, acredita que a memória afetiva do brasileiro é “constituída à base do caldo de tablete”.

“Na minha família se usava e eu acredito que eles fazem parte da cultura culinária do brasileiro, trouxeram praticidade para uma vida mais corrida. Mas acho que é um comportamento do qual devemos buscar nos afastar. De qualquer forma, só de falar sobre caldo de tablete, já me dá água na boca”, brinca.

A água na boca, no entanto, não é a toa. Muitos dos caldos têm uma porcentagem de glutamato monossódico, o umami, muito conhecido como o quinto sabor, presente de forma natural em ingredientes como tomate, cogumelos e queijo parmesão.

“Não tenho dúvidas de que esses caldos industrializados são muito práticos e em tempos de fome, como agora, podem trazer a lembrança da carne, mas a um custo muito alto para a saúde”, pontua Mara Salles.

“Eu consigo identificar uma comida na qual vai caldo industrializado. Fica com aquele gostinho artificial, que acaba mascarando muitas vezes o sabor dos outros ingredientes”, garante Helena Rizzo.

Betty Kovesi, à frente da Escola Wilma Kovesi de Cozinha, em Pinheiros, conta como o assunto é abordado em sala de aula. “Nossa lição número um é ensinar que o caldo nada mais é do que um líquido saboroso que entra em um preparo para realçar sabor. A lição número dois é para que criem o hábito de ler no rótulo os ingredientes que compõem o alimento que se está comprando”, diz.

Para facilitar a vida de cozinheiros amadores, a escola passou a vender caldos congelados que tivessem a mesma praticidade dos caldos industriais. Marina Hernandez, chef na Wilma Kovesi, conta que eles produzem semanalmente caldos de carne, aves, legumes e camarão. Custam de R\$ 29 a R\$ 39 o litro.

“Caldos não é um bicho de sete cabeças como as pessoas pensam”, diz Helena Rizzo. “É possível fazer um caldo gostoso em 20, 30 minutos. Além disso, também é uma maneira de aproveitar excedentes de ingredientes que se tem em casa. Faz um frango assado e sobram ossos? Aproveita no caldo. Talos e cascas de verdura que iriam para o lixo? Também dá para aproveitar”.

NAÇÃO CHURRASQUEIRA

Cordeiro combina com marinada de limão siciliano

Outro dia estava fazendo comparsa na feira o limão siciliano estava em promoção. Eu amo limão siciliano, e acabei comprando algo — paguei R\$10 e fiz um estoque em casa.

Pesquisei algumas receitas e me deparei com uma conservada de limão, que leva sal. Resolvi testar, e deu muito bom! Essa conserva vai intensificando o sabor do limão ao passar das semanas e, quanto mais tempo fica, melhor é.

Usei para fazer maionese, salada e em uma marinada

para cordeiro que combinou perfeitamente. Essa marinada, na verdade, serve para outros tipos de carne, como a de porco, a de frango, o coelho ou javali.

Para a conserva, é só cortar o limão em oito partes, retirar as sementes e construir camadas de limão e sal fino, até completar o pote de vidro devidamente esterilizado. A cada semana mexa o vidro até o sal se dissolver completamente. Em duas semanas estará pronto.

Larissa Morales

folha.com/blog/nacao-churrasqueira

Cordeiro depois do molho e de assar no forno. *Larissa Morales*

Paleta de cordeiro

Ingredientes

- 1 paleta de cordeiro.
- 1% do peso de sal (para essa parte, deve-se contar os quilos da paleta e dos líquidos).
- ½ litro de vinho branco.
- 3 folhas de louro.
- 1 cebola.
- 6 dentes de alho.
- 8 cascas de limão em conserva picado (não usar a parte branca das frutas para não amargar).
- 100 ml de azeite.
- 10 g de pimenta do reino branca.
- 1 litro de água.

Preparo

- Bater no liquidificador o vinho com todos os ingredientes exceto a água.
- Acrescentar a água até cobrir e deixar marinando por três dias.
- Assar no forno por 1h30 a 180°C no papel alumínio.
- Retire o papel alumínio e passe uma mistura de partes iguais de mel com chimichurri (a receita do chimichurri já passou por aqui na coluna).
- Volte a paleta para o forno até dourar, por cerca de 15 minutos a 200°C.